



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

JULIANA APARECIDA PEREIRA

**O PAPEL DO PROFESSOR COLABORADOR NOS  
ESTÁGIOS CURRICULARES SUPERVISIONADOS  
NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

SÃO CARLOS-SP  
2021

JULIANA APARECIDA PEREIRA

O PAPEL DO PROFESSOR COLABORADOR NOS ESTÁGIOS CURRICULARES  
SUPERVISIONADOS NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas, da Universidade de Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre Profissional em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Dijnane Vedovatto

SÃO CARLOS-SP

2021



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Juliana Aparecida Pereira, realizada em 30/08/2021.

**Comissão Julgadora:**

Profa. Dra. Dijnane Fernanda Vedovatto Machado (UFSCar)

Profa. Dra. Larissa Cerignoni Benites (UDESC)

Profa. Dra. Caroline Camielli Biazolli (UFSCar)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação.

Dedico este trabalho ao meu pai Wanderlei e a minha mãe Marlene que não pouparam esforços para me proporcionarem uma boa educação. Ao meu irmão Eduardo que sempre esteve ao meu lado. Este trabalho é fruto de todo amor que eu tenho por essa família e pela minha profissão.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço ao meu Deus que não me deixou nunca desamparada, esteve ao meu lado nos dias mais difíceis desse processo e que colocou esse grande sonho dentro do meu coração e aqui estamos a realizar.

Agradeço aos meus familiares, ao meu pai Wanderlei, sinônimo de amor que nunca mediu esforços para me apoiar na minha caminhada na educação. A minha mãe Marlene, que é sinônimo de esforço e dedicação e foi assim que eu construí esse trabalho e ao meu irmão Eduardo que esteve sempre comigo, eu amo vocês mais que tudo.

Agradeço ao Junior meu par que soube ter paciência e resiliência durante todo o processo me incentivando com palavras e presença, não permitindo que a palavra desistir fizesse parte disso, te amo tanto meu amor.

Agradeço ao meu companheiro de madrugadas e silêncios, Lucke você renovou minhas energias com suas lambidas, passeios, abanadas de rabo, meu filho de quatro patas a vida muito é muito mais fácil com seus simples gestos.

Agradeço as minhas amigas de vida Tati, Cah, Bibi, Paty, Bela, Greice que compreenderam a minha ausência e meus inúmeros 'nãos' durante todo esse percurso, obrigada meninas pela amizade de sempre.

Agradeço as minhas queridas e para sempre amiga da pós-graduação Stephanie pela troca de ideias, de saberes, de dúvidas, com certeza o mestrado ao seu lado ganhou um sentido maior ainda, Lígia o destino nos uniu desde o primeiro momento desse para que você fosse minha fortaleza durante toda essa trajetória, obrigada meninas por essa amizade que vou levar para o resto da minha vida.

Agradeço as equipes das escolas de Educação Infantil "Maria do Carmo Balestero Gutierre" e "Myrian Aparecida Pallota Dos Santos" por serem minha casa de profissão e me apoiarem neste momento.

Agradeço aos meus amados alunos nesses 11 anos de docência, todo e qualquer esforço em meu desenvolvimento profissional foi para proporcionar a vocês uma educação de qualidade.

Agradeço a confiança e presteza dos professores colaboradores e estudantes participantes desta pesquisa, minha eterna gratidão para com as trocas de experiências vividas durante esse processo.

Agradeço ao grupo de Pesquisa DEFEF pelos saberes compartilhados, como foi bom construir diálogos tão ricos com todos vocês.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação Profissional da Universidade Federal de São Carlos e a todos os seus docentes, em especial a minha orientadora Dijnane Vedovatto por ter ampliado meu olhar sobre a temática deste trabalho, sempre presente disposta a me auxiliar. Obrigada pela orientação e parceria, por ter possibilitado o meu desenvolvimento profissional.

Agradeço às professoras Dra. Caroline e Profa. Dra. Larissa, membros da banca de defesa, pelas colaborações para o desenvolvimento desse trabalho.

## RESUMO

O Estágio Curricular Supervisionado (ECS) é um momento privilegiado, no qual os futuros professores têm a possibilidade de articular teoria e prática, uma vez que há a inserção no campo de atuação. Esse período proporcionará aos estagiários experiências no contexto da sua futura profissão. Nesse sentido, as Instituições de Ensino Superior (IES) e as escolas campo precisam desenvolver um trabalho articulado que contribua com a formação de professores, possibilitando que eles transitem entre esses diferentes espaços. O docente que recebe o estagiário na escola é uma figura central nesse processo, pois é ele que faz o acompanhamento dos estudantes na escola. Deste modo, o objetivo desse estudo foi compreender qual o papel do professor-colaborador na formação de professores de Educação Física em uma universidade pública do interior de São Paulo, no âmbito ECS. A pesquisa de abordagem qualitativa do tipo exploratória-descritiva, teve como técnicas de coleta de dados a entrevista semiestruturada com 5 estagiários e 5 professores colaboradores e a análise documental dos relatórios da disciplina de ECS produzidos pelos 5 alunos entrevistados. A análise dos dados foi feita por meio da análise de conteúdo que envolveu três etapas: ordenação dos dados, classificação dos dados e análise final. A partir da análise emergiu o primeiro eixo “A parceria universidade e escola nos estágios” em que a IES e a escola têm um papel a ser desenvolvido no âmbito dos estágios, o qual reflete na formação dos futuros professores. A parceria entre essas duas instituições na formação inicial é fundamental para a compreensão e o desenvolvimento desse papel, a escola passa a ser reconhecida como lócus de formação. O segundo eixo “Saberes do professor-colaborador” apresenta o professor-colaborador que atua na escola como uma figura imprescindível para os estágios, pois através das suas ações e orientações ele insere e auxilia os futuros professores em seu campo profissional, mobilizando saberes da sua experiência. Diante desse cenário, evidencia-se a necessidade do reconhecimento do professor-colaborador como formador no âmbito dos estágios, sendo necessária formação para o desenvolvimento deste papel, que pode ser realizada por meio da parceria entre IES e escola. Concluímos que o professor colaborador tem um papel significativo nos estágios, pois ele é um co-formador dos futuros professores e, diante disso, a necessidade de ações que envolvam a parceria entre universidade e escolas na direção de promover formação continuada desses profissionais.

**Palavras Chaves:** Formação docente. Estágio Curricular Supervisionado. Educação Física. Professor(a) Colaborador(a).

## ABSTRACT

The Supervised Curricular Internship (ECS) is a privileged moment in which future teachers have the possibility to articulate theory and practice, once there is the insertion in the field. This period will provide trainees with experiences in the context of their future profession. In this sense, the Higher Education Institutions (IES) and the field schools need to develop an articulated work that contributes to teacher education, allowing them to move between these different spaces. The teacher who receives the trainee in the school is a central figure in this process because he or she is the one who monitors the students in the school. Thus, the purpose of this study was to understand the role of the teacher-collaborator in the training of Physical Education teachers at a public university in the countryside of São Paulo, within the ECS. The qualitative exploratory-descriptive research had as techniques of data collection the semi-structured interview with 5 trainees and 5 collaborating teachers and the documental analysis of the reports of the subject of ECS produced by the 5 interviewed students. The data analysis was done by means of content analysis, which involved three stages: data ordering, data classification, and final analysis. From the analysis emerged the first axis "The university and school partnership in the internships" in which the IES and the school have a role to be developed in the internships, which reflects on the training of future teachers. The partnership between these two institutions in initial training is fundamental for the understanding and development of this role, and the school is now recognized as a training location. The second axis "Knowledge of the teacher-collaborator" presents the teacher-collaborator who works in the school as an essential figure for the internships, because through his actions and guidance he inserts and helps future teachers in their professional field, mobilizing knowledge from his experience. In this scenario, it is evident the need for the recognition of the teacher-collaborator as a trainer in the context of the internships, requiring training to develop this role, which can be carried out through a partnership between IES and schools. We conclude that the cooperating teacher has a significant role in the internships, since he/she is a co-trainer of future teachers and, in view of this, the need for actions that involve the partnership between university and schools in the direction of promoting continuous training of these professionals.

Keywords: Teacher education. Supervised Curricular Internship. Physical Education. Collaborating teacher.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Abordagens sobre dos estudos da BDTD. ....	17
FIGURA 2 - Etapas da análise do conteúdo.....	45

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Classificação dos saberes docentes. ....	34
QUADRO 2 - Caracterização dos Participantes da Pesquisa. ....	40

## LISTA DE SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
DEFEF	Docência, Estágio Supervisionado e Formação de Professores em Educação Física
ECS	Estágio Curricular Supervisionado
GEPEFOP	Grupo de Pesquisa Estágio e Formação de Professores
IES	Instituições de Ensino Superior
NEPEF FPCT	Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação Física - Formação Profissional e Campo de Trabalho
Ope	Orientação Pedagógica
PC	Professor – Colaborador
PPP	Projeto Político Pedagógico
PRP	Programa Institucional Residência Pedagógica
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEM	Universidade Federal de Maringá
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
1.1. O problema do estudo.....	14
1.2. Objetivos .....	21
1.3. Organização do estudo .....	21
<b>2. QUADRO CONCEITUAL .....</b>	<b>23</b>
2.1. A formação de professores .....	23
2.2. A profissão docente e os Estágios curriculares supervisionados.....	26
2.3. O papel do professor colaborador, ações e saberes.....	32
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>37</b>
3.1. Caracterização do estudo .....	37
3.2. Contexto da Pesquisa .....	38
3.3. Participantes do estudo.....	39
3.4. Técnicas para a coleta de dados .....	41
3.4.1. Entrevista .....	41
3.4.2. Fonte documental .....	43
3.5. Análise dos dados.....	44
3.6. Organização dos dados .....	48
<b>4. A PARCERIA UNIVERSIDADE E ESCOLA NOS ESTÁGIOS.....</b>	<b>49</b>
4.1. O papel da universidade .....	49
4.2. O papel da escola .....	53
4.3. A parceria universidade e escola nos ECS .....	57
<b>5. SABERES DO PROFESSOR- COLABORADOR .....</b>	<b>63</b>
5.1. Inserção do aluno/estagiário no campo profissional .....	63
5.2. As ações e os saberes do professor-colaborador .....	67
5.3. O estágio como elo entre universidade e escola.....	72
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>79</b>

<b>7. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>83</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>91</b>
Apêndice A - Publicações sobre ECS em EF na BDTD.....	91
Apêndice B - Roteiro de Entrevista Estagiário .....	93
Apêndice C - Roteiro de Entrevista Professor.....	94
Apêndice D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	95
Apêndice E - Entrevista Professor Colaborador 4.....	97
<b>Apêndice G – Entrevista Estagiário 4.....</b>	<b>101</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>107</b>
Anexo A - Relatório De Estágio .....	107
Anexo B - Parecer Aprovação Comitê De Ética E Pesquisa.....	108

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. O problema do estudo

A presente pesquisa trata sobre papel do professor-colaborador nos Estágios Curriculares Supervisionados de Educação Física.

O estágio é uma etapa importante para todos os alunos que buscam a formação acadêmica e profissional. Pimenta e Lima (2011, p.45) afirmam “que o estágio, ao contrário do que se propugnava, não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida esta como atividade de transformação da realidade”. O Estágio Curricular Supervisionado (ECS), é importante na formação inicial de docentes, pois é o momento em que os futuros professores se aproximam da realidade na qual irão atuar. O ECS é um espaço privilegiado para a iniciação à docência, assim como para a reflexão, promovendo uma parceria entre universidade e escola, visando a construção de diferentes saberes (TARDIF, 2013).

Há dois elementos fundamentais para o desenvolvimento dos estágios, que são a universidade e a escola, onde cada uma tem o seu papel, entretanto, no ECS precisam trabalhar em conjunto. A articulação e parceria entre essas duas instituições produz aprendizagens mútuas e contínuas entre os professores e alunos, possibilitando ao estagiário uma maior compreensão e apropriação da complexidade da prática docente.

As experiências vivenciadas no ECS permitem aos futuros professores o contato com a realidade profissional que poderão encontrar, assim como as possibilidades de atuação que terão diante das situações vivenciadas. Nesse sentido, a interação estabelecida com o ambiente profissional é fundamental, sobretudo com o professor da escola de Educação Básica (VEDOVATTO IZA; SOUZA NETO, 2015).

Ao realizar o ECS, o futuro professor tem o contato direto com o docente da Educação Básica que, aqui no presente estudo, nomeamos como professor-colaborador (PC). Ele recebe os estagiários e os acompanha no campo profissional, no entanto, esse docente não recebe nenhuma formação para desempenhar seu papel, carregando consigo a experiência da docência e da prática pedagógica. Ele é dotado de conhecimentos (NÓVOA, 2019; SHULMAN, 2014), saberes (GAUTHIER et al., 1998; TARDIF, 2014), competências e experiências que estão relacionadas ao seu contexto profissional e pessoal.

O professor-colaborador, além de receber os estagiários na escola para a realização do ECS, possibilita a eles o contato com a profissão, ensinando macetes do seu cotidiano, como também cedendo condições e espaço (BENITES *et al.*, 2012). Ele abre as portas de sua sala de aula para diversos estagiários, reproduzindo condutas que acredita serem válidas para a formação profissional (VEDOVATTO IZA; SOUZA NETO, 2015). Compete a ele a responsabilidade de inserir os estagiários na cultura escolar, possibilitando-os experimentar o papel docente e minimizando, assim, o choque de realidade dos primeiros anos de docência (BENITES; SARTI; SOUZA NETO, 2015).

A questão do trabalho do professor-colaborador é bastante importante, sendo algo que tenho questionado em diferentes fases de minha carreira profissional. Inicialmente, em 2008, ingressei no curso de Licenciatura em Educação Física e durante a graduação estive em contato com diferentes saberes que colaboraram para a construção da minha identidade profissional. Entretanto, foi no momento dos estágios que estive ao lado de professores-colaboradores que apresentaram, mais de perto, a minha futura profissão, na perspectiva da prática com saberes experienciais<sup>1</sup> (TARDIF, 2014). Durante esse período, foi possível ter familiaridade com a realidade de uma escola, de uma sala de aula, de um professor de Educação Física e de alunos, essa etapa foi marcada por inúmeras experiências e aprendizados.

Em meu primeiro ano como professora de Educação Física tive a experiência de receber alguns estagiários. Os meses em que eles me acompanharam foram diferentes, lembro dos diálogos sobre conteúdos, disciplina, rotina, planejamento e da troca de informações sobre as aulas. Em um primeiro momento me senti assustada, pois não sabia como faria para orientar esses estudantes, mas, no decorrer do processo, os orientei conforme a minha experiência como aluna-estagiária e minha vivência das situações como professora. O professor da universidade compareceu a escola algumas vezes para conversarmos, assim como para avaliar os alunos nas regências. Hoje, depois de 10 anos na Educação Básica, em outra rede de ensino, continuo recebendo estagiários que procuram a escola para a realização desta etapa. Em busca de cumprir uma carga horária estabelecida para sua formação, eles passam as horas observando as aulas e recorrem a mim raramente para diálogos. Em relação ao professor da universidade responsável pelo estágio, não tivemos qualquer

---

<sup>1</sup>Saberes Experienciais – no capítulo 2 abordaremos a pluralidade dos saberes dos professores, estando os saberes experienciais presente.

interação. Diante disso, passei a refletir sobre a organização e o desenvolvimento dos estágios nos cursos de formação inicial de professores.

Minha participação em eventos que abordam a temática dos estágios, assim como o acompanhamento das reuniões do grupo do Programa Institucional Residência Pedagógica (PRP) Educação Física como convidada/ouvinte para conhecer, com mais proximidade, a organização do programa e, por fim, como membro do grupo de pesquisa Docência, Estágio Supervisionado e Formação de Professores em Educação Física (DEFEF), me fizeram, novamente, experienciar o estágio de outra maneira. Comecei a dar significado a algumas situações que havia vivenciado anteriormente, mas agora com outro olhar, articulando situações do meu cotidiano a partir de reflexões ocorridas nesses espaços. Portanto, constatei uma dimensão ainda maior que o ECS ocupa na formação inicial dos professores, como também na formação contínua dos docentes da educação básica (PIMENTA; LIMA, 2012).

Para Sarti (2009), é no encontro com os estagiários que o professor da escola é desafiado a explicar e justificar sua ação docente. Esse professor passa a refletir sobre sua prática cotidiana, através dos gestos e decisões adotados e que vão sendo, (re)problematizados. Assim, entende-se que os docentes, que aceitam cooperar com as atividades relacionadas à supervisão pedagógica, acabam passando por um novo ciclo de formação. Isso faz com que eles sejam instigados a dar resposta às novas questões e incertezas que perpassam sua atuação profissional, como também desejam estar em contato com o conhecimento de uma aprendizagem nova e mais elaborada (ROSA; VASCONCELOS, 2019).

A partir dessas experiências foi possível fazer algumas reflexões sobre ECS, entre elas estava a de compreender a minha relação com a universidade e com os alunos. Além de entender o papel e a função dos professores-colaboradores na formação de futuros docentes de Educação Física e os saberes advindos dessa relação. A partir disso, algumas indagações foram surgindo. Como os estágios estão sendo desenvolvidos? Quais são as orientações dos normativos sobre esse espaço da formação de futuros professores? Como as IES têm organizado essa etapa da formação inicial dos professores? Como a escola compreende e desenvolve o seu papel nessa etapa da formação inicial dos professores? Como tem ocorrido a articulação da escola e das IES nos ECS? Qual é o papel do professor-colaborador

no ECS? Quais são os saberes que emergem através dessa relação estagiários e professor-colaborador?

A partir de tais questões, para compreensão e aprofundamento a respeito da produção sobre a temática dos estágios em Educação Física, foi realizado um levantamento na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD<sup>2</sup>. Os descritores utilizados foram “estágio curricular supervisionado” e “educação física”. A pesquisa encontrou 27 estudos, no entanto, foi realizado um recorte temporal entre os anos de 2008 e 2018. A escolha desse período se deu em função da promulgação da Lei 11.788 de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre direitos e deveres dos envolvidos nos estágios. Foram descartados 9 estudos por não estarem relacionados com a área da Educação e/ou apresentarem duplicidade na página, restando apenas estudos que faziam parte da temática.

Os trabalhos encontrados estão concentrados na região Sudeste e Sul do país, mais precisamente, em universidades que possuem grupos de pesquisas vinculados à questão da formação de professores/estágios. A maioria deles encontra-se na Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Rio Claro e na Universidade Federal Pelotas (UFPel) no Rio Grande do Sul.

Na UNESP de Rio Claro temos o Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação Física - Formação Profissional e Campo de Trabalho (NEPEF-FPCT), o qual contempla dois grandes polos de pesquisa, a formação profissional e o campo de trabalho. A formação profissional engloba a formação inicial, a formação continuada e o desenvolvimento pessoal e profissional. Já o polo de campo de trabalho abrange a inserção profissional, a intervenção profissional e o trabalho do profissional de educação física. Já na UFPel encontramos o Grupo de Pesquisa Estágio e Formação de Professores (GEPEFOP), que vem buscando compreender os processos dos estágios em cursos de formação de professores.

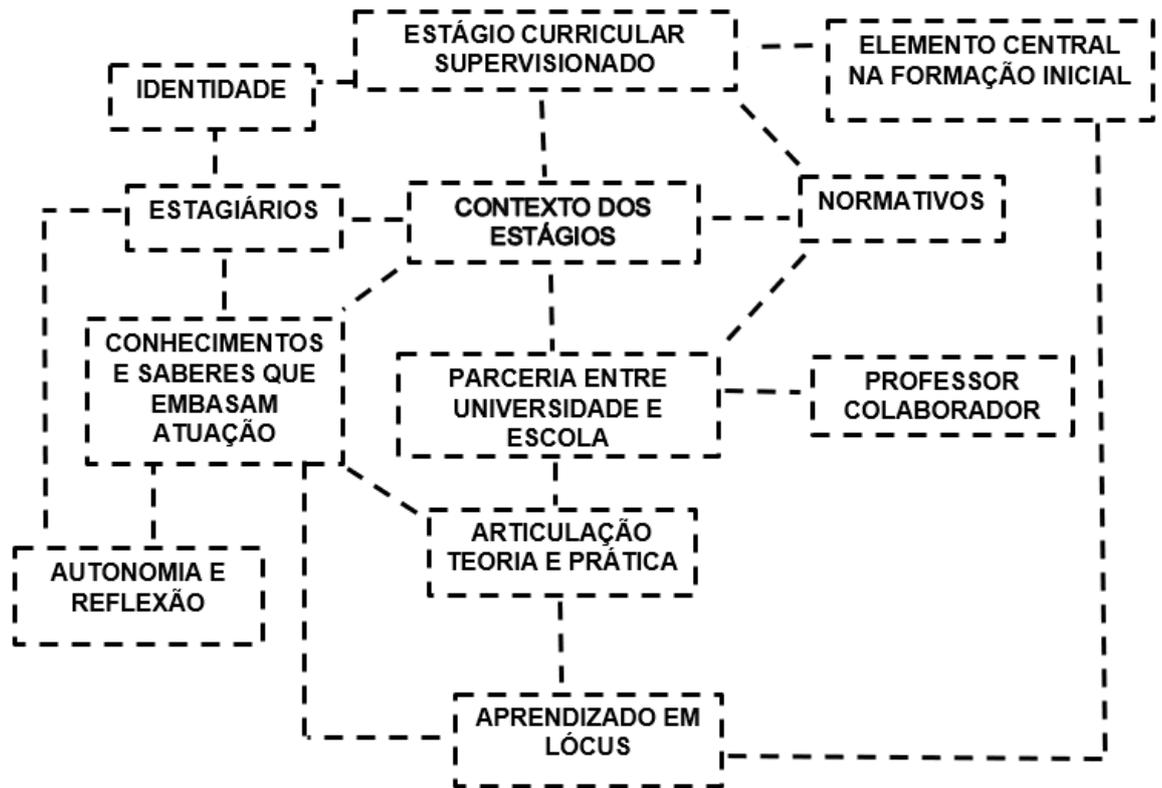
Sendo assim foi identificado um total de 18 estudos<sup>3</sup> com diferentes abordagens. Para apresentação desses trabalhos foi construído um fluxograma que exhibe algumas temáticas encontradas e as possíveis relações estabelecidas entre elas, no âmbito dos ECS.

FIGURA 1 - Abordagens sobre dos estudos da BDTD.

---

<sup>2</sup>Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologias.

<sup>3</sup>No Apêndice A encontrasse um quadro contendo os 18 trabalhos e informações como autor, título, ano de publicação e de qual Universidade.



Fonte: Elaborado pela autora com base na BDTD (2021).

Os trabalhos encontrados perpassam por diferentes elementos que fazem parte do contexto dos estágios da Educação Física, quando analisados sobre a óptica das pesquisadoras é possível verificar que muitos deles estão interligados, sendo explorados nos diferentes estudos. Sendo assim o fluxograma foi construído pensando como essas correlações acontecem no contexto dos estágios; observou-se o professor colaborador ainda está em processo de construção dessas relações, há uma falta de compreensão do papel/função desse agente no cenário dos estágios.

Constatou-se que as produções sobre ECS, durante esses dez anos, transitam em diversas temáticas que se relacionam e colaboram para o seu desenvolvimento. São trazidas para debate questões relacionadas à legislação, ao contexto, aos agentes envolvidos no estágio, aos conhecimentos e saberes produzidos, a construção de identidade e a reflexão necessária para que ocorram as aprendizagens. No entanto, para a presente pesquisa foi abordado, com maior precisão, os quatro estudos que trazem a questão do professor-colaborador como foco central.

Benites (2012), refere-se ao espaço no qual esse professor atua, qual a sua função e papel, além de quais os saberes utilizados na orientação dos estagiários. A questão central recai sobre como o professor-colaborador se torna um formador no

âmbito dos estágios. O ECS é um espaço que reúne o discurso acadêmico e a prática da escola, sendo esse um lugar de formação. Deste modo, as escolas onde ocorrem os estágios possuem dificuldade em reconhecer a função formadora desse docente da Educação Básica. O professor-colaborador atua nesse espaço como alguém que é formado para ser docente e que acaba recebendo estagiários pelo vínculo de camaradagem. Ele não possui nenhuma formação para desenvolver essa função e apresenta dúvidas em relação à intervenção que realiza com os estagiários, no entanto, é referência de segurança para esses estudantes. Os saberes que esse professor possui são demonstrados através de gestos e posturas, além de se pautar em saberes da sua experiência. Propõe-se uma organização dos estágios, reconhecendo assim uma necessidade da formação desse professor, para que essa função deixe de ser aprendida na perspectiva de escolas de ofício, possibilitando que se tenha consciência do processo do ECS.

Arruda (2014), destaca a questão da obrigatoriedade dos estágios segundo a legislação. Para este autor é um espaço que aproxima o futuro docente da realidade do seu campo profissional, promovendo relações e ações que irão colaborar com a sua formação. Entre essas relações existe a conexão realizada com o professor regente<sup>4</sup>. Esse professor possui um papel a ser desempenhado no ECS, no entanto, em geral, ele não acompanha os planos e planejamentos, como também não participa da avaliação dos estagiários. Isso pode ser considerado como um indicativo da falta de articulação entre a universidade e a escola. O professor-colaborador não se considera um co-formador, pois não participa de discussões e decisões relacionadas ao ECS.

Mazzocato (2014), analisa o processo de supervisão realizado pelo professor-colaborador nos estágios, considerando o espaço em que os estágios acontecem, a constituição de ser professor-colaborador, a visão que eles possuem do ECS, o trabalho de orientação e contribuição realizado. Compreende-se a importância de tal agente dos estágios que atua na escola, mas que também faz parte da formação dos futuros professores, sendo necessário destacar o seu papel e a sua função.

Corrêa Júnior (2014), considera que há um desafio no Brasil que se refere à compreensão da formação e do papel do agente no âmbito dos estágios. O estudo concentrou-se, mais especificamente, nos elementos que modelam os saberes e a

---

<sup>4</sup> Professor regente é sinônimo de professor colaborador para a autora.

identidade desse professor. Os saberes do docente advêm de diferentes fontes, sendo ressignificados ao decorrer da docência e nas orientações do estágio. A identidade, por sua vez, é constituída através de diferentes socializações que ocorrem durante sua trajetória de vida e profissional. As orientações que o professor fornece aos estagiários ocorre de forma técnica, contextual e humana, indicando a construção de uma visão de um docente formador.

Para ampliar a pesquisa sobre a temática dos estágios em Educação Física e, especificamente, a figura do professor-colaborador, foi realizado um segundo levantamento de estudos produzidos nos últimos dois anos (2019 e 2020). A pesquisa foi realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, em busca de encontrar alguma publicação mais recente sobre o professor-colaborador. Os descritores utilizados foram “estágio curricular supervisionado”, “educação física” e “professor colaborador”, sendo encontrado um total de 17.919 estudos. Devido ao expressivo número de pesquisas, foram utilizados filtros para a seleção do material a ser analisado: grande área de conhecimento: ciências humanas; área de conhecimento: educação; área de avaliação: educação; área de concentração: educação. Foram levantados um total de 33 estudos, primeiramente, realizou-se a leitura dos títulos e, posteriormente, a dos resumos. Ao identificar que o estudo não condizia com a temática ou objeto de pesquisa, o mesmo foi descartado. Ao final foram encontradas 17 pesquisas que abordavam temas relacionados à Educação Física, no entanto, somente 5 delas faziam referência ao ECS e nenhuma ao professor-colaborador.

Concluiu-se com esses levantamentos que existem pesquisas que versam sobre os estágios em Educação Física, porém existem poucos trabalhos relacionados ao professor-colaborador. Diante desse levantamento e partindo do que foi analisado nas produções, é visível que o professor-colaborador é essencial para o desenvolvimento dos estágios de docência, pois é com o auxílio dele que o futuro docente se insere no campo profissional durante a sua formação inicial.

Embora se reconheça a importância do professor-colaborador na formação inicial, ainda estão abertas algumas questões, como: Qual é o papel do professor-colaborador no âmbito dos estágios? Como o professor-colaborador desenvolve o seu trabalho com os futuros professores? De que modo ele os orienta? Quais estratégias utiliza para desenvolver o trabalho junto aos futuros professores? Como os professores percebem o seu trabalho junto aos estagiários? Quais saberes mobiliza

junto aos estagiários? Como os estagiários veem o professor-colaborador? Com base nesses questionamentos elaboramos o objetivo do trabalho a ser apresentado.

## **1.2. Objetivos**

Compreender qual o papel do professor-colaborador na formação de docentes de Educação Física em uma Universidade pública do interior de São Paulo, no âmbito ECS.

Especificamente o trabalho buscou:

a) Levantar e analisar as percepções dos professores-colaboradores sobre o trabalho que desenvolvem junto aos estagiários na formação inicial.

b) Investigar as percepções que os(as) professores(as)-colaboradores(as) e os estagiários têm em relação aos saberes desenvolvidos pelo professor(a)-colaborador(a) no ECS.

c) Analisar a relação que tem se estabelecido entre a universidade e a escola nos ECS.

## **1.3. Organização do estudo**

A partir do que foi exposto, o trabalho foi composto do seguinte modo: No capítulo 1 – *Introdução*, se refere à origem da ideia do estudo e a problemática através da experiência profissional da pesquisadora frente aos estágios. Seguido de um panorama da produção de estudos com o tema ECS em Educação Física, centralizando o levantamento na figura do PC, assim como os objetivos e a organização do presente estudo.

No capítulo 2 – *Quadro Conceitual*, buscamos abordar a formação inicial de professores no que tange a teoria e prática, considerando os normativos que dispõem sobre essa formação, adentrando na questão dos estágios. Apontamos a relevância do ECS para a formação docente, como também sendo um espaço que possibilita a parceria entre a universidade e a escola, através de um processo de interação entre os agentes envolvidos no estágio. Direcionamos o olhar para o professor-colaborador, o qual é o docente da Educação Básica que atua na escola e que recebe os estagiários.

No capítulo 3, apresentamos os *Procedimentos Metodológicos* da pesquisa, no qual expomos o caminho percorrido para o desenvolvimento do estudo. Essa etapa abrange a pesquisa qualitativa, do tipo exploratório-descritiva, o contexto do estudo, os participantes, os procedimentos éticos e as técnicas para coleta de dados, relatando como esses foram desenvolvidos. Posteriormente, explicamos como foi realizada a organização e a análise dos dados coletados.

No capítulo 4 há a *Discussão e análise dos dados*, em que buscamos apresentar os eixos que resultaram da análise de dados, sendo eles “A parceria universidade e escola nos estágios” e os “Saberes do professor colaborador”.

E, por fim, temos as considerações finais, em que há o fechamento do trabalho indicando os avanços e limites da pesquisa desenvolvida.

## 2. QUADRO CONCEITUAL

### 2.1. A formação de professores

A elevação do nível de formação dos professores que atuam nos anos iniciais foi fomentada pela Lei 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Essa lei dispõe, em seu artigo 62º, que a formação de docentes para atuação na Educação Básica será feita em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores. Tendo como fundamentos para essa formação:

I – a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho, II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço, III – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades (BRASIL, 1996, p.42 - grifos nossos).

Deste modo, a formação inicial deve ter o princípio de unidade teoria e prática (FRANÇA, 2004). No entanto, para que isso ocorra é preciso transcender e considerar outros espaços formativos para além da universidade, mais especificamente o campo profissional (GATTI, 2010). Uma formação inicial de professores que considera o contexto, a organização, a rotina e a cultura docente construindo uma formação no seio da profissão (NÓVOA, 2009; 2019).

Será preciso, enfim, que os processos formativos de docentes absorvam a dimensão experiencial, não mais separando a teoria e prática, mas mergulhando desde o início, o aluno e o formador em situação de mediação de confrontos da prática, buscando, significação das teorias [...] ou seja, fazer dialogar com a lógica das práticas com a lógica da formação (FRANCO, 2008, p.123).

Tardif (2014) indica que há um modelo de formação aplicacionista, no qual os futuros professores aprendem conhecimentos teóricos para depois aplicá-los na prática. Nesse sentido, a formação docente acaba sendo dominada mais por referências externas do que internas da profissão (NÓVOA, 2009), ocorrendo, dessa forma, uma formação genérica e distante da cultura do ofício (GATTI, 2010). A limitação encontrada na formação do futuro professor é originária de modelos formativos que separam a fundamentação teórica e a prática (FRANÇA, 2004).

A questão da relação teoria e prática é abordada também nos normativos sobre a formação de professores no Brasil. O parecer CNE/CP nº 9/2001 estabelece uma

orientação aos cursos de licenciatura em relação à formação de docentes. Ele institui um conjunto de princípios, fundamentos e procedimentos a serem observados na organização institucional e curricular desses cursos. É necessário haver um equilíbrio entre os conteúdos curriculares e a sua adequação às situações pedagógicas, ou seja, há um avanço quanto à possibilidade de articulação da teoria e a prática. A prática não pode, ou deve, ficar reduzida a um espaço isolado, os estágios não devem se tornar algo separado e desarticulado do restante do curso.

O planejamento dos cursos de formação deve prever situações didáticas em que os futuros professores coloquem em uso os conhecimentos que aprenderem ao mesmo tempo em que possam mobilizar outros, de diferentes naturezas e oriundos de diferentes experiências (BRASIL, 2009, p.57).

Complementando a questão da formação das licenciaturas, o parecer CNE/CP nº 27/2001 estabelece orientações sobre o elemento articulador entre teoria e prática, o ECS. Precisamente, estabelece o tempo de realização dos estágios para que haja tempo de vivências nas diferentes dimensões da atuação profissional e o período de iniciação nas grades curriculares. Além disso, determina o responsável pela supervisão dessa etapa da formação inicial, a necessidade de articulação entre as instituições de ensino de Educação Básica e da universidade. Torna-as responsáveis e propõe uma relação em que elas se auxiliem mutuamente, não restringindo essa responsabilidade a somente um professor, mas sim envolvendo uma ação coletiva dos formadores.

A resolução CNE/CP nº 1/2002, fundamentada nos pareceres anteriores, traz para debate, novamente, a proposição da articulação da prática durante todo o curso de licenciatura, considerando o ECS um meio de colaboração entre os sistemas de ensino. Aborda como deve ocorrer o desenvolvimento dos estágios na grade do curso e como proceder em relação à avaliação. Essas ações devem ser conjuntas, sendo realizadas pela escola formadora e a escola campo de estágio. Sendo assim, há a perspectiva de aproximação do futuro professor com seu campo profissional e, conseqüentemente, da relação entre teoria e prática no processo de formação do docente por meio dos estágios.

O estágio curricular supervisionado, definido por lei, a ser realizado em escola de educação básica, e respeitado o regime de colaboração entre os sistemas de ensino, deve ser desenvolvido a partir do início da segunda metade do curso e ser avaliado conjuntamente pela escola formadora e a escola campo de estágio (BRASIL, 2002, p.6).

A resolução CNE/CP nº 2/2002 traz a questão da carga horária dos cursos de formação de professores de Educação Básica, sendo essa de no mínimo 2800 (duas mil e oitocentas horas), indicando que haja articulação entre teoria e prática. As horas são divididas em blocos: 400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular que são vivenciadas no decorrer do curso; 400 (quatrocentas) horas de ECS a partir do início da segunda metade do curso; 1800 (mil e oitocentas) horas de conteúdos curricular científico culturais; 200 (duzentas) horas para outras formas de atividades acadêmico-científico-culturais. A ampliação da carga horária destinada aos estágios é alterada e evidencia a importância do conhecimento prático na formação docente, assim como a necessidade de articular teoria e prática durante toda a formação.

O ECS é compreendido como:

[...] o tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício. Assim o estágio curricular supervisionado supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário. Por isso é que este momento se chama estágio curricular supervisionado. Este é um momento de formação profissional do formando seja pelo exercício direto in loco, seja pela presença participativa em ambientes próprios de atividades daquela área profissional, sob a responsabilidade de um profissional já habilitado (BRASIL, 2001, p. 10).

A resolução CNE/CP nº 02/2015 dispõe sobre a articulação necessária entre teoria e prática, ambas fornecem elementos básicos para o desenvolvimento dos conhecimentos e habilidades necessárias à docência. O documento reitera o ECS como um componente obrigatório da organização curricular das licenciaturas. É uma atividade em que o futuro professor pode adentrar o seu campo profissional e ter a vivência de diferentes experiências, sendo uma importante etapa da formação inicial. As instituições básicas são consideradas como um espaço fundamental para a práxis.

A resolução CNE/CP nº 02/2019 reconhece que a formação docente exige um conjunto de conhecimentos, habilidades, valores e atitudes, sendo que estão alicerçados na prática. Refere-se ainda a necessidade da organização/planejamento do estágio, como também sobre os momentos de regência e avaliação, os quais são realizados por professores ou coordenadores experientes da escola campo. Além disso, volta a reiterar a necessidade de as escolas serem parceiras fundamentais para

a formação de professores, considerando que é preciso uma “ponte orgânica” entre IES e a Educação Básica.

VII - integração entre a teoria e a prática, tanto no que se refere aos conhecimentos pedagógicos e didáticos, quanto aos conhecimentos específicos da área do conhecimento ou do componente curricular a ser ministrado; VIII - centralidade da prática por meio de estágios que enfoquem o planejamento, a regência e a avaliação de aula, sob a mentoria de professores ou coordenadores experientes da escola campo do estágio, de acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (PPC). IX - reconhecimento e respeito às instituições de Educação Básica como parceiras imprescindíveis à formação de professores, em especial as das redes públicas de ensino; X - engajamento de toda a equipe docente do curso no planejamento e no acompanhamento das atividades de estágio obrigatório; XI - estabelecimento de parcerias formalizadas entre as escolas, as redes ou os sistemas de ensino e as instituições locais para o planejamento, a execução e a avaliação conjunta das atividades práticas previstas na formação do licenciando (BRASIL, 2019, p.4).

Para isso, é preciso que os agentes e as instituições responsáveis pelo ECS compreendam e realizem sua função. Dessa forma, a Lei 11.788 de 25 de setembro de 2008 faz referência às partes responsáveis por essa etapa da formação inicial: cedente (IES), concedente (escola campo) e estagiários (futuro professor).

A IES, de acordo com os normativos, tem o papel de oficializar um termo de compromisso com as partes envolvidas no estágio e avaliar as instalações da parte concedente. Além de indicar um professor orientador que seja responsável pelo acompanhamento e avaliação do estágio e exigir que o educando entregue relatório de atividades periodicamente. Também deve zelar pelo termo de compromisso, elaborar instrumentos que avaliem os estágios e comunicar a parte concedente do estágio as datas de avaliações das atividades escolares ou acadêmicas (BRASIL, 2008). Já a escola campo é responsável por firmar o termo de compromisso com as partes envolvidas no estágio, ofertar aos estagiários instalações que promovam aprendizagens, indicar um professor com formação e experiência para supervisionar e avaliar, no máximo, até 10 estagiários (BRASIL, 2008).

## **2.2. A profissão docente e os Estágios curriculares supervisionados**

Tardif (2013), ao tratar da profissão docente, traça um panorama sobre as idades de ensino. Ele afirma que há a idade da vocação, em que a formação é compreendida por meio de uma concepção religiosa sendo uma “profissão de fé”. As

professoras, mulheres, acreditavam que eram convocadas para uma importante missão de fé, isentas de transmitir conhecimentos relacionados a inteligência da criança, elas aprendiam a ensinar imitando as professoras mais experientes.

Com relação à idade do ofício, há a integração da profissão docente ao Estado, tornando-se uma profissão com contratos e salários, em compensação, há uma exigência que as mulheres possuam uma formação para poderem ensinar. É nesse período que surge a formação nas escolas normais, no entanto o aprender a ensinar fica restrito ainda ao modelo de imitação de professoras mais experientes. Por fim, há a idade da profissão, a qual é muito recente e encontra-se em construção, caracteriza-se pela presença dos seguintes elementos: base de conhecimentos científicos; formação acadêmica de alto nível; aperfeiçoamento e formação contínua obrigatória dos profissionais; existência de uma corporação profissional reconhecida pelo Estado; ética profissional; autonomia profissional; e responsabilidade profissional. Essa idade está intimamente interligada ao movimento de profissionalização.

Ao mesmo tempo em que há essa análise das idades de ensino indicadas por Tardif (2013), por outro lado, há uma análise a partir dos saberes da formação. Nesse contexto, Gauthier *et al.* (1998) afirma haver o “ofício sem saberes”, “saberes sem ofício” e um “ofício feito de saberes”. Deste modo, um “ofício sem saberes” tem como base a questão de que para ensinar bastava talento, bom senso, intuição, experiência e a cultura. Entretanto, somente esses elementos não são suficientes. Já os “saberes sem ofício” desconsideram a realidade do ensinar, não levando em conta as complexas e inúmeras situações que o ensino envolve. Por fim, um “ofício feito de saberes” com a perspectiva da profissionalização, na qual os professores mobilizam diferentes saberes<sup>5</sup>, que são colocados em prática diante de exigências específicas no seu campo profissional (GAUTHIER *et al.*, 1998).

Para Tardif (2014), o saber do professor depende de dois fatos, sendo que o primeiro deles está relacionado às condições concretas nas quais o trabalho dele se realiza. Já o segundo está relacionado a personalidade e experiência profissional do docente, sendo assim o saber do professor está em uma combinação entre o que eles são e o que fazem. O que o professor é e o que ele faz ao ensinar não devem ser vistos de forma dissociada, pois são resultados do processo do trabalho escolar. Esse saber possui uma íntima relação com o seu trabalho na escola, principalmente, na

---

<sup>5</sup> Os diferentes saberes serão discutidos no subitem Professor Colaborador e suas ações.

sala de aula. Esse saber do professor é plural, heterogêneo, pois envolve um saber-fazer diversificado, que provém de fontes variadas, sendo de naturezas diferentes. Também é temporal, adquirido no contexto da história de vida/carreira profissional.

A formação de professores articula saberes produzidos na universidade e da sua prática cotidiana, é uma formação onde há um equilíbrio e articulação de diferentes saberes (TARDIF, 2014). Dessa forma, o ECS se configura como um momento privilegiado da formação inicial, no qual é possível uma maior articulação entre teoria e prática. Também promove uma aproximação com o campo profissional e interações com os agentes envolvidos nesse processo (FRANÇA, 2004), mobilizando uma diversidade de saberes.

O ECS, na formação de professores, pode adquirir diferentes perspectivas, por um lado, ele se pauta na observação e imitação dos professores, no qual ocorre uma ideia de que se aprende observando, seguido de uma execução do que foi feito, desprovido de conceitos. Porém, também há a ideia de que se deve dominar técnicas, habilidades, instrumentos e aplicação de conceitos que foram aprendidos na Universidade, em uma perspectiva que está longe da realidade profissional. Essas duas perspectivas estão distantes de um processo de aprendizagem da docência e podem comprometer o processo de formação inicial dos professores (PIMENTA; LIMA, 2005).

Quando o ECS é concebido como campo de conhecimento há a superação entre teoria e prática, pois é concebido também como atividade teórica que possibilita aos futuros professores conhecerem e se aproximarem do contexto real da sua profissão (PIMENTA; LIMA, 2011). O ECS permite ao estagiário perceber a sua inserção no espaço escolar, assim como a relação que se estabelece entre as diferentes pessoas que ali trabalham (CYRINO; BENITES; SOUZA NETO, 2015). Deste modo, o ECS é um período muito importante da formação inicial, pois possibilita que o aluno/estagiário entre em contato com o contexto da sua futura profissão e aprenda diversos elementos que constituem a sua prática (RIBEIRO; VEDOVATTO, 2019).

Para Lopes e Bastos (2017, p.75) os ECS:

Concede aos alunos futuros professores inúmeras oportunidades que de outra maneira não lhes seriam dadas tais como: aplicação em contexto prático das competências e conhecimentos adquiridos ao longo do curso; aquisição de novos conhecimentos e competências que advêm das várias experiências práticas que surgem no decorrer

do estágio ou até mesmo aprimorar os já existentes; a de testarem o seu compromisso com uma carreira profissional; a oportunidade de identificarem as áreas (pessoais e profissionais) mais fortes e onde se sentem mais à vontade, bem como as áreas mais frágeis que necessitam ainda de algum aperfeiçoamento e, ainda, a oportunidade de desenvolverem uma visão mais realista do mundo do trabalho em termos daquilo que lhes é exigido e das possibilidades que o mesmo lhes poderá oferecer.

Durante o ECS há um intenso processo formativo no qual se aprende a ser professor, é o momento em que os estudantes estão em contato com o real contexto de ensino e vivem experiências que os marcam profundamente. É um período em que passarão por diferentes situações da vida do professor que não imaginavam que pudessem ocorrer, obtendo experiências diversas e ricas (TARDIF; LESSARD, 2005). Desse modo, o ECS deve ser uma experiência de ensino na qual os estagiários tenham a possibilidade de ressignificar suas concepções em relação aos elementos da cultura escolar, promovendo reflexões e questionamentos em suas ações como professor (SOUZA NETO; CYRINO; BORGES, 2019).

Portanto, o estágio dos cursos de formação de professores, compete possibilitar que os futuros professores se apropriem da compreensão dessa complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais, como possibilidade de se prepararem para sua inserção profissional. É, pois, uma atividade de conhecimento das práticas institucionais e das ações nelas praticadas (PIMENTA; LIMA, 2005, p.12-13).

É por meio dos estágios que é possível proporcionar aos licenciandos um contato real com a profissão e as horas destinadas a esse momento devem ser realizadas de forma planejada, orientada e com a supervisão de um professor. Há uma articulação de conhecimentos que são produzidos nas escolas de educação básica e na universidade. Os estágios possibilitam ao futuro professor elementos para compreensão da realidade do seu ofício, sendo importante um envolvimento entre o professor da escola campo, o estudante/estagiário e o professor da universidade (VEDOVATTO IZA; SOUZA NETO, 2015).

Sarti (2009) indica que, no Brasil, ainda não há um trabalho articulado entre as instituições de formação e as escolas campo que recebem os estagiários. Como vimos, existem orientações, no entanto nem sempre acontecem na prática. “É preciso um movimento recíproco em que a profissão docente, aquilo que o professor é e faz, esteja dentro da universidade e esta, por sua vez, esteja dentro da escola [...]” (VEDOVATTO IZA; SOUZA NETO, 2015, p.121). As universidades e as escolas de

educação básica possuem culturas profissionais distintas, no entanto, é necessária uma formação que resulte em uma ligação mais estreita entre essas duas instituições e os agentes que nela atuam, conferindo a cada uma delas espaço e legitimidade (SARTI, 2012).

Para o incremento do ECS é preciso o desenvolvimento de um projeto de estágio planejado e avaliado, conjuntamente, pela escola de formação inicial e as escolas campo. Deve conter objetivos e tarefas claras, em que as duas instituições assumam responsabilidades e se auxiliem mutuamente, o que pressupõe relações formais entre instituições de ensino e unidades dos sistemas de ensino. Esses períodos na escola devem ser diferentes conforme os objetivos de cada momento da formação (BRASIL, 2001).

Um ponto a ser considerado é a necessidade de aproximação das duas instituições responsáveis por esse momento (IES e escola), pois cada uma traz sua cultura, objetivos e valores. No entanto, no desenvolvimento dos estágios, possui um mesmo objetivo que é a formação de professores (LIMA, 2008). Deste modo, o ECS é concebido como um espaço onde é preciso haver a articulação de culturas diferentes (escola e universidade), período relevante na formação inicial, pois realiza a articulação entre teoria e prática e possibilita ao futuro professor aportes para o seu exercício profissional (PIMENTA; LIMA, 2008).

Azevedo (2009) afirma que:

O estágio pressupõe ações pedagógicas efetivadas em um ambiente institucional de trabalho, reconhecido por um sistema de ensino, que se concretiza na relação interinstitucional estabelecida entre um docente experiente e um estagiário, com a mediação de um supervisor acadêmico. Supõe uma relação pedagógica entre um aluno estagiário e alguém que já é um profissional conhecido em um ambiente institucional de trabalho (p.32).

Em suma, considera-se que escola e universidade precisam se articular, pois, a falta dessa interação acarreta um distanciamento entre o que se aprende na universidade e a realidade do campo de atuação profissional (TARDIF, 2014). Sendo assim, “[...] a universidade e a escola como lugares de formação, uma estrada de mão dupla entre professores e estudantes, docência e instituição formadora” (SOUZA NETO; SARTI; BENITES, 2016, p.321).

Os professores orientadores de estágios devem estar abertos a realização de um trabalho coletivo, onde ocorra diálogo entre seus pares e alunos, apropriando-se

da realidade para que ocorra análise e questionamento com embasamento das teorias (PIMENTA; LIMA, 2005). A escola tem o seu papel no ECS, que é também um espaço formador e, dentro disso, o PC é alguém que possui conhecimentos que emergem da sua prática cotidiana. Além disso, tem um potencial papel formativo para os futuros professores. Nessa direção, há uma “necessidade de um reconhecimento de papéis e de um diálogo pedagógico, que estabeleça a compreensão da escola como recebedora e formadora dos estagiários” (LIMA, 2008, p.200).

O desafio está em articular, durante o percurso formativo, o que se teoriza e o que se pratica em ambas as instituições. Para que esse movimento seja construído pressupõe momentos de reflexões e análises das práticas e das ações dos professores (PIMENTA; LIMA, 2008).

Para Nóvoa (2019, p.6-7).

Não é possível aprender a profissão docente sem a presença, o apoio e a colaboração dos outros professores[...].A ligação entre a formação e a profissão é central para construir programas coerentes de formação[...] é neste entrelaçamento que ganha força uma formação profissional, no sentido mais amplo do termo, a formação para uma profissão.

A articulação de conhecimentos produzidos na escola e nas IES, permite que o estagiário possa estar em contato com elementos que constituem a sua profissão. Para que seja significativo para o estudante é necessário um entrelaçamento entre o professor (da escola), o aluno (estagiário) e o professor formador (da universidade). Além de diferentes conhecimentos e saberes mobilizados nessas instituições (VEDOVATTO IZA; SOUZA NETO, 2015).

A parceria entre essas duas instituições possibilita uma interrelação produtora de múltiplos conhecimentos (AZEVEDO, 2009). A relação entre a escola e universidade é algo crucial para o desenvolvimento dos estágios na formação de professores, considerando a existência de reciprocidade entre duas instituições produtoras de conhecimento e responsáveis pela formação de docentes (VEDOVATTO IZA; SOUZA NETO, 2015). Nesse sentido, os ECS podem ser promovidos através de um modelo de alternância entre teoria e prática, o qual ocorra integração entre universidade e escola, articulando ensino, pesquisa e extensão.

É por meio do ECS que os conhecimentos, que foram adquiridos ao longo do curso, são refletidos, analisados e reformulados. Nesse momento, o professor da universidade, o professor colaborador e o estagiário passam a refletir sobre a

realidade escolar. Eles analisam as ligações que se estabelecem entre o campo profissional (escola) e as teorias que foram estudadas ao decorrer da formação acadêmica. Reconhece-se assim a relevância da parceria entre a universidade e a escola na formação dos estagiários (LOPES, 2019).

### **2.3. O papel do professor colaborador, ações e saberes**

Entre os agentes envolvidos no ECS temos o professor-colaborador, figura que, no contexto do Brasil, pode ser nomeado por diferentes terminologias (tutor, mentor, associado, preceptor, participante, orientador, parceiro, regente, supervisor). A Lei nº 11.788 de 2008 (BRASIL, 2008) que dispõe sobre os estágios, refere-se a pessoa designada para acompanhar o estagiário da parte concedente (escola campo) como supervisor. Para Alarcão e Tavares (1987), a terminologia supervisão está associada ao “processo em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional” (p.18). Os diferentes termos informam que é o professor da Educação Básica que abre as portas da sua sala de aula para receber os estagiários, sendo ele fundamental para o desenvolvimento dos estágios.

No Brasil, segundo Benites (2012, p.119), “quando se escolhe ser colaborador, que é uma opção, do ponto de vista formal, não agrega nenhum benefício econômico ou social para a carreira docente”.<sup>6</sup> Tornar-se um professor-colaborador dos estágios é incluir, em suas tarefas diárias, a responsabilidade de cooperar com a formação de futuros docentes em suas experiências didático-pedagógicas (BENITES, 2012). Para amenizar o problema do perfil, seleção e manutenção dos professores-colaboradores, Barreira (2006) sugere que há a necessidade de estreitar as relações entre a escola e a universidade. Deve-se estabelecer parcerias, redefinir compromissos, elaborar projetos comuns e reduzir a fragilidade do corpo docente, de forma a revigorar a função formadora dos professores-colaboradores e a aproximação no acompanhamento dos futuros docentes.

---

<sup>6</sup>No entanto existem dois programas que integram a Política Nacional de Formação de Professores, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e Programa Residência Pedagógica que são ações que tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, os dois programas concedem bolsas aos licenciandos, aos professores das escolas da rede pública de educação básica e aos professores das IES. O professor da Educação Básica é nomeado como professor supervisor e/ou preceptor, sendo ele responsável por planejar, acompanhar e orientar nas atividades desenvolvidas na escola-campo, recebendo desse modo uma bolsa no valor de R\$ 765,00 (CAPES, 2020).

É o professor-colaborador que recebe estagiários, oficialmente, nos estágios, no entanto não se pode esquecer que, antes de tudo, ele é um professor que agrega saberes, competências e experiências relacionadas ao seu contexto pessoal e de profissão. Para Benites, Cyrino e Souza Neto (2013) o professor-colaborador:

[...] se assemelha a um artesão que aprendeu o seu trabalho pelo fazer e ensina pela mesma dinâmica, como na proposta da Escola de Ofício (RUGIU, 1998), onde o mestre passa (transmite) seus ensinamentos para o discípulo. Contudo, esses professores da escola são considerados atores imprescindíveis para a orientação e relação com os estagiários (p.123).

O professor-colaborador não compreende como pode contribuir com a formação dos futuros docentes, o que é esperado dele e como usar os saberes que ele mobiliza no desenvolvimento de suas ações (BENITES; SARTI; SOUZA NETO, 2015). O desenvolvimento dessa função se dá por repetição ano após ano, não sendo considerado a necessidade de uma formação específica, por compreender que essa sua colaboração é algo opcional e eventual no trabalho docente (BENITES, 2012). Portanto, estabelecer parcerias entre as instituições universitárias e as escolas é de suma importância para a formação desse professor (BORGES, 2008).

O professor-colaborador desempenha um papel essencial para a concretização dos estágios, ele favorece a articulação entre a instituição de ensino superior (professor orientador de estágio), estagiário e a escola onde se realiza essa etapa. Além disso, as relações estabelecidas entre o professor-colaborador e professores universitários, quando ocorrem, se dão, na maioria das vezes, por camaradagem (BENITES, 2012). Nesta direção, é essencial que se estabeleça uma relação entre o professor-orientador, o professor-colaborador e os estagiários, sendo que esta deve ser flexível baseada na confiança. Portanto, a responsabilidade que o professor-colaborador possui é possibilitar situações de aprendizagens que devem facilitar a formação docente por meio da prática. Sendo assim, esse professor deve apoiar e orientar o estagiário em situações que estimulem o saber didático (LOPES, 2019).

Para Benites (2012), o professor-colaborador possui um agrupamento de saberes que são utilizados em sua ação profissional. Em suas atitudes há saberes que são produzidos tanto em espaço científico-acadêmico, que são explorados no ambiente escolar, como também saberes que são procedentes da sua experiência de trabalho. O professor, em sua prática pedagógica, é considerado como um mobilizador de saberes profissionais. Através da “sua trajetória, constrói e reconstrói

seus conhecimentos conforme a necessidade de utilização dos mesmos, suas experiências, seus percursos formativos e profissionais” (NUNES, 2001, p.27).

Para Tardif (2014, p.11):

O saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com suas relações com os alunos em sala de aula e com outros atores escolares na escola, etc.

Em outras palavras, o saber dos professores é incorporado, modificado e adaptado em função dos momentos, não sendo um conjunto de conteúdos definidos de uma vez por todas. Esse saber é construído durante o decurso profissional, o professor vai aprendendo a dominar o seu ambiente de trabalho e passa a interiorizá-lo, por meio de ações que desenvolvam a sua “consciência prática” (TARDIF, 2014, p.14). Os saberes mobilizados e empregados na prática do professor se originam em sua própria prática e servem para resolver os problemas que surgem no exercício da profissão (TARDIF; RAYMOND, 2000).

Nesse sentido, o professor-colaborador possui uma diversidade de saberes que advém de diferentes fontes, como do espaço científico-acadêmico. Estes são utilizados no contexto escolar, como também os que advém da experiência de trabalho dos professores em suas práticas cotidianas (BENITES, 2012). O saber que o professor possui também são provenientes das ciências da educação, das disciplinas, do currículo e das ações pedagógicas do cotidiano. Eles estão conexos com os condicionantes e com o contexto de trabalho, como também está relacionado com a personalidade e com a história profissional do professor, sendo assim um saber também temporal. A relação que esses professores possuem com seus saberes é de transmissores, mas não de produtores, e “são incorporados na prática docente, sem serem produzidos, ou legitimados por ela” (TARDIF, 2014, p.40). Descrevemos cada um deles, sucintamente, no Quadro 1 através da concepção de Tardif (2014).

**QUADRO 1 - Classificação dos saberes docentes.**

Saberes	Definição
Saberes da formação profissional	Sendo eles da ciência da educação e da ideologia pedagógica, são transmitidos pelas instituições de formação. São os saberes baseados na ciência que estão presentes na formação de professores e os saberes pedagógicos estão relacionados às técnicas e métodos de ensino (saber-fazer).
Saberes disciplinares	São saberes sociais que são da tradição cultural definidos e selecionados pela comunidade científica sendo que o acesso a ele se dá por meio das instituições educacionais, estes

	saberes correspondem a diversos campos de conhecimentos (linguagem, ciências exatas, ciências humanas, ciências biológicas etc.).
Saberes curriculares	São saberes que os professores se apropriam no decorrer da carreira e passam a aplicá-los, estão relacionados à forma como as instituições educacionais fazem a gestão dos conhecimentos socialmente produzidos e que são transmitidos aos estudantes. Apresentam-se por meio de objetivos, conteúdos e métodos nos programas escolares.
Saberes experienciais	São os saberes que resultam do próprio exercício da prática profissional dos professores. Esses saberes são construídos através de vivências/ experiências, sendo a forma como os professores, interpretam, compreendem e orientam sua prática diária em todas as suas dimensões. Seria o que é nomeado como os macetes, traço da profissão, são identificados por meio de ações de ser e fazer e que são validadas pelo trabalho que os professores realizam cotidianamente.

**Fonte:** Elaborado pela autora, segundo Tardif (2014).

Os professores mobilizam, utilizam e produzem saberes em seu espaço de profissão, sendo eles detentores de um saber específico do seu ofício. O professor tem uma subjetividade, ele é um sujeito que vive a sua prática e dá significado a ela. Além de possuir conhecimentos e um saber fazer que provém da prática da profissão, assim como da forma que ele a estrutura e a orienta. Abandona-se, dessa forma, uma visão que há muito tempo perdurou em nossa sociedade, que é a de um professor que se restringia a uma visão tecnicista baseada na aplicação de conhecimentos. Portanto, a partir da própria experiência pessoal e/ou profissional, os professores constroem seus saberes, eles se apropriam de conhecimentos e competências e vão construindo novas práticas e um novo plano de ação (TARDIF, 2014).

Assim, entendemos que o PC, em sua ação pedagógica, faz uso de diferentes saberes, sendo necessário o papel de formador que possui um tacto pedagógico e discernimento para atuar em sua profissão. Isso resulta em um conhecimento profissional docente, que também faz parte da profissão, ocupando um lugar na formação de professores (NÓVOA, 2017). França (2004, p.5) ao relatar sobre o professor colaborador, faz a seguinte afirmação:

Mais que consentir que o futuro professor permaneça observando a aula e o trabalho do professor é preciso demonstrar disposição para introduzir o estagiário nas atividades que lhe são próprias. Significa aceitar e querer ensinar algo que já domina e faz e refaz constantemente. Significa também, abrir portas, mostrar caminhos, dialogar, superar os erros, compartilhar os acertos.

Portanto, o professor-colaborador possui um papel a ser realizado no desenvolvimento do estágio, sendo alguém que carrega a experiência da docência e

da prática pedagógica. A maneira como ele orienta o estagiário e os vínculos que eles estabelecem podem ser a base para o desenvolvimento profissional do futuro professor (CYRINO; BENITES; SOUZA NETO, 2015). No entanto, embora seja evidenciada a importância dos professores na formação inicial docente, o seu papel e seus saberes na formação profissional ainda são pequenos (SARTI, 2012).

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1. Caracterização do estudo

Esta pesquisa está situada na no contexto de formação de professores, tendo como objeto de estudo o professor-colaborador nos estágios de Educação Física. A pesquisa foi realizada em face da necessidade de respostas para alguns problemas encontrados. Através de meios científicos, novos conhecimentos foram obtidos a partir da realidade social. Ou seja, através da relação que o homem tem com outros homens e com as instituições foi possível alcançar respostas para os problemas de pesquisa. Essas respostas vão sendo elaboradas através de diferentes fases, que vão desde a formulação do problema até os resultados (GIL, 2002). Esse processo vai se delineando com “o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.01).

A pesquisa é concebida como “atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade, na área de Educação é a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e atualiza frente à realidade do mundo” (MINAYO, 1994, p.16). Na pesquisa qualitativa, os dados coletados são descritivos e o significado que as pessoas dão às coisas e a vida são o foco da atenção do pesquisador (LUDKE e ANDRÉ, 1986). Como características básicas da investigação qualitativa em educação tem-se:

O ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave; A descrição dos fenômenos, conforme os significados expressos no ambiente; A preocupação com o processo, isto é, como as pessoas constroem os significados e as suas representações; A tendência à análise indutiva; A importância do significado, entendido como o sentido que as pessoas dão aos fatos (BOGDAN; BINKLEN, 1994, p.9).

A presente pesquisa se caracteriza como do tipo exploratório-descritiva, apoiando-se em proporcionar uma maior familiaridade com o problema através da criação de hipóteses mais precisas que delimitam o tema.

Consideramos o ECS como uma etapa importante da formação inicial, mas que tem algumas fragilidades, como parceria entre universidade e escola campo e, dentro deste contexto, a relação e o trabalho do professor-colaborador (professor da escola de Educação Básica). Será que esse professor colaborador se vê como coformador,

e os alunos estagiários ao passarem por toda essa experiência têm a percepção de que esse professor é um coformador.

Esse tipo de pesquisa também consiste em descrever as características de determinadas populações ou fenômenos, fazendo com que o pesquisador se envolva de maneira rigorosa e exaustiva. Através desse método é possível investigar situações da vida real, preservar o caráter único do objeto, explorando, descrevendo, explicando, avaliando e/ou transformando. Esse modo de pesquisa é realizado por pesquisadores que se atentam à atuação prática (GIL, 2002).

### 3.2. Contexto da Pesquisa

A pesquisa em questão se pautou em investigar um curso de licenciatura em Educação Física do interior do estado de São Paulo, no qual há uma ideia de que a teoria e prática possuem a mesma equivalência de importância. Desta forma, a prática não consiste em um mero espaço onde se aplicam teorias, mas sim um local que se produz saberes, um processo no qual há criatividade, investigação e reflexão. Diante de tais considerações, os estágios em uma Universidade Pública do interior de São Paulo devem ser encarados como um importante momento de obtenção de conhecimentos. Como também, a sua existência precisa ser valorizada pela estrutura curricular e por todos os agentes envolvidos nesse momento (PPP, 2010).

O curso de Licenciatura em Educação Física pesquisado possui 3 grandes grupos de conhecimentos para as disciplinas da grade curricular: 1) *Conhecimentos de orientação acadêmica ou da formação ampliada*; 2) *Conhecimentos de orientação às atividades ou identificadores da Educação Física*; 3) *Conhecimentos de orientação pedagógica ou do campo de intervenção da Educação Física*". É exatamente nesse terceiro grupo que os ECS estão contidos, sendo considerados disciplinas de orientação pedagógica (Ope). Os conhecimentos desse grupo estão:

[...] abrangendo as interfaces entre formação e atuação profissional, enfocando principalmente aspectos relativos à elaboração, implantação e avaliação de ações acadêmico-profissionais, nas quais os processos ensino-aprendizagem em Educação Física se efetivam (PPP, 2010, p.23).

Os ECS estão presentes em quatro semestres do curso, sendo realizados o primeiro deles no início do 3º ano (5º período) seguindo a grade. Inicia-se com: Estágio Curricular Supervisionado 1 (Ensino Infantil); Estágio Curricular

Supervisionado 2 (Ensino Fundamental - 1ª à 4ª séries); Estágio Curricular Supervisionado 3 (Ensino Fundamental - 5ª à 8ª séries); Estágio Curricular Supervisionado 4 (Ensino Médio).

Para cursar é necessário que o estudante esteja matriculado na disciplina dessa etapa de ensino conjuntamente (Educação Física na Educação Infantil, Educação Física no Ensino Fundamental 1, Educação Física no Ensino Fundamental 2 e Educação Física no Ensino Médio), sendo assim, os estágios são considerados disciplinas com co-requisitos. Os quatro estágios são ministrados por dois professores distintos, no entanto, os estágios 1 e 2 são ministrados pela docente A e os estágios 3 e 4 pelo docente B. A presente pesquisa se pautou nos estágios 1 e 2 da referida docente.

Os procedimentos<sup>7</sup> realizados nas disciplinas pesquisadas são iniciados com a realização de um contato prévio com as escolas e professores para a aceitação da participação nos estágios. Em seguida, ocorre a distribuição dos estagiários nas escolas para o desenvolvimento dessa etapa. O estágio é desenvolvido em 3 grandes fases: conhecimento da escola, a qual permite que os estudantes/ estagiários tenham um diagnóstico da realidade dos professores e alunos; seguido da elaboração de um projeto de estágio com o professor da escola e a docente orientadora dos estágios da universidade ; e, por fim, a anuência do professor e da gestão da escola para o desenvolvimento das atividades que foram propostas.

Cada um dos estágios possui uma carga horária de 120 horas a serem cumpridas, correspondendo a 8 créditos na grade curricular. No caso, os quatro estágios estabelecidos na grade totalizam 480 horas do futuro professor em seu campo profissional. Em suas ementas, as quatro disciplinas buscam possibilitar ao estudante vivenciar a formação profissional em condições reais do contexto escolar. A aprendizagem da docência deverá articular teoria e prática, através da análise das experiências durante esse período por meio dos referenciais teóricos.

### **3.3. Participantes do estudo**

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram convidados 5 alunos/estagiários do curso de graduação Educação Física de uma Universidade do interior de São Paulo e 5 professores-colaboradores dos estágios. Como critério de seleção dos sujeitos

---

<sup>7</sup> No modo presencial as disciplinas de estágio 1 e 2 são pautas nesses procedimentos.

para participar deste trabalho, foi considerado o fato do estágio ter sido realizado com o professor-colaborador. Essa relação proporcionou elementos de como foram desenvolvidos os processos formativos na relação entre professor-colaborador e estagiários. A fim de garantir o anonimato dos participantes, eles foram nomeados como PC1, PC2, PC3, PC4, PC5 (professores-colaboradores) e E1, E2, E3, E4, E5 (estagiários). As etapas da Educação Básica em que esses participantes estão inseridos é Educação Infantil (PC2/E2 e PC3/E3) e Ensino Fundamental 1 (PC4/E4, PC1/E1 e PC5/E5). Duas das três etapas de ensino da Educação Básica estavam presentes nas relações estabelecidas entre estagiários e professor-colaborador. O tempo de realização dessas relações foi de um semestre, por conta das disciplinas de ECS do curso que tem esse período. O quadro a seguir elucida características mais específicas dos professores-colaboradores e dos estagiários.

**QUADRO 2 - Caracterização dos Participantes da Pesquisa.**

<b>PARTICIPANTES</b>	<b>IDADE</b>	<b>GÊNERO</b>	<b>PERÍODO DA GRADUAÇÃO</b>	<b>QUANTIDADE DE ECS CURSADO</b>
E1	21	Masculino	4º ano	2
E2	24	Masculino	4º ano	2
E3	21	Masculino	4ºano	2
E4	24	Feminino	5ºano	4
E5	41	Masculino	5ºano	2
<b>PARTICIPANTES</b>	<b>IDADE</b>	<b>GÊNERO</b>	<b>EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL</b>	<b>EXPERIÊNCIA COM OS ESTÁGIOS</b>
PC 1	41	Masculino	10 anos	5 anos
PC 2	36	Feminino	10 anos	1 ano e 6 meses
PC 3	48	Feminino	15 anos	12 anos
PC 4	38	Masculino	12 anos	9 anos
PC 5	55	Feminino	21 anos	1ano

**Fonte:** Dados obtidos através da entrevista da pesquisa.

Os participantes dessa pesquisa se dividem entre professores da Educação Básica e estagiários, possuem idade entre 21 e 55 anos, sendo que 60% deles são do sexo masculino. Os estagiários estão cursando o 4º e 5º ano da graduação, sendo que apenas um deles se encontra no último ECS da grade do curso<sup>8</sup>, enquanto os

<sup>8</sup> A E-4 encontra-se cursando o quarto estágio como a tabela mostra, no entanto essa não seguiu a grade do curso, cursando assim as etapas de ensino no estágio em ordem diferente da proposta na grade curricular.

outros quatro acompanharam dois estágios, o que seria metade dos ECS obrigatórios. Os professores-colaboradores possuem uma experiência profissional de no mínimo 10 anos e no máximo 21 anos. Em relação a experiência com os estágios, essa vai de 1 ano até 12 anos, então é possível observar que existem professores que estão adentrando a questão dos estágios, enquanto outros possuem uma familiaridade de alguns anos.

### **3.4. Técnicas para a coleta de dados**

A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos<sup>9</sup>. Assim, todos os procedimentos éticos foram adotados para o desenvolvimento do trabalho. Foi levado em consideração o estabelecimento de um diálogo respeitoso, no qual foi explanada a pesquisa como um todo e os procedimentos pelos quais os participantes passariam durante o período de colaboração. A partir disso, foi entregue o TCLE que descreve os princípios éticos e com o qual os participantes afirmaram estar de acordo. Assim, houve a aplicação de duas técnicas para a coleta de dados, foram adotadas a entrevista semiestruturada com estagiários e professores e a fonte documental.

#### **3.4.1. Entrevista**

A entrevista é “um encontro entre duas pessoas com o objetivo de que uma delas tenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conservação de natureza profissional” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.195). É bastante adequada para a obtenção de informações, pois explora o que os sujeitos sabem, acreditam, esperam fazer, fazem ou fizeram. Portanto, a entrevista é uma forma de interação social em que há um diálogo entre duas partes: a que busca dados e a outra que é fonte de informação (GIL, 2002). Diversos tipos são encontrados na literatura sobre metodologia de pesquisa, variando de acordo com o propósito do entrevistador (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Para essa investigação foi utilizada a entrevista semiestruturada, uma vez que ela se mostra adequada para os propósitos deste trabalho. A entrevista

---

<sup>9</sup>A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos, via Plataforma Brasil, CAAE nº 33969620.2.0000.5504, Parecer nº 4.196.394; e Parecer nº 4.278.257

semiestruturada “se desenvolve através de um esquema básico, mas que não é aplicado rigidamente permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.34). Esse tipo possibilita ainda “a certeza de se obter dados comparáveis entre os vários sujeitos” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.135).

Para a realização das entrevistas, inicialmente, houve um contato prévio com os participantes da pesquisa. Todos os cuidados requeridos para a participação/realização da entrevista foram tomados, entre eles, o respeito pelo entrevistado e as identidades dos participantes. Assim como a possibilidade de desistência da sua participação em qualquer momento, caso desejassem (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Essas ações foram asseguradas por meio do TCLE, o qual foi entregue a todos os participantes antes das entrevistas ocorrerem. Para as entrevistas que ocorreram por meio de plataformas digitais, o TCLE foi enviado através de e-mail, assinado de forma digital e devolvido por vias digitais. Através desse documento, os participantes puderam ter a síntese de como aconteceria a sua participação, bem como o esclarecimento de dúvidas.

Foram elaborados dois roteiros<sup>10</sup> para a realização das entrevistas, considerando o objetivo geral e os específicos como base para a estruturação das perguntas para os professores-colaboradores e estagiários. As questões contemplavam características pessoais e profissionais, concepções, relações e avaliações sobre os estágios na formação inicial. Antes das entrevistas serem realizadas, foi feita uma validação das questões com professores de Educação Física, para que se pudesse ter consciência da clareza das perguntas, assim como da necessidade de adequação dos roteiros.

Foi realizado um total de 10 entrevistas individuais em locais e horários estabelecidos pelos entrevistados. A entrevista do PC1 ocorreu em uma biblioteca comunitária no período da manhã, já a entrevista do PC2 e do PC3 ocorreu nas escolas no período da manhã e da tarde, as escolhas pelos locais e pelo horário se deram de acordo com a disponibilidade dos professores. Já os PC4, PC5, E1, E2, E3, E4 e E5 tiveram as entrevistas realizadas pelos meios digitais, devido ao isolamento social causado pela pandemia do COVID-19<sup>11</sup> (PC4 e PC5 - WhatsApp, E1, E2, E5 -

---

<sup>10</sup> Encontra-se em apêndice o roteiro da entrevista do professor colaborador e do estagiário.

<sup>11</sup> Embora a questão do ECS deva ser priorizada por meio de atividades que ocorrem de forma presencial, temos passado por um período de grandes incertezas, pois o mundo foi acometido pela

Skype e E2 e E3, E4 - Hangouts), cada um deles optou pelo aplicativo e horário que estivesse dentro das suas possibilidades.

Para a gravação das entrevistas presenciais foi utilizado um aparelho celular que realizou o registro através do formato de mp3. Já nas entrevistas online foi utilizado a técnica de gravação disponibilizada pelo próprio aplicativo. O tempo médio da entrevista com os professores foi de 40 minutos e com os estagiários foi de 30 min. Posteriormente a gravação das entrevistas realizou-se as transcrições<sup>12</sup> das mesmas, respeitando as marcas de oralidade, pausas e repetições observadas nas falas dos entrevistados.

### **3.4.2. Fonte documental**

Por meio da fonte documental foi possível obter dados de maneira indireta (GIL, 2002). Esta é uma técnica valiosa, que complementa informações obtidas por outros métodos, ou ainda pode revelar novos aspectos sobre a problemática. A fonte documental é repleta de informações do contexto, sendo que não deve ser desconsiderada mesmo com o uso de outros métodos de investigação (LUDKE; ANDRÉ, 1986). De acordo com as autoras, a fonte documental representa ainda um meio “natural” de informação e surge em um determinado contexto, fornecendo informações sobre ele (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 39).

Para essa pesquisa, foi considerado como documentos os relatórios ao final da disciplina de ECS, realizados pelos estagiários participantes. Esses relatórios correspondem aos 5 estagiários que participaram das entrevistas, sendo que todos estavam sob a orientação da mesma professora da Universidade na disciplina de estágio que cursam.

---

pandemia da COVID-19, fomos privados de espaços públicos, o que acarretou medidas de distanciamento e isolamento social, como o fechamento das escolas e das instituições de ensino superior, afetando diretamente os estágios. Foi necessário a reestruturação do funcionamento dessas instituições, dessa forma os estágios passaram a ser desenvolvidos no modo online. A portaria nº 343/MEC orienta a substituição de aulas presenciais por aulas em meios digitais, até que perdure a pandemia da COVID-19; o Conselho Nacional de Educação delibera normativos que dispõem sobre a organização de calendários letivos, atividades acadêmicas e de ensino para todos os níveis/modalidades da educação.

Desse modo a pandemia no Brasil já tem duração de 1 ano e 5 meses, e as aulas e o ECS continua sendo desenvolvido através do ensino remoto, sabemos que essa não é a situação ideal para o desenvolvimento das atividades educacionais, porém diante dessa crise é o que é possível de ser feito para a preservação das vidas humanas. O modelo online de estágio não será abordado na presente pesquisa, pontuo, no entanto, a necessidade de pesquisas futuras sobre este modelo.

<sup>12</sup> Segue em apêndice duas entrevistas transcritas dos participantes (Estagiário 4 e Professor Colaborador-4).

Os relatórios<sup>13</sup> seguem a seguinte estrutura: 1 - *Identificação do estagiário*, neste tópico constam informações sobre o estagiário e o professor da universidade que é responsável pelo estágio; 2 - *Regência escolar*, traz informações sobre a escola campo em que o estágio está sendo desenvolvido, sobre o professor da escola (professor-colaborador), as turmas que foram acompanhadas durante o estágio, como também a carga horária e informações sobre as regências na escola campo, com o cronograma das atividades, os conteúdos que foram desenvolvidos e as metodologias que foram usadas no desenvolvimento das atividades; 3 - *Descrição/cronograma das demais atividades desenvolvidas na escola*, foi possível fazer relatos sobre todo o desenvolvimento do estágio, as percepções dos futuros professores diante do contato com seu campo profissional e a avaliação que eles fazem em relação a esse período da formação inicial.

O documento apresenta ainda informações sobre a elaboração de todo o projeto que os estagiários desenvolveram, desde o início (como o contato com a escola, o professor e as turmas) até a escolha da temática que trabalharam nas aulas. Por último, os alunos puderam trazer algumas considerações em relação às experiências vivenciadas durante o período ECS, assim como reflexões sobre as aprendizagens.

### **3.5. Análise dos dados**

Através da análise dos dados é possível descobrir elementos que poderão responder aos objetivos e ao problema de estudo (BENITES *et al.*, 2016). Há uma variedade de técnicas para a análise de dados e a adotada para esse estudo foi a análise de conteúdo. Esse método descreve e interpreta o conteúdo das palavras, como também descobre o que há nas entrelinhas de um texto (BARDIN, 2010). Entende-se por análise de conteúdo:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2010, p.47).

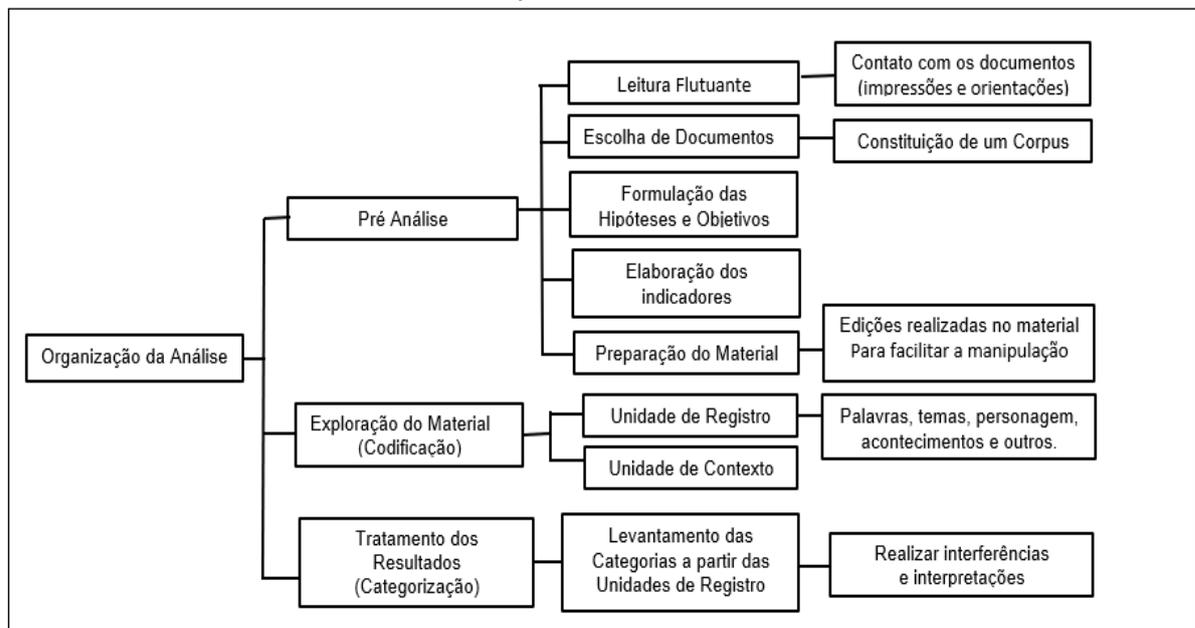
---

<sup>13</sup> Nos anexos e encontra um modelo que traz a estrutura dos relatórios realizados no final das disciplinas de ECS.

Sabe-se que esse tipo de análise se constitui através de categorias temáticas, que emergem dos dados. Essas surgem através do que foi encontrado na fonte documental e nas entrevistas semiestruturadas. A análise de conteúdo possibilita "descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado" (MINAYO, 1994, p.209).

A análise de conteúdo deve ser desenvolvida de modo contínuo e progressivo por meio de etapas, por operações de desmembramento do texto em unidades e em categorias para reagrupamento analítico posterior. É efetivada "em três fases: a) pré - análise, b) exploração do material c) inferência e interpretação" (BARDIN, 2010, p.95). Apresentamos na figura abaixo, de forma concisa, o processo de cada etapa.

**FIGURA 2 - Etapas da análise do conteúdo.**



**Fonte:** BENITES (2013).

A pré - análise é etapa na qual o pesquisador organiza e estrutura o material que será útil para a pesquisa, escolhe os documentos, formula hipóteses e dispõe de indicadores que o auxiliarão na discussão dos resultados (BENITES *et al.*, 2016). É nessa etapa também que se realiza a "leitura flutuante", a qual possibilita conhecer o material, fazer anotações e ter impressões. Através dessa leitura é possível fazer conexões com os objetivos da pesquisa e com as hipóteses que foram levantadas.

Posteriormente, o pesquisador dá início a edição, que consiste em recortes de trechos ou comentários que embasam o que será discutido, sendo importante que se atente de não os descontextualizar. Essa fase é bem exaustiva, pois o material é

manipulado inúmeras vezes para retirar muitas informações sobre o problema de pesquisa. A partir desses procedimentos, é que começam a aparecer os temas de análise, que é nomeado como *corpus* da pesquisa (BARDIN, 2010).

Para o presente estudo foi realizado, primeiramente, as transcrições das entrevistas dos estagiários e professores fidedignamente, seguida da organização dessas, por meio do agrupamento das respostas e falas com base nas perguntas que a provocaram. Organizou-se também a fonte documental, os relatórios dos estagiários foram agrupados por meio dos itens que contém. Foram realizadas várias leituras, de forma compreensiva e exaustiva, para obtenção do conteúdo que fosse ao encontro do problema da pesquisa.

A etapa de exploração do material tem como objetivo compreender o significado dado pelos participantes no estudo ao *corpus* da pesquisa. Essa fase consiste na codificação dos dados, onde há uma contagem de ideias que ocorrem repetidas vezes no material, assim como aquelas que estão totalmente ausentes (BENITES *et al.*, 2016). É nessa etapa que aparecem as unidades de registros e unidades de contextos. As unidades de registro são palavras, frases ou temáticas repetidas na extensão dos textos, que são encontrados nos diferentes documentos analisados. Já as unidades de contexto evidenciam onde ocorrem as unidades de registro, configurando-se em um fragmento do texto mais amplo, que permite a compreensão da unidade de registro (BARDIN, 2010). Desse modo, foi realizada a seleção de trechos considerados apropriados ao contexto da pesquisa, onde foram elencadas algumas unidades de registro relevantes para os objetivos propostos.

Por fim, foi realizada a etapa de tratamento dos resultados, inferência e interpretação, onde se dão as categorias de análise. “As categorias dizem respeito às expectativas do investigador, aos objetivos da pesquisa, às questões norteadoras, às características da mensagem, à objetividade e à produtividade” (BENITES *et al.*, 2016, p.39). As categorias reúnem o maior número de informações advindas de várias fontes, organizando os fatos, estabelecendo articulações e procurando, desse modo, dar sentido à interpretação dos dados (BARDIN, 2010).

Apresentamos a seguir o quadro com as categorias que foram levantadas para essa pesquisa.

**QUADRO 3 - Categorias e subcategorias**

<b>Categorias entrevista semiestruturada professores colaboradores</b>	<b>Categorias entrevista semiestruturada estagiários</b>	<b>Categorias relatórios estagiários</b>
1. Estágio 1.1. Visão/Concepção 1.2. Tempo 1.3. Desenvolvimento 1.4. Estagiários	1. Estágio 1.1. Visão /Concepção 1.2. Tempo 1.3. Avaliação 1.4. Aprendizagens	1. Estágio 1.1. Concepção 1.2. Papel dos agentes 1.3. Aprendizagens 1.4 Processo
2. Universidade 2.1. Vínculo 2.2. Papel 2.3. Espaço	2. Universidade 2.1 Vínculo 2.2 Papel	2. Universidade 2.1 Espaço 2.2 Articulação
3. Professor Colaborador 3.1. Função 3.2. Ações 3.3. Saberes 3.4. Formação 3.5. Relação	Professor Colaborador 3.1 Função 3.2 Relação 3.3 Características 3.4 Ações	Professor Colaborador 3.1 Ações 3.2 Função 3.3 Característica 3.4 Relação
4. Escola. 4.1. Papel 4.2. Espaço 4.3. Estagiários	4. Escola 4.1 Papel 4.2 Contato 4.3 Espaço	Escola 4.1 Espaço 4.2 Vivência 4.3 Articulação

**Fonte:** Elaborado pela pesquisadora.

As categorias apresentadas estão relacionadas aos dados encontrados nos instrumentos de coleta de dados das entrevistas semi-estruturadas e da fonte documental, sendo elas a 1- estágio, 2- universidade, 3- professor- colaborador e 4- escola, cada uma dessas categorias dão origem a subcategorias. Aglutinando todos os itens evidenciados por essas, foi possível chegar aos grandes eixos que conduziram a apresentação dos resultados, bem como a discussão dos mesmos.

### 3.6. Organização dos dados

No decorrer da etapa de tratamento dos resultados, foi realizada a triangulação dos dados que consiste em assumir várias perspectivas, a partir dos dados dos diferentes instrumentos de coleta. No caso desta pesquisa, foi realizada a confrontação dos dados da entrevista semiestruturada dos professores colaboradores, da entrevista semiestruturada dos estagiários e dos relatórios dos estagiários. Essa etapa ocorreu em constante diálogo com os referenciais teóricos, buscando considerar os objetivos da presente pesquisa.

Ao aglutinar todos os itens destas categorias, chegou-se a dois grandes eixos para a discussão dos resultados:

- 1) *A parceria Universidade e a escola nos estágios*, que contempla os subitens: o papel da universidade, o papel da escola e a parceria universidade e escola no estágio.
- 2) *Os saberes do professor colaborador*, que abarca os subitens: Inserção do aluno/estagiário no campo profissional, as ações e os saberes do professor-colaborador e o estágio, como ele ocorre entre universidade e escola.

#### **4. A PARCERIA UNIVERSIDADE E ESCOLA NOS ESTÁGIOS**

Este eixo é referente a parceria entre universidade e escola no âmbito dos estágios. Sabe-se que essas duas instituições possuem características, papéis, estruturas e objetivos diferentes, mas são espaços para a aprendizagem da docência. Para Lima (2008, p.198), a “aproximação de duas instituições de ensino, cada uma trazendo valores, objetivos imediatos, culturas e relações de poderes diferentes, com o objetivo de realizar um trabalho comum: a formação de professores”. Vedovatto Iza e Souza Neto (2015a) afirmam que essas duas instituições são essenciais na formação dos professores, no entanto, é fundamental que ocorra uma parceria entre elas.

A discussão iniciará pelo subitem “O papel da universidade”, no qual será apresentado como os professores-colaboradores e alunos/estagiários compreendem o papel da universidade nos estágios do curso de Educação Física.

##### **4.1. O papel da universidade**

O modo de conduzir o ECS é primordial para reflexões sobre a prática docente (VEDOVATTO IZA; SOUZA NETO, 2015a). Apesar dos normativos disporem que tanto a universidade quanto a escola são responsáveis pelo processo formativo do futuro professor, elas ainda permanecem distanciadas (SARTI, 2009). A universidade é vista na formação inicial como um espaço que prepara o acadêmico, assegurando o seu comprometimento com as atividades propostas no programa, consciente de que este é um caminho para a compreensão da realidade escolar em que esse futuro professor irá atuar.

Ananias (2012) afirma que a universidade deve possibilitar aos futuros docentes a obtenção de uma base de conhecimentos que vá ao encontro de elementos práticos da profissão. Deve-se levar ainda a compreensão e valorização do trabalho dos professores, como também buscar uma aproximação com a escola. Para os professores-colaboradores, a universidade tem o papel de induzir uma base teórica de conhecimentos que permitirão o aluno/estagiário adentrar o campo profissional fazendo reflexões sobre o que vivenciaram na prática, auxiliando-os a enfrentar os desafios encontrados. Essa ideia pode ser verificada nos seguintes depoimentos:

Ser a base que ele chega aqui né, na escola. Então assim a universidade, quando o aluno tem uma base boa, ele chega aqui com capacidade de refletir sobre o trabalho e conseguir enfrentar as dificuldades que todo trabalho vai ter né, independente da área todo trabalho tem uma dificuldade, é com base... baseados nas teorias que você aprende, com tudo que você vem da na universidade que você tem suporte para enfrentar essas dificuldades e refletir (PC3).

Eu acho que fazer uma base de teoria, como era realizado porque não tenho certeza se é dessa maneira, mas que essa parte prática é muito importante também, porque aí você consegue fazer uma ida e uma volta, para vocês leram o texto tal, do pensador tal, como é que foi lá na prática? É complementar para uma coisa ou outra? É verdade ou, não é?", trazer essa discussão com as diferentes experiências que os alunos têm nas diferentes escolas (PC4).

Deste modo, reconhecemos que os professores-colaboradores superam a compreensão tradicionalista de que a universidade seria apenas detentora de conhecimentos teóricos, que são aplicados na prática na escola. Passa-se a conceber uma visão colaborativa de parceria com a escola, que debate o que os professores encontram em sua rotina de trabalho, por meio do que é aprendido na universidade. Para Vedovatto Iza e Souza Neto (2015b), a universidade tem um papel fundamental na reflexão compartilhada entre universidade e escola, ela promove, desse modo, um diálogo com a escola e com a sua realidade, contribuindo com aprendizagem da docência. Para Pimenta e Lima (2011, p.111):

Ao transitar da Universidade para a escola e desta para a universidade, os estagiários, podem tecer uma rede de relações, conhecimentos e aprendizagens, não com objetivos de copiar e criticar apenas os modelos, mas de compreender a realidade para ultrapassá-la.

Para alguns dos estagiários, a universidade tem o papel de construir/debater, juntamente, com a escola conhecimentos que serão utilizados na profissão docente, através de momentos de partilha onde teoria e prática se articulam. É possível identificar isso nos seguintes trechos:

É pensando em como... todos esses conhecimentos assim que são da escola e são da universidade, na experiência que eu tive a universidade foi o local em que todos esses saberes estavam conversando, então é tinha relato dos professores colaboradores, relato dos alunos, relato dos professores da universidade né. Então tipo assim foi realmente o lugar onde tudo isso se articulou e a gente não ficou ouvindo um só ponto de vista ou um só do outro e normalmente esses pontos de vistas eles são sempre julgando o contrário né. É então os professores da escola não sabem da aula por causa disso, o que acontece nisso, nisso nesse texto, mas o professor da universidade não sabe da aula porque o que está escrito no texto não está acontecendo aqui. A universidade, ela proporcionou é um apoio que ajudava a gente articula as, as ideias, tanto das que vinham dos

textos que a gente lia, como as que surgiam lá, é durante o estágio a gente ia entendendo como essas coisas são todas juntas né (E1).

[...] seria um pouco disso tudo também que eu falei, eu acho que trazer os conhecimentos e a base para você ser um bom profissional e também trazer meios para você poder refletir esses conhecimentos diante da prática na escola, então eu acho que isso que eu falei, é fundamental fazer esse papel (E5).

Para Pimenta e Lima (2011), as teorias devem levar a compreensão e análise das ações práticas das instituições e dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar as situações em questionamento, visto que as teorias são explicações transitórias da realidade. O que os alunos/estagiários consideram é que a universidade possibilitou momentos de compreensão da ação docente, através de explorações do que se vivenciou no âmbito dos estágios, com base em conhecimentos que vêm debatendo. Para os alunos/estagiários isso foi possibilitado através do professor da universidade, o qual é um mediador nas reflexões que são necessárias a serem realizadas nesse momento da formação inicial.

Nesse sentindo, um relato que para um estagiário pode ser desesperançoso, sem saída, fatalista, pode ser completamente revertido em um cenário de possibilidades pedagógicas quando compartilhado. Isso aconteceu em diversos momentos, principalmente por parte da professora orientadora, que devido a sua experiência e estudos aprofundados, tinha um repertório mais elaborado para lidar com essas situações nos auxiliando nas reflexões (RELATÓRIO E1).

[...] inclusive teve momentos em que pudemos falar da estrutura da escola e materiais disponíveis, com a finalidade de todos ter a mínima noção da realidade das escolas. O planejamento das aulas também foi compartilhado com todos e, por fim, as experiências das regências, sendo elas boas ou ruins, particularmente eu gosto muito dessa troca de vivências... o professor da universidade foi tornando com isso importante, aliás considero essa troca fundamental para formação profissional, tanto para não repetir erros mais básicos e para acertar com mais facilidade, se apropriando de uma estratégia, ou método de ensino, que já funcionou em algum lugar (RELATÓRIO E5).

Cyrino (2016) afirma que o professor orientador tem um papel fundamental no desenvolvimento dos estágios, ele deve sempre apresentar questionamentos aos futuros professores, instigando-os a revisitarem concepções que possuem em relação à escola, ensino, aprendizagem, possibilitando a eles refletirem sobre suas ações.

O modelo de estágio aqui relatado aponta para um movimento novo, que concebe a universidade com um papel mais compartilhado com a escola na formação docente, que vai ao real encontro da profissão (NÓVOA, 1991). O aluno/estagiário aponta em seu relatório que há um caminho longo a ser percorrido para que essas duas instituições se aproximem cada vez mais.

Sempre o ponto principal a ser destacado é a aproximação da realidade do ambiente escolar público com o meio acadêmico que estamos inseridos. Neste semestre específico, ficou muito claro para mim, que ainda há muito que se fazer para que a distância entre esses dois “mundos” diminua (RELATÓRIO E5).

Para Nóvoa (2019) a universidade tem o seu papel na formação de professores, mas ela precisa investir nesse processo. Não é possível “sem estudarmos a área da educação, sem construirmos um conhecimento pedagógico, sem nos relacionarmos seriamente com os professores que já exercem a profissão” (p.13). Desse modo, é necessária a construção de pontes orgânicas, cada vez mais, estáveis entre esses dois espaços.

Por outro lado, existem alguns alunos/estagiários que compreendem o papel da universidade como o de transmissão de teorias. Ou seja, a IES é considerada detentora de conhecimentos teóricos que serão aplicados na prática nos estágios, eles ainda indicam que só cabe a ela a responsabilidade da formação docente.

Contribuiu de maneira muito significativa para minha formação, ao propiciar a vivência escolar, pude colocar a teoria aprendida na universidade em prática (RELATÓRIO E3).

Me formar para tudo, sem ela eu não seria o professor que eu estou me formando hoje, sem ela o conhecimento que ela me dá para eu poder aplicar (E2).

De acordo com Mizukami (2004), a maioria dos cursos de formação adota a ideia de que as teorias competem à universidade, enquanto a prática cabe à escola. Ou seja, as teorias aprendidas na universidade devem ser aplicadas na escola. A partir do exposto acima, parece que ainda há uma compreensão errada por parte dos alunos em relação a formação inicial na qual “a lógica da prática e a lógica da formação” (FRANCO, 2008, p.123) não possuem um diálogo. O que vemos é uma visão de racionalidade técnica da profissão, onde se dá a aplicação de teorias e técnicas científicas que solucionarão desafios encontrados na prática. Parece que a prática e a teoria estão desvinculadas e que o estágio é um momento no qual o aluno aplica aquilo que foi aprendido na universidade. Para Tardif (2010, p.11):

A prática profissional nunca é um espaço de aplicação dos conhecimentos universitários. Ela é, na melhor das hipóteses, um processo de filtração que os dilui e os transforma em função das exigências do trabalho; ela é, na pior das hipóteses, um muro contra o qual se vêm jogar e morrer conhecimentos universitários considerados inúteis, sem relação com a realidade do trabalho docente diário nem com os contextos concretos de exercício da função docente.

Para avançar na formação universitária profissional “é necessário construir um novo arranjo institucional, dentro das universidades, mas com fortes ligações externas, para cuidar da formação de professores” (NÓVOA, 2017, p.1114).

#### 4.2. O papel da escola

O parecer CNE/CP 28/2001 prevê que a escola abra as portas para o recebimento de estagiários, através de um acordo formalizado por meio de colaboração com a universidade.

[...] os sistemas de ensino devem propiciar às instituições formadoras a abertura de suas escolas de educação básica para o estágio. Esta abertura, considerado o regime de colaboração prescrito no Art. 211 da Constituição Federal, pode se dar por meio de um acordo entre instituição formadora, órgão executivo do sistema e unidade escolar acolhedora da presença de estagiários. (BRASIL, 2001a, p.11).

No entanto, o papel da escola vai além das funções normativas quando pensamos no âmbito dos estágios. Benites *et al.* (2012) afirmam que a escola não reconhece totalmente sua responsabilidade na formação de professores, sendo que a sua participação consiste na possibilidade de experiências da prática pedagógica, por meio do acompanhamento de um profissional experiente. Deste modo, a escola recebe os futuros professores para que eles possam adentrar seu campo profissional, no entanto, não há uma compreensão de como essa instituição deve desenvolver seu papel no âmbito dos estágios. Para Nóvoa (2009, p.7), “a escola como o lugar da formação dos professores, como o espaço da análise partilhada das práticas, enquanto rotina sistemática de acompanhamento, de supervisão e de reflexão sobre o trabalho docente”.

É consenso, entre os professores-colaboradores, que o papel da escola na formação inicial é de possibilitar aos futuros professores o contato com a realidade da sua profissão, assim como com as adversidades presentes no dia a dia, a qual eles terão que saber lidar.

Acho que seria conhecer os alunos, conhecer as adversidades de dentro da escola. Você pode montar uma aula e não dar certo, você pode montar uma aula para usar um espaço dentro da escola e naquele momento aquele espaço não estar disponível como aconteceu no projeto várias vezes. E ter que tá ali, e ter que tá ali com uma aula pronta para aquele espaço, uma aula não deu certo faz uma outra aula, não deu certo tem que ter sempre...isso só no dia a dia da escola para aprender (PC1).

A escola é fundamental, porque é ali que ele vai atuar né. Então a escola tem que acolher o estagiário, integra ele dentro de tudo que acontece na escola para que ele se sinta parte do corpo docente e aprenda como ele vai tocar o barco dali para frente de quando ele for mesmo profissional (PC2).

Então eu acho que o papel da escola e dos professores é contribuir nessa formação de maneira bastante enfática ainda porque nós estamos na realidade ali, nós estamos na escola e ali é o laboratório real do que vai acontecer na vida profissional do aluno (PC4).

Os depoimentos indicam a importância da escola no processo formativo do futuro professor, de acordo com França (2004, p.6).

A escola carrega consigo a responsabilidade de oferecer condições para que os futuros professores possam interagir com a situação de ensino e, principalmente, possam apropriar-se de um saber-fazer advindo da experiência coletiva dos professores. Por isso, a escola deve ser vista em sua tarefa formativa, ou seja, deve propiciar condições para que os futuros professores possam compreender sua função social em meio a tantas outras atividades que lhe são designadas cotidianamente.

A escola pode oferecer, aos futuros professores, situações reais de ensino que os levem a aprender com os pares que ali atuam, sendo um espaço de formação e experiência. Cyrino (2016, p.79) afirma que:

A escola, ao abrir suas portas, coloca o estagiário em contato com o real ambiente de trabalho do professor, possibilitando que se reconheça ou não no ofício docente, adentre no cotidiano escolar, vivenciando os desafios, conhecendo as dificuldades que permeiam esse espaço, além de perceber as relações entre aqueles que ali trabalham.

Os alunos/estagiários reconhecem o papel da escola, no contexto dos estágios, como um espaço onde o futuro professor tem diversas experiências da profissão. O aluno/estagiário é colocado diante da realidade da profissão, nas falas dos estagiários temos que:

[...] e tipo assim é como eu vou num lugar, me colocar como profissional se eu nunca estive lá , então é tipo assim é como se eu não tivesse tido a experiência o suficiente pra... pra poder ta naquele lugar né e pelo contrário é a escola nesse processo de formação, quando a gente está no estágio ela é um momento da gente ir lá e conhecer como funcionam as coisas , tipo assim não é como se fosse uma prévia, porque uma prévia também pressupõem que quando acontecer vai ser igual e não, mas é um primeiro contato e é importantíssimo ele acontece sim... ela é fundamental porque é onde é eu consigo realmente saber, não realmente, mas é onde eu consigo também saber o que eu to aprendendo e quais os conhecimentos que eu to aprendendo da minha profissão né, acho que é isso (E1).

Ela tem um papel muito importante na minha formação, sem ela eu não teria essa vivência na prática de como ser professor, sem ela assim eu poderia estar pensando que a escola é A, mas ela é totalmente diferente ela é B, então ela me esclarece um pouco a ideia do que é ser professor na prática mesmo (E3).

Também é a escola ela vem dentro do estágio né, antes de começar os estágios, durante a faculdade se não sabia direito a escola, antes se tinha estudado normal né numa escola... na vida escolar normal depois foi para faculdade, só depois ,lá no final, pro final da graduação que a gente começou a ter contato com a escola mesmo, mas no outro lado, num papel diferente , num papel de não aluno, não era nem professor, mas tava ali numa situação diferente e eu acho muito importante porque com ela foi o que eu falei no começo entender como é que funciona , para depois que sair , depois que formar começar a trabalhar e ai vê mesmo como é que funciona (E4).

As escolas, por meio dos estágios, possibilitam aos alunos/estagiários a desconstrução e reconstrução do ambiente em que eles irão atuar. Até então, eles carregavam consigo as percepções desse ambiente de sua vivência enquanto aluno, agora passam a carregar consigo as de professor.

Os alunos/estagiários reforçam que a escola, por meio dos estágios, faz com que ele participe de situações de ensino-aprendizagem, refletindo sobre o que está acontecendo, outro ponto levantado é a participação em situações organizacionais da profissão.

[...] consegui vivenciar desde o planejamento, até a execução de uma aula, e perceber o tanto de fatores que influenciam uma aula acontecer de maneira satisfatória, e o quais desses fatores, eu consigo controlar ou não. Penso que essa análise mais estrutural dos processos de ensino-aprendizagem, é um tanto mais lúcida. Pois, pensando dessa maneira é possível atribuir os direitos/deveres e funções para os respectivos agentes, como por exemplo os próprios professores e alunos (RELATÓRIO E1).

Além das participações em aula, tivemos a oportunidade de assistir uma reunião do Conselho Escolar. Foi uma experiência muito positiva também, onde foi possível um contato mais próximo com procedimentos organizacionais e coordenativos (RELATÓRIO E5).

Lima (2008, p.200) destaca a necessidade do “reconhecimento de papéis e de um diálogo pedagógico que estabeleça a escola como recebedora e formadora dos estagiários”. Nesse espaço ocorrem aprendizagens da profissão, promovendo diálogos entre universidade e escola de modo a mobilizar diversos saberes.

O papel da escola com o momento do ECS vai além de somente ceder um espaço, fica perceptível que a escola é um local de formação e precisa assumir o seu papel como participante da formação inicial dos futuros professores (BENITES, 2012).

Os alunos estagiários consideram a escola como lócus de formação pelas aprendizagens que ela proporciona nesse momento de acompanhamento/inserção da cultura escolar.

[...] ela é realmente 50% do que, do que eu preciso saber para tá lá assim e sabe é, para atuando no futuro na verdade... porque sem ela nada teria acontecido e nenhum dos saberes que eu tenho em relação a ser professor eu teria hoje. Então eu acho que a escola é fundamental porque ela é a outra grande engrenagem dessa roda gigante toda da minha formação (E1).

Todas as escolas me proporcionaram um aprendizado muito grande, nas escolas por onde eu passei eu me relacionava não só com o professor de Educação Física, como as outras professoras pedagogas também, isso foi um ganho excepcional na minha formação. Então eu acho que de maneira geral as escolas exerceram um papel fundamental, na minha formação (E2).

Para ser professor é preciso compreender a cultura profissional, dar sentido à instituição escolar, aprender com os pares mais experientes e, de fato, integrar-se à profissão. É exatamente no espaço da escola e na convivência com os outros professores que se aprende a ser professor. Registrar, refletir e avaliar o trabalho são elementos que promovem o aperfeiçoar e a inovação, são esses subsídios, possibilitados pela escola, que permitem que a profissão avance (NÓVOA, 2019).

Os professores colaboradores indicam que somente a escola produzirá determinadas aprendizagens, sem essa vivência os alunos podem ter determinadas lacunas em sua formação.

Eu vejo na minha escola as portas totalmente fechadas para alunos da Pedagogia, porque as professoras não desejam ninguém, nas palavras delas analisando ou julgando o trabalho delas, então eu acredito que nós precisamos desse momento do estágio, então os alunos que vem pela frente também precisam, se eles não tiverem essa oportunidade vai ficar uma lacuna (PC4).

Os alunos estagiários voltam a indicar nos relatórios que esse momento proporciona aprendizagens que só acontecem no contato com a escola.

Considerando que foi a minha primeira experiência em escola, avalio esta como uma experiência positiva. Destaco em primeiro lugar, a diferença gritante entre o aprendizado na graduação e o aprendizado em ambiente escolar. Vários fatores foram encontrados neste processo para explicar essa diferença, entre os quais destaco as especificidades da escola, e suas dificuldades estruturais e organizacionais (RELATÓRIO E2).

O período na escola proporcionou conhecer as facilidades e as dificuldades (tanto burocráticas e com o social) que uma escola

enfrenta em seu dia-a-dia.do na escola... acabei aprendendo cada dia mais e mais na escola (RELATÓRIO E3).

O processo de imersão na escola, por meio dos estágios, permite aos futuros professores a aquisição de conhecimentos ligados ao contexto educacional, em uma perspectiva mais ampliada. Ao mesmo tempo, apreendem saberes inerentes à prática profissional do professor de Educação Física. Tais aprendizagens, aliada aos conhecimentos universitários, produzem um amálgama que promove, gradativamente, a identidade do futuro professor de Educação Física.

É fundamental construir uma formação que possibilite a presença da universidade, da escola e dos docentes para se criar vínculos e encontros, sem os quais não é possível se tornar professor. Desse modo, a formação precisa permitir a aprendizagem de se sentir como professor e a construir sua posição profissional (NÓVOA, 2017).

#### **4.3. A parceria universidade e escola nos ECS**

Em relação à estruturação e desenvolvimento dos estágios, constou-se que os normativos vão se alterando e indicando alguma modificação em relação a carga horária, período do curso que esses devem estar presente e como as instituições responsáveis devem promover esse momento na formação inicial. No que tange a questão de tempo, há um consenso entre professores-colaboradores, que sinalizam que o contato com a escola deve ocorrer o mais cedo possível, no caso, desde o início da graduação. Destacam que o tempo de imersão na realidade pode construir e desconstruir concepções que os alunos/estagiários possuíam. Os professores entrevistados afirmam que:

Desde o início, entrou na faculdade tem que já vir para dentro da escola, aqui vai ser onde ele vai atuar realmente. Muitas vezes você entra na faculdade com uma ilusão que a educação é linda e maravilhosa né e quando você vem para a escola você vai ver qual é realmente o papel (PC2).

Eu acredito que logo no primeiro ano deles deveria acontecer esse contato, muitas licenciaturas deixam o estágio para os últimos anos e já está em cima por exemplo de ele aprender a trabalhar né. Então o estágio desde o começo já começa amadurecer a ideia, ele já começa a ser uma experiência vamos dizer assim do trabalho, quando ele forma, ele já tá muito mais preparado para o mercado de trabalho, quando ele só pega no último ano (PC3).

Eu acho que quanto antes começar melhor, talvez de maneira gradual, talvez de maneira mais dirigida, mas eu acredito que desde o primeiro ano eles teriam que ter algum contato com a escola (PC4).

Os alunos/estagiários também compartilham dessa indicação que o tempo de contato com a escola deveria ocorrer nos primeiros anos, para eles, há uma construção de conhecimento que está presente na realidade, que permitirá um amadurecimento em relação à profissão.

Eu acho que o contato com a escola deveria iniciar desde o primeiro período da faculdade. É o primeiro porque eu acho que muita gente entra no curso com algumas dúvidas sobre se é aquilo mesmo que ele quer ou não para o seu futuro e eu acho que o contato com a escola logo no começo poderia ajudar o graduando é nessa questão e outra porque eu acho que tendo contato com a escola desde o começo você constrói um background maior para você, você constrói mais experiência, um repertório, você fica com um repertório maior tanto de atividades quanto de conhecimentos no geral e eu não vejo porque não ter esse contato desde o primeiro período na escola (E2).

Eu concordo com o que o professor havia falado, que devia ser logo no começo é porque eu mesmo tive, eu fiquei bem frustrada durante os estágios, foi pouquíssimos que eu me encaixei, nossa eu falei legal vou continuar, mas a maioria deles eu quase abandonei tudo e falei não quero mais dar aula na escola nem nada... mas assim tipo já começar a ter um contato, não sei como poderia fazer isso, mas num trabalho na escola ou alguma coisa, sempre buscar mostrar como é trabalhar naquilo desde o começo assim (E4).

Eu acho que poderia ser até uma carga horária ampliada, eu acredito que quanto mais contato a gente tiver, quanto mais experiência a gente tiver, quanto mais horas a gente passar nas escolas, eu acho que vai favorecer a nossa formação. Como eu falei anteriormente eu acho que ela pode até começar um pouco antes e não no período da graduação que ela realmente começa (E5).

A CNE/CP 2/2019 sinaliza esse tempo em ambiente escolar para a formação de professores, quando define que a carga horária dos cursos de licenciatura deve ter a seguinte distribuição em seu bloco: 800 horas de prática pedagógica, sendo 400 (quatrocentas) horas para o estágio supervisionado, em situação real de trabalho em escola, da instituição formadora; e 400 (quatrocentas) horas para a prática dos componentes curriculares, as quais devem ser distribuídas ao longo do curso. A ampliação dessa carga horária destinada às experiências no ambiente do campo profissional busca evidenciar a importância do conhecimento prático na formação docente do futuro professor. Subentende-se que a relação entre teoria e prática deveria estar presente em todo o processo de formação e não apenas em um determinado período, estando desarticulada do restante do curso.

Em contrapartida, existem alunos/estagiários que veem a necessidade de terem contato com um repertório maior de conhecimento da universidade, para poderem adentrar o campo profissional com uma preparação melhor para situações que irão vivenciar nesse ambiente.

É eu to tentado a dizer que no primeiro ano... rrsrs, mas eu acho que eu não vou dizer no primeiro ano... é a gente não teria repertório suficiente para isso para minha experiência é lógico claro, para lidar com o estágio já no primeiro ano, repertório é: repertório teórico, repertório metodológico, mas repertório emocional também (E1).

Eu acho que a gente necessita de um prévio conhecimento antes de tá inserido nas escolas, uma melhor preparação entendeu? Mas eu acho que a partir do segundo ano eu já acho que seria possível, com um ano de graduação a gente já teria essa formação prévia, eu acho assim necessária para tá inserido nas escolas, para já ter esse primeiro contato (E5).

Sobre como deve ser realizado esse contato inicial com a escola por meio do ECS, os professores-colaboradores afirmam, em sua maioria, que deve ser um processo gradual. Também descrevem que parte do que os alunos esperam desse momento, de uma apresentação do ambiente, seguido de observações e ações vão colocando os futuros professores em uma situação de aprendizagem e confiança. Os professores relatam as ações do seguinte modo:

Apresentando a escola, mostrando os alunos, tendo uma conversa com que eles esperam de mim dentro da escola, o que eles esperam da escola (PC1).

[...] apresenta a escola, apresenta as turmas, pergunta qual o objetivo... o que ele está pensando em desenvolver né. O contato dele com a escola eu acho que ele tem de vir aqui e a escola tem que abrir todos os espaços apresentar ... pelo menos é o que eu faço apresentar toda a escola, independente da minha área eu mostro todos os espaços da escola, por exemplo eu apresento os professores, a equipe gestora...acho que tem que ser assim (PC4).

Então deu para eu ver assim nitidamente a melhora deles como professores, no início eles estavam com muito medo, bem assim acanhados, como eu vou fazer isso? Não vai dar, não vai e tinham assim que ficar assim constantemente me procurando para ter aquele, to aqui, mas a professora tá ali, então se der alguma coisa errada. Aí conforme foi passando o tempo, os estagiários que estavam comigo, eles já tocaram o barco assim sozinhos, só auxiliiei no plano para eles estarem dentro do que eu ia dar, mas eles já nem tinha necessidade de ficar o tempo todo olhando se eu estava ali ou não (PC3).

O fato de como o professor organiza e apresenta a escola pode vir a ser um fator que colabora com o desenvolvimento dos estágios. Para Vedovatto Iza e Souza Neto (2015b), a forma como os estágios são organizados e desenvolvidos podem

estar, parcialmente, relacionados com a questão da parceria entre universidade e escola.

Os alunos/estagiários relatam que esse contato inicial com o ambiente escolar, nos estágios, é uma forma de conversar com o professor-colaborador e apresentar suas expectativas em relação a esse momento, colaborando com a sua formação.

[...] iríamos na escola e faríamos nossa apresentação buscando dialogar com o professor que nos recebe e expor o que esperamos daquele momento para a nossa formação. E depois ir aproveitando acompanhando o professor colaborador, trocar experiências com ele e ir aprendendo (E2).

Você vai lá na escola X, no horário tal, nesse professor e aí eu chego lá e me apresento e tal... com essa bagagem, sou aluno da tal Universidade, eu vim aqui fazer estágio com você, gostaria de conhecer a escola, minha profissão... O professor também foi superaberto em receber estagiário, achei bem interessante estarmos juntos aprendendo (E3).

Segundo Brito (2011), os ECS correspondem a um momento na formação inicial em que os alunos/estagiários vivenciam questões preliminares da sua profissão, sendo um espaço de experiências particulares de aprender a ensinar. Desse modo, os alunos/estagiários e professores-colaboradores, juntamente, com o professor da universidade devem pensar em como desenvolver esse estágio, definindo o que é possível fazer para que ocorram aprendizagens para todos.

A forma como a experiência dos estágios foi organizada exigiu que os estagiários realizassem um projeto que os colocassem a pensar na prática docente e necessidade dos alunos e das respectivas escolas em que atuavam.

Vi a necessidade de, mais uma vez, me lançar na tarefa da avaliação diagnóstica, pois apenas com as reflexões que fiz logo de pronto já percebi que não seria suficiente para atuar como estagiário... e fazer o meu projeto. Dito isso, depois de realizar atividades de observação e coparticipação, nós lançamos a tarefa de elaborar o projeto de atividade para aquelas salas (RELATÓRIO E1).

O projeto pretendia atender as orientações da professora colaboradora e as necessidades dos alunos da escola, que foram observadas durante o período inicial em que os estagiários ficaram na escola. Com base nas orientações da professora colaboradora e as observações feitas durante esse período, o projeto teve como objetivo trabalhar os jogos e brincadeiras de matriz indígena (RELATÓRIO E2).

Os alunos/estagiários apontam a participação dos professores-colaboradores e da professora da universidade auxiliando na elaboração dos projetos de estágio que são desenvolvidos nas escolas. Sarti (2009) aponta para a socialização de práticas e

saberes da docência, com a partilha de saberes entre os professores em exercício e em formação.

Em relação a professora orientadora e colaboradora, tive um feedback positivo sobre ao meu projeto, o que foi fundamental para que eu conseguisse o desenvolver na escola de maneira satisfatória (E1).

A professora colaboradora foi muito importante nesse processo de desenvolver o projeto sempre oferecendo de feedback, sempre mostrando alternativas para os problemas encontrados e indicando outros métodos que poderiam ser aplicados (E2).

Os professores-colaboradores consideram que houve apoio para o desenvolvimento dos projetos de estágio, de modo que:

[...] tiveram um suporte bom e conseguiram é... manter a disposição que eles chegaram aqui, é o ânimo, desenvolver projetos que eles tinham em mente eles conseguiram desenvolver, eles conseguiram é organizar e planejar ... ter uma visão futura disso (PC3).

Constatamos que a professora da universidade responsável pela disciplina de estágio pauta-se em uma estrutura para desenvolvê-la. Os alunos precisam entrar em contato com a profissão, com a escola, alunos, professor-colaborador, observar e participar e, juntamente com o auxílio do professor da escola, elaborar um projeto de estágio desenvolvido pelos alunos/estagiários na escola.

A respeito da avaliação de como os estágios estão sendo desenvolvida, a maioria dos professores-colaboradores apontam que foi positiva:

Eu acho muito bom. Eu acho que para os alunos evolui ...todos os alunos que eu peguei, eu acho que você vê a evolução deles dentro da escola, se vê a evolução deles na faculdade (PC1).

Em relação à avaliação desse momento pelos alunos/estagiários:

[...] é acho que foi assim, é peça chave, se não tivesse os estágios eu definitivamente não seria o profissional que eu sou hoje, que eu pretendo ser. É porque os estágios eles me possibilitaram tanto ver o trabalho que dá ser professor e eu não era professor, era estagiário. Eu acho que isso é importante, se eu não tivesse o estágio é eu não ia poder ter essa compreensão que eu realmente eu acho que eu tenho possibilidade de ser um bom profissional na escola, ou eu seria um entusiasta da educação e disso aí ta cheio (E1).

O ECS aqui investigado caminha para uma formação de professor que está pautada na colaboração entre escola e universidade. Este momento é um condutor de interação, sendo capaz de fazer o diálogo entre essas duas instituições e os profissionais que nela atuam (VEDOVATTO IZA; SOUZA NETO, 2015a). Os dados

revelam uma confluência com relação aos papéis da universidade e escola, no sentido de que nos ECS as ações dos profissionais envolvidos são reveladas. Porém, é importante ressaltar que isso se dá na medida em que há uma parceria mais próxima entre as instituições formadoras.

## 5. SABERES DO PROFESSOR- COLABORADOR

Neste eixo será tratado sobre o professor-colaborador, apresentando as ações nos processos de inserção do estagiário na escola, os quais envolvem as orientações, os diálogos e a colaboração.

O professor-colaborador mobiliza saberes que auxiliam na constituição do que é “ser professor”, ou seja, ele faz parte do processo formativo desses futuros docentes. A discussão será iniciada pelo subitem “Inserção do aluno/estagiário no campo profissional”, onde é apresentado como os professores fazem essa inserção dos alunos/estagiários nos estágios, na óptica dos professores e dos alunos, e como esse processo é considerado para a formação docente.

### 5.1. Inserção do aluno/estagiário no campo profissional

O professor-colaborador, como sabemos, é o docente da Educação Básica que recebe estagiários. Nesse processo, ele passa do compromisso do ensino exclusivo com crianças e adolescentes, para se relacionar em sala de aula com outro adulto, futuro colega de profissão (BENITES; SARTI; SOUZA NETO, 2015).

O professor-colaborador recebe os futuros professores e os apresenta a realidade/rotina do trabalho docente. Desse modo, ocorre a socialização inicial com a cultura da docência, no qual o professor-colaborador possibilita ao estagiário a compreensão do seu trabalho, configurando-se como um momento importante para a sua composição (SARTI, 2009).

Os professores-colaboradores pontuam o estágio como importante para a própria formação, no sentido deste entrar em contato direto com a realidade de trabalho, conhecendo as possibilidades e desafios da docência. Desta forma, constroem uma dimensão do próprio espaço de trabalho e atuação através da prática. Para a maioria deles as experiências vivenciadas permitem que o aluno/estagiário conheça sobre o que é ser professor, como podemos ver:

[...] você conhecer o que você vai trabalhar dentro da sua carreira. Coisa que alguns anos atrás na minha época não tinha (PC1).

[...] você tem a oportunidade de conhecer o seu mercado de trabalho mesmo, o seu espaço, porque a Universidade te forma, mas o que você vai ver na prática é o só o estágio mesmo né. Então eu acho que estágio é uma... é a parte importante da formação, que é onde você realmente tira suas dúvidas de como seria o seu futuro trabalho (PC3).

[...] é mostrar na prática o que é visto na Universidade de maneira teórica, então é mostrar a realidade o que os alunos vão enfrentar na escola, que as vezes ela não é totalmente clara na teoria, mostrando os desafios do dia a dia da profissão que o professor enfrentará (PC4).

[...] é uma maneira do estudante né da graduação que vai começar a ter contato mesmo com o trabalho, depois quando tiver que entrar mesmo, no ramo mesmo. Eu acho assim que assim é um preparatório que vai te mostrando o que é ser professor (PC5).

Os professores ressaltam a importância do estágio na formação do docente, na direção de ser um período de maior conhecimento sobre o campo profissional. Para Tardif (2014), a formação prática possibilita uma experiência direta com o campo de trabalho. Essa experiência permite a familiarização com o ambiente de atuação e possibilita a assimilação progressiva de saberes, os quais são necessários para a realização do seu trabalho. Sendo assim, o ECS com o auxílio do professor-colaborador possibilita aos futuros professores estarem em contato com o processo de aprendizagem da profissão de forma prática, fazendo a passagem de aluno para docente. Para Lima (2008), o estágio é um lugar que proporciona aprendizagens significativas da profissão, da cultura da docência, de aproximação da realidade e do seu contexto social, ou seja, faz parte da formação do futuro professor.

Vedovatto Iza e Souza Neto (2015) consideram que o ECS pode ser um momento privilegiado na formação inicial dos futuros professores no contato com a sua realidade profissional e com outros agentes da profissão. É uma oportunidade de fazer diversas reflexões sobre os elementos que fazem parte da docência.

A maioria dos alunos/estagiários também concebem os estágios como importantes para a sua formação, devido a promover o contato deles com o real contexto da profissão. Apontam também que o professor-colaborador acaba auxiliando nesse momento, compartilhando saberes. Outro ponto importante indicado pelos dados é a compreensão de que, nesse momento, a teoria e a prática estão articuladas.

[...] é uma oportunidade de você aprender mais sobre o cotidiano do professor, querendo ou não a gente não sabe o que é isso até pisar na escola, então é uma ótima oportunidade para a gente aprender isso e com um professor que está lá na prática (E2).

É eu acho que uma forma para gente começar a ver como é trabalhar na área que a gente escolheu né. Então dentro da Educação Física na licenciatura o estágio serve para a gente entrar na escola, vê como funciona a rotina escolar, as aulas, conhecer o professor, é conhecer diretor, essas coisas, ter um networking, aprender sobre aulas e dinâmicas com a ajuda do professor... um teste para ver se é aquilo mesmo, se vai fazer ou não (E4).

[...] não existe só teoria e não existe só a prática, existe tudo junto. E é superimportante isso é acontecer porque se não a hora que as pessoas vão para o mercado né ou vão trabalhar acham que toda teoria tava errada ou quando só tem a teoria acham que toda a prática ta errada. E como se as pessoas tivessem em lados opostos esquecendo que tudo isso tá no meio né e só o estágio dá essa oportunidade em si né (E1).

O ECS permite “uma primeira aproximação à prática profissional e promove a aquisição de um saber, de um saber fazer e de um saber julgar” relacionados às ações didáticas e pedagógicas que são desenvolvidas na rotina de trabalho do professor (FREIRE, 2001, p.2). É dentro desse contexto dos estágios e por meio do professor-colaborador que os futuros docentes compreendem com mais propriedade a cultura escolar, diante da rotina de trabalho.

A maioria dos alunos/estagiários voltam a reforçar a contribuição dos estágios na sua formação profissional nos relatórios, descrevendo a compreensão sobre a função docente, por meio do contato com a rotina de trabalho.

O estágio contribuiu para a minha formação profissional na medida em que me lançou para o cotidiano da escola e me possibilitou atuar como professor, como todas as responsabilidades e deveres que essa profissão tem. Ter contato com esses saberes antes de adentrar o campo de trabalho é realmente enriquecedor. Me sinto mais preparado a cada semestre, pois minha identidade docente vem ganhando um corpo de saberes cada vez mais sólida com ajuda do professor da escola (RELATÓRIO E1).

Estar presente no ambiente escola através do estágio, possibilitou uma imersão completa no futuro campo de profissão que irei encontrar após a minha formação. Pude perceber e refletir acerca dos desafios que irei encontrar sendo professor de Educação Física (RELATÓRIO E2).

[...] entrar na escola, ver como funciona a direção e coordenação, como os professores trabalharam e preparam aula, como as instalações funcionam e todo o processo para conseguir algum tipo de material. Com o estágio foi possível conhecer a realidade das escolas públicas, as dificuldades que encontram para conseguir qualquer tipo de ajuda. Perceber como as aulas de educação física e o que precisa para ministrar uma aula com qualidade com todas as dificuldades de falta de materiais e instalação nada adequada para uma aula (RELATÓRIO E4).

No entendimento de Souza Neto, Sarti e Benites (2016), esse momento é de aprendizagem, uma oportunidade que o futuro professor possui em conhecer sua realidade com outro olhar. Isso possibilita que ele ressignifique as crenças e concepções que tinha sobre a profissão, a escola e o ensino.

Em contrapartida, existem alunos/estagiários que possuem uma visão diferente, mais direcionada para o aplicacionismo, pois consideram que todo o

conhecimento adquirido, durante sua formação na universidade, deve ser aplicado na sua vivência na escola, fazendo uma divisão entre teoria e prática.

É você agregar valor na sua formação, você aplicar tudo aquilo que você estudou na teoria na prática. É a hora do vamos ver mesmo (E3).

[...], mas é ... eu acho que é um pouco disso que eu falei anteriormente, eu acho que é a oportunidade de você aplicar os conhecimentos que você já adquiriu ah.... Até o momento na graduação na sua formação e ter uma vivência mais prática né ... Ah, é isso, uma oportunidade mesmo que seja limitada de você aplicar os seus conhecimentos, que você adquiriu e de repente até testar o que funciona o que não funciona, então eu acho que essa é a ideia do estágio mesmo (E5).

Pimenta e Lima (2011) concebem diferentes concepções para compreensão dos estágios, essas não devem se restringir apenas a aplicação de teorias, ou modelos artesanais onde ocorre uma imitação e não há dicotomia entre teoria e prática. Entretanto, não se pode tratá-las de forma isolada, isso porque o estágio é compreendido como práxis, pois “os saberes teóricos propositivos se articulam, pois são saberes da ação dos professores e da prática institucional, ressignificando-os e sendo por eles ressignificados” (p.49).

Esse contato inicial promovido pelos estágios é um espaço que também promove um “choque de realidade” nos futuros professores, eles podem de fato constatarem situações inimagináveis da profissão docente. Com relação a isso, os professores-colaboradores afirmam:

[...] você realmente tira suas dúvidas de como seria o seu futuro trabalho é um choque de realidade né porque você imagina só uma coisa porque você tá ali na universidade, você imagina uma coisa e quando você chega na escola e vê a outra e acho que isso que prepara você para começar a ser professor (PC2).

[...] é um choque de realidade né porque você imagina uma coisa, quando você chega vê a outra e acho que isso que prepara você e faz você pensar o que é ser professor no dia a dia (PC3).

Para Neira (2009), o licenciando não agrega os conhecimentos mínimos necessários para compreensão da realidade da profissão e para nela interferir coletiva e criticamente. Desse modo, o choque de realidade é reflexo de currículos ainda cristalizados que não lidam com “dilemas e desafios que afligem a escola contemporânea” (p. 69).

Os alunos/estagiários também se referem ao “choque de realidade” que os acometeram quando entraram em seu contexto de atuação. Até então, eles possuem

referências da escola como alunos, alunos da graduação, mas quando entram em contato começam a ter percepções como professores.

[...] para mim foi um choque de realidade, total, eu tava toda com a cabeça da faculdade a Educação Física Escolar e tal é maravilhoso, é tudo lindo e tal, a gente pode mudar a vida de todo mundo e a hora que eu cheguei lá...um choque de realidade total (E4).

[...] a experiência pessoal assim foi um choque de realidade mesmo assim, porque mesmo assim sabendo das dificuldades da escola, tendo um contato assim, ver mesmo de perto foi um pouquinho impactante (E5).

É importante destacar aqui que o aprendizado foi muito rico, mesmo que algumas tentativas não surtiram o efeito esperado, pois acreditava que não havia tantas dificuldades, mas acredito que foi possível sentir um pouco mais como são as dificuldades reais do docente (RELATÓRIO E5).

Essa socialização profissional inicial do professor causa um confronto com a complexa e dura realidade do exercício da profissão, uma decepção/desencanto dos primeiros momentos na docência, passando da transição de estudante para docente (TARDIF; RAYMOND, 2000).

Segundo Benites (2012), o professor-colaborador pode ser uma pessoa que minimiza o choque de realidade na formação inicial. Ele deve desenvolver juntamente aos futuros professores competências relacionadas ao seu trabalho e a sua realidade prática. Esse professor permite que o estagiário se habitue ao contexto de trabalho, aprendendo como deve se portar e agir diante de situações de imprevisibilidade. O acompanhamento dos estudantes, nessas primeiras experiências, pode ser o caminho, pois as angústias e a sensação de desamparo podem ser minimizadas em alguns aspectos (HUBERMAN, 1992).

## **5.2. As ações e os saberes do professor-colaborador**

Neste subitem abordaremos as ações que o professor-colaborador realiza durante o processo dos estágios e como essa prática influencia na formação dos futuros docentes.

Para Benites *et al.* (2012, p.10) o professor-colaborador é alguém “que foi lapidado por um sistema de formação, de cultura e de práticas que lhe dão determinadas posturas para agir/pensar, existindo uma lógica que expressa ritos e gestos”. Sendo assim, o trabalho desenvolvido por esse docente é realizado por meio

de um vínculo afetivo, sendo repetitivo ano após ano, desconsiderando a necessidade de formação.

No entanto, a presença desse professor é fundamental para o desenvolvimento do ECS, pelo fato dele ser a ponte do estagiário com a futura profissão. Através das suas ações e orientações promove aos alunos/estagiários o contato com o conhecimento profissional docente (NÓVOA, 2019). Os futuros professores vivenciam situações com esse professor que são importantes para o exercício da profissão. Também fazem distinção de posturas que possam vir a adotar, assim como as que não devem replicar em sua atuação profissional.

Os professores-colaboradores, quando orientam os estagiários, possibilitam a vivência de alguns elementos presentes no contexto da profissão. Sendo que alguns destes estão relacionados a estrutura e o funcionamento de atividades na escola, o comportamento das crianças e como agir diante dele. Esse momento é de fato uma experiência concreta do que eles encontrarão na profissão.

[...] mostrar essas adversidades, mostrar como...não sei se é essa a palavra não deu certo vamos então tentar fazer assim, ou se ele está fazendo de um jeito você mostrar para ele que de um outro jeito é melhor. Como lidar com o aluno, como preparar a aula, como são as reuniões (PC1).

Então teve uma feira de ciências e eles é que tocaram a feira de ciências junto comigo né, supervisionando, mas eles é que foram fazendo as coisas juntos com os alunos. Então eles que tiveram mais ali, eu dei algumas ideias, mas eles que elaboraram os projetos para serem apresentados... também dei a eles a tarefa de preencherem as cadernetas pois assim eles experimentariam de fato o que é ser professor (PC2).

É então todos os anos quando eu recebo o contato da Universidade para vários estagiários é um momento que com certeza, o meu primeiro semestre ele é muito motivado pelos estagiários que estão lá, porque não é que eu queira fazer algo só para eles, mas eu quero mostrar tudo o que eu faço para eles em pouco tempo, para tentar incentivá-los estarem na escola, então eu tento fazer com que eles aprendam um pouco de tudo (PC4).

Os professores relatam as ações que consideram importantes para os estagiários, indicam as atividades de planejamentos e participação de atividades da cultura escolar. Assim como, questões burocráticas da profissão, o contato com situações inerentes ao contexto escolar, dando maior proximidade do estudante com relação ao trabalho docente. Tais ações, na visão dos professores, promovem maior aproximação com o campo profissional e, sobretudo, na apreensão das aprendizagens da docência.

Para Tardif (2000), essas ações e orientações, que o professor utiliza, englobam conhecimentos, competências, habilidades e atitudes do seu dia a dia. Essas ações e orientações se dão através de uma relação que problematiza a prática profissional docente, é uma aprendizagem concreta entre o aluno/estagiário e o professor experiente. Tardif (2014, p.57-58):

Não se limita a uma transmissão de informações, mas desencadeia um verdadeiro processo de formação em que o aprendiz aprende, durante um período mais ou menos longo, a assimilar as rotinas práticas do trabalho, ao mesmo tempo em que recebe uma formação referente às regras e valores de sua organização e ao significado que isso tem para as pessoas que praticam o mesmo ofício, por exemplo no âmbito dos estabelecimentos escolares.

As ações e as orientações do professor-colaborador, segundo os alunos/estagiários, são realizadas desde o primeiro momento em que há um contato. Elas são feitas através de dicas de situações da própria profissão que ele foi vivenciando em sua história, possibilitando que os estagiários aprendam elementos relacionados à prática profissional. Como podemos ver:

Tipo assim ó, o professor colaborador fala para mim tal atitude, tal metodologia, ou tal conteúdo, com essa turma não funciona ou eu não consegui fazer funcionar tenta um outro ou melhor tenta esse que eu já testei. E aí o aluno vai lá e tem uma experiência incrível, e aí a pessoa que dentro da escola, poderia dar essas ferramentas para o aluno acertar seria só o professor colaborador (E1).

[...]eu nunca vou fazer isso que ela faz, eu nunca vou fazer aquilo e na minha cabeça era o contrário, talvez isso seja legal. Então o professor colaborador te dá essa opção de, não querendo comparar nada, mas te dá esse, esse exemplo de coisas que você pode fazer ou não depois que começar a trabalhar naquela área junto com ele (E4).

[...] o feedback foi constante, desde o planejamento das aulas, onde pontualmente a professora dava dicas e instruções, usando a experiência de profissão para indicar pontos não tão bons e/ou estratégias que funcionariam melhor em determinadas situações (E5).

Nas falas dos estagiários é possível perceber as diferentes ações que os professores-colaboradores fazem, indicando os saberes sobre a prática docente. Também percebemos, nesses relatos, o modo como o professor-colaborador é visto pelos estagiários, nos oferecendo pistas sobre o modo como ele entende e desenvolve o seu papel junto a esses futuros professores. Eles relatam orientações que vão desde como se portar, agir e o que fazer diante de situações que foram vivenciados por ele em seu cotidiano, esses saberes advêm de sua experiência prática. Os professores precisam sempre ter ao alcance conhecimentos para

improvisação e adaptações a novas situações que possam vir a surgir, o que exige deles discernimento e reflexão (TARDIF, 2014).

Para Tardif (2014), o professor possui saberes profissionais que são plurais e temporais, sendo adquiridos em processos de sociabilização e aprendizagem que perpassam a carreira e a vida dele. Ele possui saberes que são específicos e que são produzidos, utilizados e mobilizados em suas ações. São saberes que se diferem dos conhecimentos universitários e estão a serviço da lógica da ação.

O professor-colaborador, ao orientar o aluno/estagiário, mobiliza os saberes da experiência, ou seja, esses são “um conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua prática cotidiana em todas as dimensões” (TARDIF, 2014, p.49). Os alunos/estagiários reconhecem que é a experiência que o professor-colaborador carrega consigo que ele mobiliza em sua prática.

[...] acompanhar o professor colaborador nas atividades dele a gente percebe que precisa mesmo de muita experiência para ter alguns traquejos, algumas macetizinhos ali. Então é isso ... (RELATÓRIO E5).

Se por um lado os estagiários identificam as aprendizagens sobre o trabalho do professor na escola, por outro, existem as aprendizagens dos professores-colaboradores durante o processo de estágio, como pode ser observado nos relatos a seguir.

Ah...muitas atividades que eu fazia na escola e eles trouxeram de forma diferente, que eu aprendi e fiz até na minha outra escola, que eu dou aula... Muitas atividades que lá deu certo, que eu conhecia, mas de um modo diferente e não daria certo, mas do jeito que eles fizeram dá, assim aconteceram as nossas trocas (PC1).

Quando eu recebo os estagiários eu acho que a troca ela é de mão dupla, eles estão lá para ter uma experiência de um professor em uma escola e ao mesmo tempo eu tento sugar o máximo deles, o que eles estão vivenciando na Universidade, porque já faz é dez, doze anos que eu saí da Universidade, então as coisas vão mudando né, assim consigo aprender com eles também (PC4).

Eu acho que foi muito bom porque eu fiz uma reciclagem, porque cada regência que eles davam...você acaba refletindo sua prática né. É então tem uma coisa nova que eles trazem, é uma maneira diferente deles lidarem com os alunos, é uma aprendizagem. Cada dia que você tem um estagiário com você é uma nova jornada para você refletir ali, para você pensar na sua prática né, para você melhorar sua prática ainda acho, eu achei que valeu a pena (PC5).

As trocas de aprendizagens também são sinalizadas pelos alunos/estagiários nas entrevistas e nos relatórios, eles acreditam também ter conhecimentos para trocar com os professores-colaboradores.

Também considero muito positivo o resultado da relação aluno-estagiário: apesar de acreditar que é um pequeno recorte, foi possível verificar a troca de saberes, provando que a educação sempre será “uma via de mão dupla (RELATÓRIO E5).

Ah... eu também acho que o professor colaborador ele... precisa estar um pouco aberto a possíveis ideias novas que irão surgir com o estagiário e saber agregar essas ideias ao seu trabalho, não que ele tenha que aceitar tudo mas medi obviamente o que pode ser agregado ou não (E2).

[...] essa característica de sempre se mostrar disposto a responder e perguntar também né é provável que a gente tem uma coisa nova para mostrar e eles também... sei lá se mostrar disposto a conversa, talvez isso eu fiz legal, que você acha disso, que você não acha e trocando essas informações aí sobre a escola, trocar informações que a gente também traz da universidade (E4).

[...] e tentar fazer essa troca, essa troca de mão dupla, fazer essa ligação, tentar absorver o máximo de conhecimento que a gente leva também. E eu acho que é isso possibilitar essa troca, eu acho que é o principal papel (E5).

A partir dos relatos é possível verificar que os estagiários contribuem também com os professores, ocorre um compartilhamento, significativo, de saberes entre os professores-colaboradores e os estagiários. Desse modo, é no encontro com os estagiários que esses docentes são desafiados a explicar e justificar sua ação na docência, sendo que ele passa a refletir sobre sua prática cotidiana (SARTI, 2009). Assim entende-se que os professores que aceitam cooperar com as atividades relacionadas aos estágios acabam passando por um novo ciclo de formação. Eles são instigados a dar resposta a novas questões e incertezas que perpassam sua atuação profissional, assim como também desejam estar em contato com conhecimento de uma aprendizagem nova e elaborada (ROSA; VASCONCELOS, 2019).

Nóvoa (1992) considera que o ECS é onde ocorre o encontro de diferentes elementos, no caso da formação inicial e continuada, da realidade dita pela universidade com a realidade vivida na escola. Nesse contexto, os professores atuam como formadores, assumindo um papel expressivo na socialização e mediação dos futuros docentes. Portanto, essa “troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando” (NÓVOA, 1992, p.14).

### 5.3. O estágio como elo entre universidade e escola

A relação entre o professor-colaborador e o professor da universidade é um elemento essencial para o desenvolvimento dos estágios. Essa relação possibilita toda a compreensão e o sentido de ser professor, onde ele assume o papel de mediador e parceiro na formação inicial (LOPES; BASTOS, 2017). Apesar dessa importância, sabemos que essa relação está em construção e que essa parceria pode fazer com que o professor-colaborador compreenda e desenvolva seu papel com intencionalidade. Nesse contexto da relação e parceria dos professores-colaboradores com o docente da universidade, eles mencionam:

[...] a gente conversa bastante, quando precisa um do outro, é mútuo ali sabe ...para responder, para um ajudar o outro no que precisa, para tirar dúvidas esse vínculo nos ajuda muito...há troca mútua entre a gente, onde os professores tutores têm um feedback do que está acontecendo dentro da escola, o que os estagiários estão fazendo (PC1).

[...] ela é uma excelente profissional, a gente conversou bastante supriu todas as dúvidas nossa, deu suporte pedagógico no que precisou. O relacionamento foi supertranquilo e importante, a gente ter esse contato né, ela deu todo o suporte pedagógico, eu acho que a gente só ganha com isso (PC3).

[...] a gente troca bastante figurinhas eu e ela assim, ela me convida para eu fazer parte do grupo de estudo, mas infelizmente a minha rotina não permite. E eu acho que é bacana a gente sempre tá trocando informações, acho que poderia da minha parte ser bem mais efetivo, mas é o que eu te falei as rotinas não batem, os horários da universidade não batem com os meus horários, mas é uma relação bastante bacana sim, eu sei que ela conta comigo, mas eu também to sempre pronto para receber os alunos na escola (PC4).

A professora foi até a escola antes dos estagiários começarem né depois teve dias que ela foi ver se tava tudo bem com os meninos, com o estágio e tudo... e quando acabou ela me escreveu agradecendo e tudo né (PC5).

Desse modo, é possível perceber, no presente estudo, que há um avanço na relação entre professor-colaborador e o docente da universidade. Existe um diálogo entre as duas partes, buscando o desenvolvimento dos estágios de modo conjunto. Esses dois agentes e as duas instituições trabalham em uma perspectiva de colaboração com a formação dos estagiários. A professora da universidade está aberta a conversar com os professores-colaboradores, buscando diálogo para o desenvolvimento deste processo.

Segundo Pimenta e Lima (2011, p.107), “uma parceria mais viva e eficaz entre a universidade e a escola” tende a proporcionar mais conhecimentos e aprendizagens

para ambas as partes. Reconhecemos que o estudo aqui se pauta em um caso de estágio planejado e organizado, sendo um avanço em relação aos estágios de formação docente.

Sobre a relação que se estabelece entre os professores-colaboradores e os alunos/estagiários, existem apontamentos que esse docente foi acolhedor e receptivo. Sendo que é imprescindível que ele esteja próximo dos alunos/estagiários para que ocorra partilha de conhecimentos.

É nesses dois estágios que eu passei a relação foi muito boa, é eu fui muito bem acolhido, eles me deram a chance de fazer o que eu havia proposto. Não tive nenhum tipo de problema com eles, eles me deram muitos...muitos toques em relação a como poderia fazer é o que poderia ser feito, nunca me impediram de fazer nada. Eu acho que por enquanto eu tive uma excelente relação com os professores colaboradores, todos foram muito receptivos e muito abertos a ideias nova (E2).

Então um professor colaborador que fica distante, só observando a atuação dos alunos e coloca um, dois comentários depois eu acho que não tá colaborando tanto assim, ele tá realmente...isso constrói algum conhecimento, mas eu acho que é pouco para o tanto que poderia ser entendeu (E1).

Os alunos/estagiários afirmam que o modo como o professor-colaborador desenvolve o exercício da sua profissão repercute nas aprendizagens da docência, conforme o relato a seguir:

[...] eu e os outros estagiários que atuamos na mesma escola a gente sentiu muito isso do professor colaborador, ele já tava desanimado com a situação atual dessa escola, da escola, as condições de trabalho enfim tudo, isso já estava comprometendo o trabalho dele, em contrapartida eu acho que comprometeu um pouquinho a nossa relação, mas assim o que foi possível de troca os professores disponibilizaram isso eu não tenho que reclamar entendeu (E5).

O papel do professor colaborador durante o ECS é fundamental para os alunos/estagiário porque é ele que permite a integração no estabelecimento de ensino, auxilia em como lidar com situações diárias que surgem, expande a compreensão sobre o meio em que está inserido e sobre os encargos do seu trabalho é ele quem acompanha efetivamente os futuros professores no contexto real de ação (LOPES; BASTOS, 2017).

Nóvoa (2017) afirma que os professores-colaboradores nem sempre reconhecem, devidamente, o seu papel e a sua função formadora. Apesar de sempre estarem presentes acabam estando ausentes, não permitindo uma ligação forte entre

eles e os futuros professores. Entretanto, os alunos/estagiários reconhecem diversas aprendizagens junto ao professor-colaborador durante o estágio. Eles afirmam que ele, além de desempenhar o papel no âmbito do ensino na escola, também contribui para a formação inicial docente, como podemos identificar no relato a seguir:

Então é... eu acho que nos meus dois estágios eu tive a oportunidade de ter essas duas experiências do que é ter um professor que realmente se preocupa com o fato dos estagiários estarem ali e não só se preocupa do ponto de vista que vai atrapalhar a correria dele assim, mas ele se preocupa porque ele sabe que é um formador, ele sabe que ele ta ali não só para formar os alunos dele, mas também para formar os alunos do estágio (E1).

Embora, na visão do estagiário haja, claramente, a menção de que o professor-colaborador é um formador, ainda existe uma ausência de suporte dado a esse docente. Aqui temos uma realidade em que o professor-colaborador, por meio de uma parceria mais afinada com a universidade, recebe orientações sobre o que deve fazer com relação aos estagiários. Porém, não há uma sistematização com relação a uma formação para que ele desenvolva este trabalho. Nesse sentido, o professor-colaborador se encontra em uma “zona cinzenta” e sem valorização. O único indicativo, em termos legais, encontrado estabelece a possibilidade desse professor-colaborador receber uma formação continuada pela instituição que encaminha os estagiários (BRASIL, 2001).

Quando questionados sobre a necessidade de possuírem formação para desempenharem o papel de professor-colaborador nos estágios, a maioria deles afirmaram que existe a necessidade para direcionar o trabalho que eles vão desenvolver com os alunos/estagiários:

Sim e que a gente precisa de uma formação, porque a gente não sabe ao certo o que é para ser feito. Então é necessário a formação do professor sim para poder direcionar o trabalho aqui na escola (PC3).

A formação eu acho necessária, eu acho boa, ela precisa ir ao encontro do que a gente vivencia, da real necessidade, do que devemos desenvolver com os estágios (PC2).

Eu acho que a formação é boa sempre na nossa carreira de educador, sendo necessária para esse momento. Você aprende, você aprende métodos diferentes... a gente aprende muitas coisas, a gente lê os textos, vai conhecendo vários autores e vai compreendo tudo (PC1).

A formação de professores-colaboradores é algo que ainda caminha de modo devagar no Brasil. Alguns estudos evidenciam formações que partem de iniciativas

específicas de universidades, o “professor-colaborador fica na “corda bamba” ao se deparar com uma situação que não foi formado, instruído, permanecendo no amadorismo do bom senso ou na camaradagem da boa vontade” (BENITES, 2012, p.52).

Em contrapartida, existem docentes que não veem nenhuma necessidade de formação para desenvolverem o papel de professor-colaborador, por acreditarem que suas experiências nas escolas são essenciais para isso.

Ah, como professor colaborador eu acredito que não, porque o que eles precisam ver lá são as experiências de uma escola e a experiência de uma escola né, eu já tenho doze... dez, doze anos de trabalho é algo que a gente vai ganhando com o tempo né, essa experiência do dar aula, do lidar com as crianças, de falar a linguagem adequada, é nesse aspecto então acho que não (PC4).

Não precisar eu acho que não precisaria né, sei lá talvez se fosse uma pessoa que estivesse bem no começo né da carreira, mas eu acho que formação é sempre formação se entendeu...Então eu acho que precisar, tipo no meu caso eu acho eu não vi necessidade (PC5).

As falas dos professores podem nos indicar que o trabalho que desenvolvem, junto aos alunos, é o de apresentar a prática na escola. Por um lado, é uma parte do trabalho dos estágios, mas por outro poderia nos indicar algum reducionismo com relação ao trabalho formativo junto aos estagiários. Há aqui a ideia de que quanto mais experiência proveniente do tempo de atuação, maior é o conhecimento do professor. Isso não é, necessariamente, uma realidade se considerarmos que os professores indicaram aprender com os estagiários. O fato de trazerem atividades com outras metodologias de ensino acabaram promovendo novas aprendizagens sobre a prática docente.

Nóvoa (1997) afirma que a formação não é construída por meio da acumulação de cursos, conhecimentos ou técnicas, mas sim por meio do trabalho da reflexividade crítica sobre as práticas, no sentido de fornecer um pensamento autônomo com vistas à construção de uma identidade profissional. Segundo o mesmo autor (2001), ao mencionar sobre a constituição dos saberes da experiência docente, pautado em Dewey, faz um questionamento na seguinte direção: “Quando se diz que um professor tem dez anos de experiência, será que tem mesmo? Ou tem um ano de experiência repetido dez vezes?”. O autor afirma que só uma reflexão sistemática e continuada é capaz de promover a dimensão formadora da prática. Nesse sentido, é preciso

considerar a experiência como elemento fundamental do trabalho e formação do professor, mas também é preciso ir além.

Borges (2008) afirma que o estabelecimento de parcerias entre as universidades e as escolas é de grande relevância para o desenvolvimento do estágio, como também para formação de professores-colaboradores, devendo ser uma iniciativa das universidades. É preciso também reconhecer as dificuldades que permeiam as condições objetivas de trabalho e formação dos professores-colaboradores. No entanto, há experiências pontuais que podem nos indicar algumas possibilidades de ação.

Todos os professores-colaboradores, quando questionados sobre a realização de formações, indicaram que, na maioria das vezes, quando participam, são formações oferecidas pelas instituições a que eles estão vinculados (Estado ou prefeitura). Contudo, em função da grande carga horária de trabalho que possuem, há uma dificuldade de participação nesse processo. Essa situação pode ser vista nos relatos a seguir:

Eu procuro me atualizar sempre, então sempre tô fazendo alguma coisa, porque tempo realmente a gente não tem, aula manhã, tarde, a noite tem a casa né, alguns rsrs então tem a família, então não tem jeito (PC2).

Bem pouco, bem menos do que eu gostaria é porque que nem eu te falei, hoje eu tenho uma carga horária de 50 aulas por semana é trabalho que não acaba na escola ele se estende até nas nossas casas, finais de semana (PC4).

No Brasil, os professores-colaboradores agem, na maioria das vezes, com base na escola de ofício, ou seja, em um aprendizado que vem do cotidiano da profissão. As dificuldades com relação ao tempo para a formação, bem como as condições de trabalho, fragilizam as ações de formação continuada desses docentes.

Com relação ao aluno/estagiário, ao chegar em seu campo de trabalho possui uma bagagem de conhecimentos anteriores, crenças, certeza e representações sobre a prática docente. No entanto, essa vai se modificando através da colaboração do PC nas atividades desenvolvidas durante o ECS. Há uma desconstrução e reconstrução do ser professor decorrente da possibilidade que se tem de experienciar as responsabilidades e tarefas do campo profissional.

Todo mundo tem o seu professor vamos dizer assim, como você se enxergaria como professor, porque a gente tem professores ao longo das nossas vidas. Só que no momento que você vem para a escola

como estagiário, como um futuro docente, você começa a ter outra visão e de repente aquela visão que você tinha de como era o professor e como você se vê professor é muito diferente. E nesse caminho muitos não se enxergam, assim eu não quero nunca mais fazer isso e outros se apaixonam e falam é realmente isso (PC2).

O professor-colaborador participa da construção da identidade do futuro docente, dando a ele a possibilidade de se reconstruir.

[...] é tipo como um... o caminho para eu ir moldando o meu professor sabe, como eu vou ser professora e o professor colaborador vai me ajudando a guiar isso dentro do estágio, dentro dessa situação que ele comanda, ele que tem a rotina dele e a gente entra lá, mas ele vai me ajudar a moldar, encaixar o meu professor o que eu vou ser, ele vai me guiando junto. Acho que é isso (E4).

O professor contribui para a minha formação profissional na medida em que me lançou para o cotidiano da escola e me possibilitou atuar como professor, como todas as responsabilidades e deveres que essa profissão tem. Ter contato com esses saberes antes de adentrar o campo de trabalho é realmente enriquecedor. Me sinto mais preparado a cada semestre do ECS pois minha identidade docente vem ganhando um corpo de saberes cada vez mais sólida (RELATÓRIO E1).

As experiências vivenciadas como aluno junto a outros professores permitem que o estagiário carregue alguns preceitos de ser professor. Essa experiência do exercício da profissão no âmbito dos ECS ao lado do professor-colaborador é como um tipo de “ritual de passagem”, de estudante para docente. Segundo Souza Neto, Sarti e Benites (2016), há um entendimento em relação à maneira de atuar e de perceber a realidade na situação de ensino escolar, “resultando uma nova concepção de si, não mais como estudantes, e sim como professores” (p.312).

Essa construção do “ser professor” ocorre diante da experiência em situações que constituem um momento em que o aluno/estagiário se socializa. Ele aprende a agir como professor diante do clima organizacional da escola, com o auxílio do docente colaborador. Os estagiários evidenciam as descobertas durante o período de estágio nas escolas, o que configura uma parcela do que é ser professor, aprendendo no contexto escolar e resignificando o seu olhar sobre a docência e a escola.

Por tanto, o professor-colaborador é um dos responsáveis pelo estágio supervisionado, que em parceria com a universidade pode promover orientações educativas ao estagiário, atuando no campo da prática dos futuros docentes. Sendo assim, possui um papel categórico no desenvolvimento dos saberes docentes, especialmente nos saberes que estão voltados às ações pedagógicas. Por tanto, é

ele quem conhece as práticas dos estagiários, que os acompanha, orienta e esclarece suas dúvidas e inquietações (LOPES, 2019).

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para escrever as considerações sobre essa investigação partiu-se dos objetivos e questionamentos realizados no decorrer deste estudo. Em um segundo momento, aponta-se para os avanços e limites dessa pesquisa com base no que foi proposto. Por fim, se propõe estudos na perspectiva do professor-colaborador.

Esta pesquisa surgiu a partir de uma diversidade de questionamentos que tinham como foco a questão dos Estágios Curriculares Supervisionados nos cursos de Educação Física. Contudo, especificamente na questão do professor de educação básica que colabora na formação de futuros docentes e que tem o seu papel descrito, superficialmente, na legislação. Ele é concebido como o professor experiente da parte concedente que no âmbito dos estágios assume um papel diferente daquele realizado com seus alunos da Educação Básica.

O presente trabalho teve como questão de pesquisa: Qual é o papel do professor colaborador no âmbito do ECS em Educação Física? Assim, o objetivo foi compreender qual é o papel do professor-colaborador na formação de docentes de Educação Física de uma Universidade pública do interior de São Paulo, no âmbito do ECS.

Partiu-se do pressuposto de que o ECS não deve ser visto como um momento em que a teoria é posta em prática. Diferente disso, este espaço é privilegiado de práxis docente, onde teoria e prática dialogam, universidade e escola compartilham a formação docente e onde docentes da universidade e professores-colaboradores cooperam para um objetivo comum, a formação dos estagiários.

Respondendo ao objetivo geral, cabe dizer que o professor-colaborador assume o papel de formador no âmbito do ECS dentro da Educação Física. Ele desenvolve esse papel através de orientações que ele proporciona aos futuros professores e que acredita serem necessárias para a prática docente. São condutas que ele já experienciou e adota em sua história de vida profissional, reconhecendo que delas emergem aprendizagem para os futuros professores. Benites (2012) e Mazzocato (2014) aludem a necessidade de compreensão do papel do professor colaborador, pois ele desenvolve uma função formadora no âmbito dos estágios.

No trabalho desenvolvido por Silva, Batista e Graça (2017), há apontamentos que o papel que o professor-colaborador desempenha na escola com os alunos/estagiários depende das normas e interações que são estabelecidas com o

professor da universidade. Desse modo, é imprescindível que se mantenha uma relação próxima entre universidade e escola, primordialmente, entre seus agentes. Isso é o que vem sendo construído e desenvolvido no caso do estágio aqui investigado, avançando, dessa forma, no reconhecimento do papel do professor-colaborador e na relação entre universidade e escola e teoria e prática.

Para Nóvoa (2019) é preciso pensar a formação de professores em um lugar comum, uma “casa comum da formação de professores”, trazendo a articulação dos saberes da universidade com os escolares. Nesta casa comum realiza-se a formação de professores ao mesmo tempo em que se produz e se valoriza a profissão docente.

[...] advogo uma formação de professores construída dentro da profissão, isto é, baseada numa combinação complexa de contributos científicos, pedagógicos e técnicos, mas que tem como âncora os próprios professores, sobretudo os professores mais experientes e reconhecidos (NÓVOA, 2019, p.9)

Em relação ao primeiro objetivo de levantar e analisar as percepções dos professores-colaboradores sobre o trabalho que desenvolvem junto aos estagiários, identificamos que os docentes consideram que eles auxiliam os alunos/estagiários a entrarem em contato com a sua profissão. Arruda (2014) também aborda essa questão sobre os estágios, afirmando que ocorre uma aproximação do futuro docente da realidade do seu campo profissional, existindo relações e ações que irão colaborar com a sua formação. Sendo assim é possível adentrar no ambiente profissional e através dele obter diferentes aprendizagens, como construir e reconstruir uma nova percepção sobre concepções da profissão. Foi identificado, nesta pesquisa, que o entendimento sobre esse momento ocorreu devido a parceria que eles têm realizado com a universidade e com a professora supervisora dessa instituição. No entanto, é preciso considerar que há ainda alguns elementos que precisam ser desenvolvidos.

Sobre o segundo objetivo de investigar as percepções que os(as) professores(as) colaboradores(as) e os estagiários têm em relação aos saberes desenvolvidos por esse docente, há um reconhecimento de que existe uma mobilização de saberes da experiência no espaço escolar. O professor-colaborador, ao realizar suas ações/orientações, mobiliza saberes profissionais que se originam da sua prática cotidiana e são por ela validados. Esses saberes são representações, a partir das quais o professor-colaborador interpreta, compreende e orienta o seu trabalho em todas as suas dimensões. Como vemos, esses saberes, diferente dos outros, são os que se formam a partir de todos os demais, mas que são retraduzidos

e construídos a partir de vivências concretas da prática. Corrêa Junior (2014) sinaliza em seu estudo que os saberes do professor colaborador advêm de diferentes fontes, sendo ressignificados ao decorrer da docência e nas orientações que esse realiza nos estágios.

Por fim, o objetivo que tinha como finalidade analisar a relação que tem se estabelecido entre a universidade e escola no âmbito do ECS, reconhecemos que a parceria existente entre essas duas instituições, relatadas nesse estágio, é um caso específico. Isso porque tem se buscado trabalhar de maneira colaborativa com o espaço escolar e com os agentes. Existem vários benefícios para ambas as instituições quando uma parceria dessas é reconhecida, como o papel a ser desenvolvido por cada uma delas e pelos agentes envolvidos no ECS. No entanto, sabe-se que ainda há um longo caminho a percorrer para que essa articulação se dê de modo mais sólido.

Considera-se que foram abarcados os objetivos propostos na pesquisa, entretanto, reconhece-se algumas limitações como a ausência de observação dos estágios para que se pudesse complementar os aspectos indicados nas entrevistas assim como nos documentos. Porém, a impossibilidade do desenvolvimento dessa ação foi decorrente da necessidade de isolamento social, ocasionado pela pandemia da COVID-19. Além disso, outro ponto a ser indicado como limite é a ausência da realização de entrevista com a professora que coordena os estágios na Universidade aqui analisada. Essa interação poderia ter promovido outra visão sobre os temas aqui tratados. Também foi identificado alguns avanços, pois foi possível identificar a importância do papel do professor-colaborador no âmbito dos estágios. Foi visto nos indicativos que a parceria estabelecida entre a universidade e a escola é significativa para o desenvolvimento de ações conjuntas, visando a formação do futuro professor. Entretanto, embora se reconheça a relevância do papel do professor-colaborador neste processo, ainda não há clareza com relação ao desenvolvimento do trabalho deste docente junto aos estagiários.

Indica-se a necessidade de reconhecimento desse papel, bem como ações de formação continuada para que o professor possa exercer esse trabalho junto aos futuros docentes. É importante ressaltar que a formação de professores é um trabalho de enorme relevância para o país e que demanda esforços de todos os envolvidos nesse processo. Aqui, em especial, tratou-se dos estágios que envolvem, mais

diretamente, a universidade e a escola, o que certamente demanda novas pesquisas que investiguem tais questões.

## 7. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANANIAS, E. V. **O Estágio Curricular Supervisionado em Educação Física e o Processo de Profissionalização do Ensino: Um Estudo de Casos Múltiplos.** 2016. Tese (Doutorado em Ciência da Motricidade – Pedagogia da Motricidade Humana) - Instituto de Biociências, Campus Rio Claro, Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/143913>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

ALARCÃO, I.; TAVARES, J. **Supervisão da prática pedagógica: uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem.** Coimbra: Almedin, 1987.

ARRUDA, T. O. **O Estágio Curricular Supervisionado: o papel do professor regente da Educação Básica na formação inicial em Educação Física.** 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/2925>>. Acesso: 20 mai. 2020.

AZEVEDO, M. A. R. **Os Saberes de Orientação de Professores Formadores: Desafios para Ações Tutoriais Emancipatórias.** 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-17052009-190433>>. Acesso em: 15 out. 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** 4. ed. Lisboa: Edições7, 2010.

BARREIRA, Graça M. J. **Concepções de professores cooperantes sobre a profissão docente e as competências profissionais do professor do 1º ciclo.** Dissertação (Mestrado em ciências da Educação). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade de Lisboa, Lisboa, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/27645>. Acesso em: 22 jul. 2021.

BENITES, L. C. **O professor - colaborador no Estágio Curricular Supervisionado em Educação Física: perfil, papel e potencialidades.** 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Motricidade-Pedagogia da Motricidade Humana) - Instituto de Biociências, Campus Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/100442>>. Acesso em: 23 mai. 2020.

BENITES, L. C.; CYRINO, M.; SOUZA NETO, S. Estágio curricular supervisionado: a formação do professor-colaborador. **Olh@res**, Guarulhos, v. 1, n. 1, p. 116-140, mai. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/32/5>>. Acesso em: 12 nov. 2020.

BENITES, L. C. et al. Qual o papel do professor-colaborador no contexto do Estágio Curricular Supervisionado na Educação Física? **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 20, n. 4, p.13-25, 2012.

BENITES L. C. et al. Análise de conteúdo na investigação pedagógica em Educação Física: estudo sobre estágio curricular supervisionado. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, 35-50, jan./mar. 2016. Disponível em:<<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/53390/36516>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

BENITES, L. C.; SARTI, F.; SOUZA NETO, S. De mestres De ensino a formadores de campo no estágio supervisionado. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 155, p. 100-117, jan/mar. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/t3HWZJBfW74gj5MRPb3yv/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em Educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BORGES, C. A formação docente em educação física em Quebec: saberes espaços, culturas e agentes. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO - ENDIPE, 14., 2008, Porto Alegre. Trajetória e processos de ensinar e aprender: práticas e didáticas. **Anais...** Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 2, 2008, p. 147-174.

BRITO, A. E. (Re)discutindo a formação de professores na interface com o estágio supervisionado. **Revista Iberoamericana de Education**, n. 56, fev. 2011. Disponível em: <<https://rieoei.org/RIE/article/view/1528>>. Acesso em: 21 jul. 2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº 9**, de 8 de maio de 2001a. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº 27**, de 2 outubro de 2001b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/027.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº 28**, de 2 de outubro de 2001c. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/028.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP nº 01/2002**, de 18 de fevereiro de 2002a. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_02.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf)>. Acesso em: 15 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP nº 02/2002**, de 19 de fevereiro de 2002b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP nº 02/2015**, de 1º de julho de 2015. Disponível em: <[http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/res\\_cne\\_cp\\_02\\_03072015.pdf](http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/res_cne_cp_02_03072015.pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP nº 02/2019**, de 20 de dezembro de 2019. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2019-pdf/135951-rcp002-19/file>>. Acesso em :15 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 10 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei nº 11.788**, de 25 de setembro de 2008. Brasília, Brasil. 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/11788.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11788.htm)>. Acesso em: 20 set. 2020.

CANCIGLIERI, F. G. S. **As Influências do Estágio Curricular Supervisionado na Prática Profissional do Professor Princiante de Educação Física**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Instituto de Biociências, Campus Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/143057>>. Acesso em: 22 mai. 2020.

CARDOSO, L. P. **Estágio curricular supervisionado em educação física: significado para a formação docente dos egressos da FURG**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012. Disponível: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/5235/1>>. Acesso em: 23 mai. 2020.

CORRÊA JÚNIOR, José Firmino. **Identidade, Saberes e Questionamentos do Professor Colaborador na realização do Estágio Supervisionado em Educação Física**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Biociências, Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/154731>>. Acesso em: 22 mai. 2020.

CYRINO, M. **Do acolhimento ao acompanhamento compartilhado: a construção colaborativa de uma proposta para o estágio curricular no curso de pedagogia**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Instituto de Biociências (Campus de Rio Claro), 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/137997>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

CYRINO, M.; BENITES, L. C.; SOUSA NETO, S. Formação Inicial em Pedagogia: os professores colaboradores no Estágio Supervisionado. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 19, n. 2, p. 252-260, 2015.

FRANÇA, D. S. A formação prática de futuros professores. **Revista Poiésis**, v. 2, n. 2, p.127-140, jan./dez. 2004.

FRANCO, M. A. S., Entre a lógica da formação e a lógica das práticas: a mediação dos saberes pedagógicos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 7, p.109-126, jan./abr. 2008.

FREIRE, A. M. **Concepções orientadoras do processo de aprendizagem do ensino nos estágios pedagógicos**. Colóquio: modelos e práticas de formação inicial de professores, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Lisboa. Lisboa Portugal, 2001. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/afreire.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2021.

GATTI, B. A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação & Sociedade**, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, 2010.

GAUTHIER, C. et al. **Por uma teoria da Pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o Saber Docente**. Ijuí: Unijuí, 1998.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HUBERMAN, M. **O Ciclo de vida profissional dos professores**. NÓVOA, Antonio. (org.) Vidas de professores. Portugal: Porto Editora, 1992.

ISSE, S. F. **O Estágio Supervisionado na Formação de Professores de Educação Física: Saberes e Práticas dos Estudantes-Estagiários**. 2016. Tese (Doutorado em Ciência do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/151414>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

KROUNBAUER, C. P. **O curso de Licenciatura em Educação Física: as contribuições dos estágios curriculares supervisionados para a formação de professores reflexivos**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.ufsm.br/handle/1/7083>>. Acesso em: 26 mai. 2020.

LIMA, M. S. L. Reflexões sobre o estágio/Prática de ensino na formação de professores. **Revista Diálogos Educacionais**, Curitiba, v.8, n.23, p.195-205, jan./abr. 2008.

LOPES, N. Supervisão pedagógica: função do professor cooperante na escola durante o estágio. **Revista Prácticum**, Espanha, v. 4, n. 1, p. 55-69, 2019. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/344092913\\_Supervisao\\_pedagogica\\_funcao\\_do\\_professor\\_cooperante\\_na\\_escola\\_durante\\_o\\_estagio](https://www.researchgate.net/publication/344092913_Supervisao_pedagogica_funcao_do_professor_cooperante_na_escola_durante_o_estagio)>. Acesso em: 10 jun. 2021.

LOPES, N.; BASTOS, A. M. Prática de ensino supervisionada na formação de professores inicial do 1º ceb: dinâmicas na UTAD. **Revista Prácticum**, Espanha, v. 2, n. 2, p. 69-83, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.24310/RevPracticumrep.v2i2.9859>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAZZOCATO, A. P. F. **O Professor Colaborador no Estágio Curricular Supervisionado da licenciatura em Educação Física do CEFD/UFSM: constituição, concepção, orientação e contribuição**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014. Disponível em:<<http://repositorio.ufsm.br/handle/1/7163>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5a ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MONTIEL, F. C. **Os Estágios Curriculares Supervisionados nos cursos de Licenciatura em Educação Física do Rio Grande do Sul: impacto das 400 horas**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010. Disponível em:

<<http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/123456789/1849>>. Acesso em: 27 mai. 2020.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MIZUKAMI, M. G. N. Relações universidade-escola e aprendizagem da docência: algumas lições de parcerias colaborativas. In: BARBOSA, R. L. L. (Org). **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. São Paulo: editora Unesp, 2004.

NEIRA, M. G. Desvelando Franksteins: interpretações dos currículos de licenciatura em Educação Física. **Revista Brasileira de Docência, Ensino, Pesquisa e Educação Física**, v. 1, n. 1, p. 118-140, ago. 2009.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: Nóvoa A, organizador. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote; 1991, p. 13-33.

\_\_\_\_\_. Formação de professores e formação docente. In: **Os professores e a sua formação, do mesmo autor**. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992.

\_\_\_\_\_. (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

\_\_\_\_\_. Professor se forma na escola. **Nova Escola**, São Paulo, n. 142, p. 13-15, mai. 2001.

\_\_\_\_\_. **Professores Imagem, do futuro presente**. Lisboa: EDUCA, 2009a.

\_\_\_\_\_. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. **Revista Educación**, n. 350, p. 203-218, set/dez. 2009b. Disponível em: <<https://www.educacionyfp.gob.es/revista-de-educacion/dam/jcr:31ae829a-c8aa-48bd-9e13-32598dfe62d9/re35009por-pdf.pdf>>. Acesso em: 04 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, out./dez. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/WYkPDBFzMzrvnbsbYjmvCbd/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. Entre a formação e a profissão: ensaio como nos tornamos professores. **Currículos sem Fronteiras**, v. 19, n. 1, p. 198-208, jan./abr. 2019. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/144721612-Entre-a-formacao-e-a-profissao-ensaio-sobre-o-modo-como-nos-tornamos-professores.html>>. Acesso em: 08 jan. 2021.

NUNES, C. M. F. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. **Educação & Sociedade**, ano XXII, n. 74. p. 27-42, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/3RwPLmZMRk35bjpfhPGDsTv/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2021.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções, **Revista Poiesis**, v. 3, n. 3, p. 5-24, 2005.

\_\_\_\_\_. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. **Estágio e docência**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2012.

PIRES, V. **A construção da Identidade Docente em Educação Física: um Estudo com Estudantes-Estagários de Cursos de Formação de Professores em Florianópolis/SC**. 2016. Tese (Doutorado em Educação Física) - Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/176732>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

PPP. **Projeto Pedagógico do curso de licenciatura em Educação Física**. São Carlos. 2010. Disponível em: <<http://www.educacaofisica.ufscar.br/documentos/pplf/projetopedagogicodezembro-2010.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

RIBEIRO, R. C; VEDOVATTO, D. **Estágio Supervisionado em Educação Física: Processos de Iniciação à docência**. Curitiba: CRV, 2019,148p.

ROCHA, M. T. S. **Percepções de Acadêmicos de Licenciatura em Educação Física sobre a Profissão docente e suas Relações com o Estágio Curricular Supervisionado**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação e Educação, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2016. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/7706>>. Acesso em: 04 jun. 2020.

ROSA, E. G. B; VASCONCELOS, T. Implicações da Supervisão de Estágios no Processo de (Auto)Formação dos Professores. **Da Investigação às Práticas - Estudos de Natureza Educacional**, v. 10, n. 1, p.91-126, 2010.

SARTI, F. M. Parceria Intergeracional e Formação Docente. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p.133-152, ago. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/bDvvhNBz9WdqSsxQgxpjRth/?lang=pt>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

\_\_\_\_\_. O triângulo da formação docente: seus jogadores e configurações. **Educação e Pesquisa, São Paulo**, v. 38, n. 2, jun. 2012. Disponível em: <[org/10.1590/S1517-97022012000200004](http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022012000200004)>. Acesso em: 25 jul. 2021.

SCHERER, A. **O desafio da mudança na formação inicial de professores: o estágio curricular no curso de licenciatura em Educação Física**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SHULMAN, L. S. Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma. **Cadernos Cenpec**, São Paulo, v. 4, n. 2, p.196-229, 2014.

SILVA, L. F. **Estágio Curricular Supervisionado na Ótica de Egressos de um Curso de Licenciatura em Educação Física**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas 2018.

Disponível em: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/4377/1>>. Acesso em: 07 jun. 2020.

SILVA, S. L.P.O. **O estágio supervisionado na formação inicial de licenciandos em Educação Física no Paraná**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/2262>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

SILVA, T. M. L. S.; BATISTA, P. F.; GRAÇA, A. B. O papel do professor cooperante no contexto da formação de professores de Educação Física: A perspectiva dos professores cooperantes. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 25, n. 7, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.14507/epaa.25.2497>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

SILVA JÚNIOR, A. P. **Configurações e Relações Estabelecidas no Estágio Curricular Supervisionado na Formação Inicial de Professores de Educação Física**. 2016. Tese (Doutorado em Educação Física) - Centro de Ciências da Saúde Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/2151>>. Acesso em: 09 jun. 2020.

SOUZA NETO, S.; SARTI, M. F; BENITE, L. C. Entre o ofício de aluno e o habitus de professor: Os desafios do estágio supervisionado no processo de iniciação à docência. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 311-324, 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/49700/36619>>. Acesso em: 18 out. 2020.

SOUZA NETO, S.; CYRINO, M.; BORGES, C. O Estágio Curricular Supervisionado como Locus Central da Profissionalização do Ensino. **Revista Portuguesa de Educação**. Portugal, v. 32, n. 1, p.52-72, 2019. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/13439>>. Acesso em: 20 abr. 2021.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 13, p.5-24, jan./fev./mar./abr. 2000.

\_\_\_\_\_. **Saberes docentes e formação profissional**. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. A profissionalização do ensino passado trinta anos: dois passos para frente, três para trás. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 34, n. 123, p.551-571, 2013.

\_\_\_\_\_. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 17.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2005.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, ano XXI, n. 73, p. 209-244, dez. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4214.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2021.

TELLES, C. **Ser Professor: As Crenças e Descobertas do Ser Professor no Estágio Pedagógico**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Educação Física e Desporto, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.ufsm.br/handle/1/17562>>. Acesso em: 09 jun. 2020.

TÉO, C. E. **Estágio Curricular Supervisionado como campo de pesquisa na formação inicial do professor de Educação Física da UEL**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000187447>>. Acesso em: 07 jun. 2020.

VEDOVATTO IZA, D. F.; SOUZA NETO, S. **Por uma revolução na prática de ensino: o estágio curricular supervisionado**. 1 ed. Curitiba, PR:CRV, 2015a.

VEDOVATTO IZA, D. F.; SOUZA NETO, S. Os desafios do estágio curricular supervisionado em educação física na parceria entre universidade e escola. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p.111-124, jan./mar. 2015b.

## APÊNDICES

### Apêndice A - Publicações sobre ECS em EF na BDTD

	TÍTULO	AUTORIA	INSTITUIÇÃO	ANO DE PUBLICAÇÃO
1	O desafio da mudança na formação inicial de professores: o estágio curricular no curso de licenciatura em Educação Física.	Alexandre Scherer	UFRGS	2008
2	Os Estágios Curriculares Supervisionados nos cursos de Licenciatura em Educação Física do Rio Grande do Sul: impacto das 400 horas.	Fabiana Celente Montiel	UFPel	2010
3	O estágio supervisionado na formação inicial de licenciados em Educação Física no Paraná.	Suehellen Lee Porto Orsoli Silva	UEM	2012
4	O professor colaborador no estágio curricular supervisionado em educação física: perfil, papel e potencialidades.	Larissa Cerignoni Benites	UNESP	2012
5	Estágio curricular supervisionado em educação física: significado para a formação docente dos egressos da FURG.	Luciana Pereira Cardoso	UFPel	2012
6	O curso de Licenciatura em Educação Física: as contribuições dos estágios curriculares supervisionados para a formação de professores reflexivos.	Carla Prado Kronbauer	UFSM	2013
7	Estágio Curricular Supervisionado como campo de pesquisa na formação inicial do professor de Educação Física da UEL.	Carlos Eduardo Téó	UEL	2013
8	Estágio curricular supervisionado: o papel do professor regente da educação básica na formação inicial em Educação Física	Taiane Oliveira de Arruda	UFPel	2014
9	Identidade, saberes e questionamentos do professor-colaborador na realização do estágio supervisionado em educação física.	José Firmino Corrêa Júnior	UNESP	2014

<b>10</b>	O professor-colaborador no estágio curricular supervisionado da licenciatura em educação física.	Anna Paula Facco Mazzocato	UFMS	2014
<b>11</b>	O ser professor: as crenças e descobertas do ser professor no estágio pedagógico.	Cassiano Talles	UFMS	2015
<b>12</b>	A construção da identidade docente em educação física: um estudo com estudantes -estagiário de cursos de formação de professores em Florianópolis/SC	Verusca Pires	UFSC	2016
<b>13</b>	As influências do estágio curricular supervisionado na prática profissional do professor principiante de Educação Física.	Felipe Gustavo Santos Canciglieri	UNESP	2016
<b>14</b>	Configurações e relações estabelecidas no estágio curricular supervisionado na formação inicial de professores de educação física	Arestid Pereira da Silva Júnior	UEL	2016
<b>15</b>	O estágio curricular supervisionado em Educação Física e o processo de profissionalização do ensino: um estudo de casos múltiplos	Elisângela Venancio Ananias	UNESP	2016
<b>16</b>	O estágio supervisionado na formação de professores de educação física: saberes e práticas dos estudantes-estagiários	Silvane Fensterseifer Isse	UFRGS	2016
<b>17</b>	Percepções de acadêmicos de licenciatura em educação física sobre a profissão docente e suas relações com o estágio curricular supervisionado.	Maria Teresa Sudário Rocha	UFOP	2016
<b>18</b>	Estágio Curricular Supervisionado na ótica de egressos de um curso de licenciatura em Educação Física.	Lucas de Freitas da Silva	UFPeI	2018

## **Apêndice B - Roteiro de Entrevista Estagiário**

- 1- Qual é o seu nome e a data do seu nascimento?
- 2- Que período você está cursando da graduação?
- 3- Qual etapa de ensino foram acompanhando no estágio nesse momento?
- 4- Quantos estágios você já cursou? Quais são eles?
- 5- Como você analisa o seu vínculo com a universidade no período de estágio?
- 6- O que significa estágio para você?
- 7- Qual a sua opinião sobre o estágio junto ao professor colaborador?
- 8- Na sua opinião qual é o papel da Universidade no processo da sua formação?
- 9- Como você vê a escola no processo da sua formação?
- 10- Para você qual é o papel do professor colaborador nos estágios.
- 11- Em que período da formação inicial você acredita que deva iniciar o seu contato com a escola? Explique.
- 12- Como você imagina que deva ser feito seu primeiro contato com a escola e qual foi sua opinião?
- 13 - Na sua opinião quais são as características que o professor colaborador precisa para desempenhar sua função no estágio? Explique?
- 14- Como é a sua relação com o professor colaborador?
- 15- Como você avalia as escolas pelas quais você passou pelo estágio para a sua formação?
- 16- Como descreveria sua relação com o professor da universidade responsável pelo estágio supervisionado?
- 17- Como você avalia os Estágios Curriculares para a sua formação?

## **Apêndice C - Roteiro de Entrevista Professor**

- 1- Qual é o seu nome e a data do seu nascimento?
- 2- Qual a sua formação profissional? Possui alguma pós-graduação?
- 3- Há quanto tempo leciona na Educação Básica?
- 4- Como iniciou o trabalho com os estagiários?
- 5- Há quanto tempo trabalha com estágio supervisionado?
- 6- Qual é o vínculo entre o professor colaborador e a Universidade?
- 7- O que significa estágio para você?
- 8- Qual a sua opinião sobre o seu trabalho junto aos estagiários?
- 9- Na sua opinião qual é o papel da Universidade no processo de formação inicial do futuro professor?
- 10- Na sua opinião qual é o papel da escola no processo de formação inicial do futuro professor?
- 11- Qual seu papel na formação do futuro professor?
- 12- Em que período da formação inicial você acredita que deva iniciar o contato do estagiário com a escola? Explique.
- 13- De que maneira deve ser iniciado o contato com a escola?
- 14- Você vê a necessidade de formação para desempenhar sua função, como professor colaborador no estágio supervisionado? Por quê?
- 15- O professor participa de formação continuada (cursos, leituras, grupos de estudo, eventos científicos, etc...) Com qual frequência?
- 16- Quem deve ser responsável pelo processo de formação continuada do professor colaborador? Por quê?
- 17- Qual a importância da escola no processo de formação de professor?
- 18- Como descreveria sua relação com o professor da universidade responsável pelo estágio supervisionado?
- 19- Como você avalia os Estágios Curriculares para a formação dos futuros professores?

## **Apêndice D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO.**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**  
**(Resolução 466/2012 do CNS)**

Eu, Juliana Aparecida Pereira, estudante do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dijnane Fernanda Vedovatto Machado, (a) convido (a) a participar da pesquisa intitulada: Processos Formativos nos Estágios Curriculares Supervisionados no curso Educação Física: um olhar no papel do professor colaborador, em função da sua atividade nos Estágios Curriculares Supervisionados (ECS)- Educação Física.

Considerando que a formação de professores também ocorre na prática através do contato com o contexto em que o professor irá atuar através de experiências relacionadas aos estágios. A proposta desse estudo é compreender quais as orientações que os professores colaboradores de Educação Física têm oferecido aos estagiários através da parceria universidade e escola.

Você foi selecionado (a) por ser professor que receber ou ter recebido alunos da graduação para realização de estágios no último semestre ou semestre anteriores a partir dos alunos que estavam matriculados nas disciplinas de ECS. Você será convidado a responder a uma entrevista semiestruturada, de maneira individual, que acontecerá pelos meios virtuais de sua preferência (skype, hangouts, whatsapp ,googlemeet ), devido ao isolamento social causado pela pandemia do COVID-19, com o tema de Estágio Curricular Supervisionado (ECS) – Educação Física, que abordará tópicos sobre diferentes aspectos que envolvem o ECS.

As perguntas não serão invasivas à intimidade dos participantes, entretanto, esclareço que a participação na pesquisa pode gerar estresse e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais em responder perguntas que envolvem as próprias ações.

Sua participação nessa pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área da Educação e Educação Física para a construção de novos conhecimentos.

Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro pela sua participação. A qualquer momento o (a) senhor (a) pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo profissional, seja em sua relação ao pesquisador, à Instituição em que trabalha ou à Universidade Federal de São

Carlos. Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo. Caso haja menção a nomes, a eles serão atribuídas letras, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

Solicito sua autorização para gravação em áudio das atividades da pesquisa citadas anteriormente. As gravações realizadas serão transcritas pela pesquisadora, garantindo que se mantenha a mais fidedigna possível. Depois de transcritas será apresentada aos participantes para validação das informações. Você terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

Você receberá uma via deste termo, rubricada em todas as páginas por você e pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-9685. Endereço eletrônico: [cephumanos@ufscar.br](mailto:cephumanos@ufscar.br).

**Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):**

Pesquisadora Responsável: Juliana Aparecida Pereira

São Carlos, 2020

\_\_\_\_\_  
Juliana Aparecida Pereira

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Nome do Participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

## Apêndice E - Entrevista Professor Colaborador 4

**Pesquisadora: 1) Você pode falar para mim o seu nome e a sua data de nascimento por vor?**

**PC-4:** [REDACTED] e eu nasci dia 09 de outubro de 82.

**Pesquisadora: 2) Você pode falar para mim qual a sua formação? E você possui alguma pós-graduação?**

**PC-4:** Bom eu sou formado em Educação Física pela Universidade Federal de São Carlos, eu tenho tanta a ênfase em licenciatura quanto o bacharelado e após isso eu fiz a especialização em Educação Física escolar também na Universidade Federal de São Carlos.

**Pesquisadora:3) Há quanto tempo você leciona na Educação Básica?**

**PC-4:** Na Educação Básica eu leciono desde 2008, do Ensino Fundamental 1, 2 e Ensino Médio e na Educação Infantil desde 2010.

**Pesquisadora: 4) E como você iniciou o trabalho com os estagiários? Como é que foi?**

**PC-4:** Então sempre que foi solicitado uma oportunidade para os estagiários né eu abria as portas da minha escola, é escola onde eu trabalho na prefeitura né, então eu não me recordo ao certo, mas eu acredito que próximo de 2010, 2011, a Universidade entrou em contato, solicitando o estágio e eu sempre abri as portas para que o pessoal pudesse ter uma experiência lá na escolinha.

**Pesquisadora 5) E a quanto tempo você trabalha com Estágio Supervisionado?**

**PC-5:** Então não sei te falar exatamente se foi 2010 ou 2011, um desses dois anos foi o ano que eu iniciei, deve ter sido 2011, não sei exatamente, não me recordo.

**Pesquisadora: 6) Qual é o vínculo que você acha que tem que ter entre o professor colaborador e a Universidade?**

**PC-4:** Bom o vínculo né acho que a troca entre o professor e a Universidade acontece mediante aos estagiários né, infelizmente em alguns momentos quando você se forma, você acaba se afastando da Universidade por conta da sua rotina, carga horária elevada das aulas, você não consegue conciliar as duas coisas, os estudos, até entrar no mestrado ou doutorado, porque a carga horária ela supri toda a sua, oportunidade de horário. Mas quando eu recebo os estagiários eu acho que a troca ela é de mão dupla, eles estão lá para ter uma experiência de um professor em uma escola e ao mesmo tempo eu tento sugar o máximo deles, o que eles estão vivenciando na Universidade, porque já faz é dez, doze anos que eu sai da Universidade, então as coisas vão mudando né, a própria BNCC que veio a pouco tempo então eu tento trocar o maior número de informações com eles.

**Pesquisadora: 7) O que significa estágio para você então?**

**PC-4:** Bom para mim o estágio que é o que eu valorizo é mostrar a parte prática do que é visto na Universidade de maneira teórica né, então é mostrar a realidade do que os alunos vão enfrentar na escola, que as vezes ela não é totalmente clara na teoria, ela tem uma parte específica da prática, mas mostrar que apesar de ter enormes dificuldades tem o lado bom e a importância do professor na escola pública.

**Pesquisadora:8) Qual é a sua opinião sobre o seu trabalho junto aos estagiários?**

**PC-4:** Olha eu tenho sim, felizmente eu tenho tido um o retorno é bastante positivo nos últimos anos, é eu procuro valorizar ao máximo minha profissão e mostrar para os alunos que eles são importantes na escola, hoje cada vez menos a gente vê as pessoas fugindo da escola por tudo que se fala né, senso comum das pessoas

desvalorizando os professores cada vez mais, a falta de estrutura, salários inadequados. Mas eu procuro trazer a molecada e mostrar para eles que a gente tem um papel importante na escola e que a gente tem um trabalho a ser desenvolvido e que nós temos que fazer jus a nossa profissão e que a molecada acima de tudo é que mais merece a gente tá na escola. Então quando eles vêm para a escola e eu tenho visto o retorno deles dos últimos anos eu tenho valorizado ao máximo minha profissão eu acho que eu tenho talvez inspirado alguns alunos nesse caminho.

**Pesquisadora: 9) Na sua opinião, qual é o papel da Universidade no processo de formação inicial desse futuro professor?**

**PC-4:** Bom é até por experiência próxima e você também acredito que tenha sido a mesma linha a gente vê muita parte teórica na Universidade né, pelo menos me faltou muito a questão prática, o laboratório, o estágio mais imersivo né. Então eu acho que o papel da Universidade sim é mostrar toda essa teoria, todas as questões teóricas da pedagogia, mas pelo menos na minha época acho que faltava essa questão prática né. Acredito que hoje tenha pelo que os estagiários falam, o Pibid, tem outro programa também que os alunos ficam na escola de maneira mais intensa e como uma carga horária bem maior para já ir vivenciando a prática. Pelo menos a minha experiência quando eu fui dar aula a primeira vez eu tive que fazer um aprendizado in loco, então eu tive que ir aprendendo durante a minha própria experiência profissional. Eu acho que fazer uma base de teoria, como era realizado porque não tenho certeza se é dessa maneira, mas que essa parte prática é muito importante também, porque aí você consegue fazer uma ida e uma volta, para vocês leram o texto tal, do pensador tal, como é que foi lá na prática? É complementar para uma coisa ou outra? É verdade ou não é?”, trazer essa discussão com as diferentes experiências que os alunos tem nas diferentes escolas.

**Pesquisadora: 10) Na sua opinião qual é o papel da escola no processo de formação inicial do futuro professor?**

**PC-4:** Olha o papel da escola eu não sei, mas o papel dos professores da escola com certeza é auxiliar nesse processo de aprendizado. Eu vejo na minha escola as portas totalmente fechadas para alunos da Pedagogia, porque as professora não desejam ninguém, nas palavras delas analisando ou julgando o trabalho delas, então eu acredito que nós precisamos desse momento do estágio, então os alunos que vem pela frente também precisam, se eles não tiverem essa oportunidade vai ficar uma lacuna. Então eu acho que o papel da escola e dos professores é contribuir nessa formação de maneira bastante enfática ainda porque nós estamos na realidade ali, nós estamos na escola e ali é o laboratório real do que vai acontecer na vida profissional do aluno.

**Pesquisadora: 11) Qual é o papel do professor colaborador na formação do futuro professor?**

**PC-4:** Eu acho que o meu papel é exatamente esse é mostrar que a nossa área, a Educação Física é uma área renegada ainda, uma área bastante...com muitos preconceitos pela sociedade, mas que é uma área muito importante na escola, mas apesar de tudo isso é uma área que eu valorizo demais e procuro mostrar para os alunos que existem caminhos e possibilidades na escola. É então todos os anos quando eu recebo a ligação, o contato da Universidade para vários estagiário é um momento que com certeza, o meu primeiro semestre ele é muito motivado pelos estagiários que estão lá, porque não é que eu queira fazer algo só para eles, mas eu quero mostrar tudo o que eu faço para eles em pouco tempo, para tentar incentiva-los estarem na escola, quanto mais pessoas empenhadas na escola melhor para todo mundo.

**Pesquisadora: 12) Em que período da formação inicial você acredita que deva iniciar o contato do estagiário com a escola? E explica para mim por quê?**

**PC-4:** Então assim o que eu tenho acompanhado é que os alunos têm algumas bolsas de alguns programas logo cedo né, eu costumo pega-los no terceiro ano da Universidade então acho que seja um momento que eles já estão com muitas tarefas e eles acabam não levando o estágio de maneira tão efetiva, porque eles tem que dividir as tarefas deles ou com outros estágios ou com outros programas, fazer matérias coisas assim. Eu acho que quanto antes começar melhor, talvez de maneira gradual, talvez de maneira mais dirigida, mas eu acredito que desde o primeiro ano eles teriam que ter algum contato com a escola.

**Pesquisadora: 13) De que maneira deve ser iniciado esse contato com a escola?**

**PC-4:** Ah eu acho que a ponte tem que ser através de algum professor da Universidade, porque não tem que ser algo do estagiário buscar o estágio pela vontade dele, acho que teria que ter uma parceria com os objetivos bem definidos do que o professor da disciplina pretende levando o aluno para a escola. Então por exemplo o que é feito hoje no estágio supervisionado a todo um contexto para que os alunos cheguem na escola e façam é ... e façam estágio, talvez se em outras disciplinas também tivesse objetivos definidos e que fossem cargas horárias menores para o aluno estar quanto antes na escola acho que seria bastante válido também, ou para verificar algo específico ou ... não sei, para ter o contato o quanto antes com a escola.

**Pesquisadora: 14) Você vê necessidade de formação para desempenhar sua função como professor colaborador no estágio supervisionado? E por quê?**

**PC-4:** Ahh como professor colaborador eu acredito que não, porque o que eles precisam ver lá são as experiências de uma escola e a experiência de uma escola né, eu já tenho doze... dez, doze anos de trabalho é algo que a gente vai ganhando com o tempo né, essa experiência do dar aula, do lidar com as crianças, de falar a linguagem adequada, é nesse aspecto então acho que não. Se você pensar em aspectos que a educação está mudando né que novas abordagens elas aparecem como a baseada em projetos e tal, ai sim, o professor ele precisa ou tá atento a essa movimentação que acontece, um caso bastante recente é a BNCC, ou você estudar por conta própria ou ai sim fazer alguns cursos para que esteja de acordo com a realidade, com o .... com as novas diretrizes para educação.

**Pesquisadora: 15) O professor, você né no caso, participa de alguma formação continuada (cursos, leituras, grupos de estudo, eventos científicos...). E com qual frequência?**

**PC-4:** Bem pouco, bem menos do que eu gostaria é porque que nem eu te falei, hoje eu tenho uma carga horária de 50 aulas por semana é trabalho que não acaba na escola ele se estende até nas nossas casas, finais de semana. Então bem aquém do que eu gostaria, faço um curso ou outro, faço algumas leituras, as vezes a troca com os estagiários, né eu tenho estagiário o ano todo numa outra escola, mas cursos como eu gostaria é não faço tanto.

**Pesquisadora: 16) Quem deve ser o responsável pelo seu processo de formação continuada? E por quê?**

**PC-4:** Bom acho que uma grande parte é pessoal, acho que as pessoas deveriam buscar esses cursos sem dúvida, mas as empresas também podem promover essas atualizações. Então se a escola que eu trabalho é busca um curso que acredita que vai ter um grande impacto profissional ou na prática pedagógica acho que também faz parte, mas acho que o primeiro passo é o próprio profissional buscar algo a mais.

**Pesquisadora: 17) Qual a importância da escola no seu processo de formação professor?**

**PC-4?** Então eu acredito que é isso a escola tem que tá atenta as tendências, então é ... para causar um diferencial no profissional além do próprio professor buscar cursos de atualização e tal a escola também ... acho que acredito que seja possível ofertar alguma coisa. Tem algumas empresas por exemplo o Sesc constantemente oferece atualizações para os profissionais que trabalham lá e cursos e palestras e coisas bastante diferentes que dali dois ou três anos você começa entender porque eles ofereceram aquele curso, porque ele já tá vindo lá na frente. Então acho que as empresas, que também as escolas têm esse papel importante de estar atentas ao mercado, ao mercado não ... aos cursos, as atualizações.

**Pesquisadora: 18) Como descreveria a sua relação com o professor da Universidade responsável pelo estágio supervisionado?**

**PC-4 :** Bacana, acho importante, a gente troca bastante figurinhas eu e ela assim, ela me convida para eu fazer parte do grupo de estudo, mas infelizmente a minha rotina não permite. E eu acho que é bacana a gente sempre tá trocando informações, acho que poderia ser mais efetivo, mas é o que eu te falei as rotinas não batem, os horários da Universidade não batem com os meus horários, mas é uma relação bastante bacana sim, eu sei que ela conta comigo mas eu também estou sempre pronto para receber os alunos na escola.

**Pesquisadora: 19) E como você avalia os Estágios Curriculares Supervisionados para a formação dos futuros professores?**

**PC-4:** É posso pensar em dois pontos agora, primeiro o que eu faço e o segundo o que eu ouço deles. Então primeiro assim eu procuro como eu já falei para você fazer o máximo o melhor do meu trabalho para que eles vejam e para que eles queiram ir para a escola, só que por outro lado eles falam dos estágios dos outros níveis que eles fazem né. Então eu recebo os estagiários na Educação Infantil quando eles vão para o Ensino Fundamental 1, 2 e para o Médio é as realidades são diferentes porque uma escola pública Estadual tem uma característica diferente da pública Municipal , mas os professores não deveriam ser diferentes né , os professores deveriam ter a mesma conduta , os professores deveriam valorizar o cargo até por esse motivo eu acredito um pouco essa visão que o senso comum tem do profissional de educação Física , porque assim como eu já vivi isso e os estagiários vivem hoje eu tenho colegas que sabidamente fazem isso é uma aula que... é uma aula que você está só cuidando das crianças, você só está lá fornecendo material , mediando alguma coisa mas você não tá dando aula efetivamente . Então é na minha escola eu posso dizer que a importância do estágio é muito grande e que nos outros níveis também, mas que isso não é absorvido pelos estagiários. Eu sinto nos discursos deles que alguns anos... já falaram isso para mim "só a Educação Infantil vale apenas fazer estágio, nos outros anos não valeu porque fomos lá e o professor não foi ou a gente teve que dar aula, ou era os meninos jogando bola e as meninas vôlei. Então assim acho que falta muito dos profissionais por isso também que eu procuro ao máximo fazer com que os alunos queiram ir para a escola porquê dessa maneira a gente faz uma reformulação talvez no médio ao longo prazo da nossa área.

## **Apêndice G – Entrevista Estagiário 4**

**Pesquisadora: 1) Qual o seu nome e a sua data de nascimento?**

**E-4:** [REDACTED], minha data de nascimento é 18 de janeiro de 1996.

**Pesquisadora:2) Qual período você tá cursando da graduação?**

**E-4:** É eu to no quinto ano, no décimo primeiro período

**Pesquisadora:3) Qual etapa de ensino você estaria acompanhando no estágio, nesse momento?**

**E-4:** É então eu estou acompanhando a Fundamental 1 estou no meu quarto estágio.

**Pesquisadora:4) Então quantos estágios você já cursou? Fala para mim quais são eles?**

**E-4**Eu estou fazendo o quarto estágio né. Educação Infantil, Ensino Fundamental - 1 e 2 e Ensino Médio.

**Pesquisadora: 6) E então o que significa estágio para você?**

**E-4:** É eu acho que uma forma para gente começar a ver como é trabalhar na área que a gente escolheu né. Então dentro da Educação Física na licenciatura o estágio serve para a gente entrar na escola , vê como funciona a rotina escolar, as aulas, conhecer professor, é conhecer diretor, essas coisas, ter um networking, aprender sobre aulas e dinâmicas , é meio que um meio de campo entre a Universidade né, tudo o que você aprendeu na teoria na faculdade né e quando você sai dela e começa a trabalhar naquilo mesmo, ai meio que você já encara... você já tem um pouquinho antes assim , um teste , para ver se é aquilo mesmo, se vai fazer ou não. O professor B da Universidade até brincava... não, não era o Professor B, acho que era o Professor C que brincava, falava que, eu não lembro se era um deles, posso ter errada, que falava que o estágio tinha que ser no primeiro ano da faculdade, para ver realmente, porque deixasse por último podia ver que você desistisse, não gostasse, se não ia gostar e já tinha feito a faculdade inteira né, então tem essa também. Eu acho que é tipo um teste mesmo para você meio que já saber lidar com aquela situação a hora que você começar trabalhar de verdade.

**Pesquisadora: 7) Qual sua opinião sobre o estágio junto ao professor colaborador? A gente chama aqui de professor colaborador, aquele professor que recebem vocês na escola.**

**E-4:** Eu acho... É na minha opinião eu acho que é importante ter o professor óbvio, porque ele que vai mostrar para gente como que funciona a escola que a gente tá entrando né, é então sem o professor acho que ficaria meio, acho que a gente ficaria muito perdido ali, por mais que a gente tem todos os estudos dentro da faculdade né, acho que sem o professor colaborador dentro da escola, a gente não ia saber que caminho seguir, aonde ver. Por mais que eu tive experiências com alguns professores, alguns foram muito bons, alguns foram bem ruins, então a gente tem essa possibilidade de perceber as coisas boas e as coisas ruins para aprender com aquilo né, e ve se tá cer ... se a gente faria igual ou se a gente não faria. Eu lembro que eu fiz Residência Pedagógica com a minha colega A, e a gente fez junto com uma professora e ela ficava muito doida, no sentido bom, "eu nunca vou fazer isso que ela faz, eu nunca vou fazer aquilo e na minha cabeça era o contrário, talvez isso seja legal. Então o professor colaborador te dá essa opção de, não querendo compara

nada, mas te dá esse, esse exemplo de coisas que você pode fazer ou não depois que começar a trabalhar naquela área junto com ele.

**Pesquisadora:8) Na sua opinião qual é o papel da Universidade no processo da sua formação?**

**E-4:** Pera ai, na sua opinião qual é o papel .... É o principal, é a principal fonte de informação que a gente tem para se formar professor na área que a gente escolheu né, sem a Universidade a gente não tem como forma naquilo né, você não consegue ganhar o título da área né, da profissão que escolheu. Ela tipo... ela deve mostrar para gente dar toda a opção para a gente poder se formar mesmo como um bom profissional e dá para gente uuuu... as matérias e tal, rsrs não sei direito. É que eu acho que é assim que é o meio que a gente tem de conseguir se formar né, se tornar esse profissional que a gente está buscando ser, é o caminho para chegar no final assim, sem ela a gente não conseguiria ter a formação.

**Pesquisadora: 9) E como você vê a escola no seu processo de formação?**

**E-4:** Também é a escola ela vem dentro do estágio né, antes de começar os estágios, durante a faculdade se não sabia direito a escola, antes se tinha estudado normal né numa escola... na vida escolar normal depois foi para faculdade, só depois ,lá no final, pro final da graduação que a gente começou a ter contato com a escola mesmo, mas no outro lado, num papel diferente , num papel de não aluno, não era nem professor ,mas tava ali numa situação diferente e eu acho muito importante porque com ela foi o que eu falei no começo entender como é que funciona , para depois que sair , depois que formar começar a trabalhar e ai vê mesmo como é que funciona e ai já começar entender melhor a situação mesmo que com a gente chega na escola no estágio já tá tudo arrumado como o professor da escola, o professor colaborador quer, da rotina dele, a gente chega e entra meio que de supetão ali na rotina do professor e a gente segue ela mais ou menos tentando aprender o máximo que der. E ai ... mesmo com essa dificuldade que tem, mesmo quando a gente for professor ter a nossa rotina ter a nossa maneira de administrar aulas e tudo mais . O papel da escola é nesse sentido de mostrar para a gente como é realmente o mercado de trabalho depois que a gente sair da faculdade.

**Pesquisadora: 10) Para você qual é o papel do professor colaborador nos estágios?**

**E-4:** O papel dele eu acho que é ser o exemplo assim, espelho para gente se ver daqui para frente, é com o professor colaborador que eu vou ver como é que funciona a rotina de aula deles, como é que ele planeja as aulas, como é que ele lida com os alunos, como ele trata os alunos. O papel dele é tipo como um... o caminho para eu ir moldando o meu professor sabe, como eu vou ser professora e o professor colaborador vai me ajudando a guiar isso dentro do estágio, dentro dessa situação que ele comanda, ele que tem a rotina dele e a gente entra lá, mas ele vai me ajudar a moldar, encaixar o meu professor o que eu vou ser, ele vai me guiando junto. Acho que é isso...rsrs.

**Pesquisadora: 11) Que período você acha que deve acontecer o contato inicial com a escola?**

**E-4:** Eu concordo com o que o professor havia falado, que devia ser logo no começo é porque eu mesmo tive, eu fiquei bem frustrada durante os estágios, foi pouquíssimos que eu me encaixei, nossa eu falei legal vou continuar, mas a maioria deles eu quase abandonei tudo e falei não quero mais dar aula na escola nem nada. Eu acho que desde o começo, não o estágio mesmo de cumprir horas e tal até porque acho que o começo da graduação ele vem carregado de bastante hora curricular...é hora de aula, então fica mito puxado, mas assim tipo já começar a ter um contato, não sei como

poderia fazer isso, mas num trabalho na escola ou alguma coisa, sempre buscar mostrar como é trabalhar naquilo desde o começo assim. Eu lembro que na calourada , eu entrei em 2015 e a gente organizou a calourada de 2016 da galera que entrou em 2016, e agente convidou, a gente fez uma aula magna e a gente convidou uma professora , professora Z que foi minha professora, para ela dar essa aula magna, a gente também convidou outra pessoa mas ele não pode ir , para ela falar...fala o que é ser professor de Educação Física, para quem entra, para os calouros, para os bixos que entra já ter uma noção se é aquilo mesmo , se não eles já começam a buscar outras opções ali. Porque a gente teve essa ideia mesmo do tipo de mostra para o pessoal que é isso.

**Pesquisadora:12) Como você imagina que deva ser feito esse primeiro contato com a escola? E como foi o seu? Qual a sua opinião sobre o seu?**

**E-4:** Esse primeiro contato dessa maneira de começando um pouquinho, aos poucos né, então a faculdade ter mais parcerias com as escolas, eu sei que tem bastante já, quando a gente vai para aula de estágio tem uma lista bem grande de escolas para participar, mas assim com o professor mesmo sabe, que nem é no Residência né que tinha os três né, o, mais assim, mas para dentro da graduação. No primeiro ano já ter alguns professores que vem ó mostrar é... uma aula, mostrar fazer uma apresentação a minha escola é assim ou a gente ir lá e visitar, não sei se isso é possível, mas de alguma coisa assim relacionada a isso, algum dia o professor leva a gente para uma escola e vê como é que é. Eu sei que tem alguns professores que tentam fazer isso, mas eu acho que é bem chatinho, essa coisa... essa conexão. E quando eu entrei, quando eu fui a primeira vez , eu fui em uma escola de Educação Infantil né , do meu primeiro estágio, eu fui junto com um amigo, com o meu colega x e eu tava... eu fui bem nervosa , eu tava muito em choque eu lembro que a gente demorou umas duas semanas para ir porque o dia que eu podia ele não podia e eu não queria ir sozinha , eu não queria ir sozinha de jeito nenhum e eu não sei porque , besteira, mas eu falei a gente tem que achar um dia porque vai os dois , eu não vou sozinha , não vou ...rsrs . E ele já tinha feito outros estágios, porque ele entrou em outras graduações, eu acho que ele se eu não me engano ele já tinha contato com a escola, ele não tava tão nervoso quanto eu, mas eu falei vamos juntos por favor. E ai a gente demorou uma ou duas semana para ir, para tal dia que os dois iriam, ai conseguimos ir, ai depois foi tranquilo sabe, a primeira semana e segunda foi meia que né, fica toda travada, toda... o professor fala e você não, mas depois disso ficou muito tranquilo. Ai nos outros estágios, eu também nos primeiros dias fiquei meia nervosa, também não queria ir sozinha, mas eu cheguei a ir, mas não foi tão cruel quanto a primeira vez. Eu lembro que depois, eu lembro muito legal dessa situação, eu não fiz estágio certo, na grade horária, na grade da graduação mesmo eu fui puxando eles em momentos diferentes , então eu fiz com outras pessoas além da minha classe, e ai com meu colega X eu me sentia segura come ele, eu tinha que ir com oX para eu ficar tudo bem, ai depois no ultimo estagio que eu fiz, eu fiz com a minha colega Y , que ela é um ano abaixo que eu , e eu percebi que ela se sentia segura de ir comigo, e eu também não sei eu tô aqui perdida, mas ela ficava "eu preciso que você vá comigo, eu preciso que você vá comigo, porque eu não quero ir sozinha", ai e falei putz , olha que legal eu tive que segurar no meu colega X e agora tem uma pessoa que segura em mim, muito massa, ai eu tava tentando ajudar ela o máximo que eu pude.

**Pesquisadora:13) Na sua opinião quais são as características que o professor colaborador precisa ter para desempenhar sua função no estágio. Explica para mim o porquê ele precisa ter essas características?**

**E-4:** Olha é complicado falar essas coisas assim né porque é o trabalho dele a situação dele, mas eu acho que assim uma parte muito importante é ele sempre se mostrar disposto a responder pergunta ou mostrar para gente as coisas , então não se sentir preocupado também com as coisas que ele for fazer, porque parece que eles se sentem espionados com os estagiários lá, qualquer coisa que eles fizerem de errado parece que a gente vai lá e vai sair no jornal e falar para todo mundo que fizeram um monte de coisa errada e na verdade a gente vai comentar sim, mas no sentido para aprender com aquilo, nas aulas também ninguém vai sair falando sobre aquilo. Eu acho que eles deveriam ter sempre essa característica de sempre se mostrar disposto a responder e perguntar também né é provável que a gente tem uma coisa nova para mostrar e eles também. E principalmente mostrar para gente o que eles fazem sim, chegar e meu caderno de planejamento de aula e ele vai lá e e não tem vergonha de mostrar mesmo que, tá aqui pode copiar e não sei se copiar é legal, mas mostra eu faço assim, assado e tal, mas vocês podem fazer assim e não sei o que. Eu acho que senti algumas ... teve muito desses no meu estágio , muito professor que, o da Educação Infantil que sempre tava ali perguntando, ele chegou levar a ente na casa dele que era muito perto da escola , na hora que a gente saiu da escola ele levou a gente andando mesmo que era na esquina da escola, mostrou que ele tava fazendo materiais para levar para escola foi bem legal enquanto que outros ficam sabe meio travados ali, ficam com dificuldade, com medo mesmo de fazer alguma coisa errada e a gente não sabe lidar com isso, mas sei lá se mostrar disposto a u conversa e só , talvez isso eu fiz legal, que você acha disso , que você não acha e trocando essas informações ai sobre a escola mesmo, trocar informações que a gente também traz da universidade.

**Pesquisadora:14) Como é ou como foi a sua relação com o professor colaborador?**

**E-4:** Olha como eu falei eu tive alguns né, tanto porque eu estou fazendo o quarto estágios, mais três semestres de Residência, então acho que na conta deve ter dado uns seis, sete, teve algumas vezes que foi junto, eu devo ter tido por ai uns seis professores colaboradores. Óh a relação era ...não sei, mas eu sempre tive uma relação profissional assim da porta da escola e pronto, depois disso, eu nunca passei disso, e disse assim vamos sair, para conversar, comer um treco, tomar um café, eu não... eu não tinha muito essa coisa de fazer, mas eu nunca tive isso com qualquer outro tipo de professor...rsrs. Mas é sempre foi uma relação muito tranquila assim , nunca teve grandes...mal entendidos, teve algumas vezes com a professora do estágio, lá da escola que ela as vezes falava meio grossa , meio brava , dava umas patada na gente, a gente ficava meio em choque assim, mas ok, rsrs é o jeito dela , a gente também não vai arrumar briga aqui .Eu lembro que a minha parceira de estágio saiu de lá uma vez cuspidando fogo porque a professora realmente foi bem estúpida , bem brava assim com ela , mas depois elas conversaram e ficou tudo bem . Eu acho que mais problema que eu tive com relação foi com essa professora, mas que era o jeito dela, ela conversava assim com todo mundo, não só com a gente, mas era muito tranquilo assim, nada muito diferente do que deveria ser, eu acho.

**Pesquisadora: 15) Como você avalia as escolas pelas quais passou pelo estágio para a sua formação?**

**E-4:** Eu avalio assim de uma forma muito legal, porque eu vivi , eu tive né... eu consegui ter experiência, é eu experimentei , muitas escolas diferentes né, teve a escola X que teve uma organização muito boa , que a escola funcionava redondinha ,é não tinha problemas de estrutura , nem de aluno que fazia bagunça ou falta ou vandalismo e nem nada , era muito legal e tive experiências com escolas que tinham

muito problema , principalmente a escola W que tinha muito problema, tanto estruturais, como de manutenção e tudo mais, quanto de gestão né, a gente percebia que o professor não tinha uma relação tão boa com a coordenação , então ficava batendo de frente toda a hora , tinha um problema muito grande com os pombos na quadra, que ela chegou a ser interditada não sei se você lembra dessa história , foi a principal, foi uma das principais do Residência, das conversas do Residência Pedagógica. Então eu tive... eu tive experiências muito positivas no sentido de conhecer, não dentro ali , não foi nada positivo , mas assim na escola W eu consegui aprender várias coisas assim, que eu tipo não tinha quadra para fazer minhas regências , né a gente não tinha quadra , então tava impossível de fazer qualquer coisa lá , então a gente tinha que adaptar toda aula para um pátio que por sorte era bem grande o pátio da escola, é uma escola nova então a arquitetura dela já é... novo sabe , tem todo um esquema certinho lá ,enfim então a gente tinha que adaptar tudo, então a gente nas primeiras regências foi bem complicada porque putz a gente queria usar a quadra e não dava , então a gente buscava trazer para o pátio e a partir dessas segunda e terceira a gente já faz tudo no pátio e a gente pensava direto no pátio, a gente fingia que não existia quadra , o papel disso para mim foi positivo na minha avaliação, porque eu consegui experimentar várias coisas . Que nem na escola X tinha uma quadra...tinha duas quadra, uma coberta e uma fechada e a gente usava mais a coberta né , óbvio por causa do sol e tudo mais ,só que a gente...só que não tinha muita diversidade na escola era tudo muito redondinho a gente que meio que fazia, meio que montava , montamos uma regência meio que assim dos sonhos sabe, os alunos participam, a gente tem material , a gente tem uma quadra limpa, a gente tem sabe tudo o que a gente pode imaginar , a gente vai... vai ser ótimo , e aí quando a gente, eu lembro que eu fiz com a colega A, aí quando a gente chegou para fazer a regência tava ventando e muito e a gente fez vôlei sentado com bexiga e aí não consiga porque a bexiga voava o tempo inteiro , e a gente puta , putz né, porque a gente tinha tudo lindo e aí chegou lá no dia que a gente tinha que fazer , que o professor B da Universidade foi assistir né , que ele vai assistir uma regência e tudo mais , um vento assim muito forte , que não deixou a gente fazer a regência do jeito que a gente estava esperando mais a gente deu um jeito lá. É interessante isso né, pô uma escola que tava tudo bonitinho chegou lá e deu tudo errado e uma escola que tem vários problemas, chegava lá e a regência sai perfeita, porque acho que a gente já estava condicionado a pensar em todos os problemas que a gente ia ter. Eu não sei se eu respondi direito a pergunta, mas é isso.

**Pesquisadora: 16) Como você descreveria a sua relação com o professor da Universidade, responsável pelo estágio supervisionado?**

**E-4:** Ahhh dos três né que eu tive foi muito tranquilo, assim você perguntava as coisas e eles te ajudavam bastante. Eu acho que a maior dificuldade que eu tive foi com a professora A da Universidade porque ela tem muitas coisas para fazer, então as vezes dificultava, quando a gente precisava falar com ela, demorava um pouquinho mais de tempo para conseguir mais nada que atrapalhasse muito, mas o professor B da Universidade principalmente eu mandava e-mail para ele dava meia horinha no máximo ele já tinha respondido. Eu lembro que no estágio que a gente fez na escola X antes da gente conseguir a X , a gente tava com uma dificuldade, eu mais cinco pessoas, que a gente não ia conseguir fazer o estágio de tarde , porque a gente tinha aula de tarde , então todas as escolas do Ensino Fundamental 2 , do Ciclo 2, a maioria são a tarde, então a gente tava meu, a gente não vai conseguir fazer esse estágio, como a gente vai cumprir 100 horas tendo aula praticamente todos os dias à tarde , e aí a gente ficou... a gente foi nas escolas e mandando e-mail para o professor da

Universidade o tempo inteiro , a gente vai na escola X, a gente foi na escola Y nas escolas integrais né , a escola X é integral, mas ele só funciona com Ciclo 2, então a chance de ter de manhã era muito , era grande né, porque o nono e o oitavo de manhã e o quinto , o sexto e o sétimo à tarde , então a gente só acompanhou o oitavo e o nono. Então a gente ficava professor a gente vai trocar de escola de novo, aí ele ia lá conseguia todo o esquema, mandava para a diretoria de ensino, voltava e a gente falava professor não deu, não dá o horário muda de novo. É eu sempre achei muito positivo, muito legal essas relações com os professores, sempre se mostrando é ... como é que fala, sempre ali disposto a te ajudar, a organizar certinho para que combinasse os horários da faculdade com os horários de estágio, tinha bastante gente que trabalhava também, então tinha que organizar legal. Hoje né deve tá sendo muito difícil para eles conseguirem fazer estágio, principalmente a turma que entrou agora no curso, porque o curso mudou de horário, o curso era noturno agora virou integral e a carga horária não mudou, então todos os alunos tem que cumprir 100 horas. Eu to tipo dando um pouquinho de graças a Deus que eu já acabei e eu consegui fazer e eu já tive problema mesmo com o curso que eu entrei noturno, mas já tinha algumas aulas que já tinha passado para tarde, eu já tive vários problemas para conseguir fazer e eu to pensando agora nessa galera que tá vindo e vai ter aula de manhã e à tarde e vai ter que fazer estágio também e 100 horas porque a carga horária não mudou , eles podiam meio que... eles mudaram o curso e não fizeram as adaptações para aquilo mas eu também ansiosa com isso ai , eu to esperando a galera vindo conversar "viu não tá dando e tal ". Mas enfim foi bem fácil a comunicação com eles, os professores sempre muito dispostos a nos ajudar.

**Pesquisadora: 17) Como você avalia os estágios curriculares para a sua formação?**

**E-4:**Ahh eu avalio de maneira muito positiva porque me mostraram o que realmente é, para aquilo que eu estou estudando né, tipo me mostrou você tá aqui todos esses anos, você entrou no vestibular para trabalhar nessa área, nisso aqui que a gente tá te mostrando com o estágio. Para mim positivo porque como eu te falei eu fiquei bem frustrada , eu não queria trabalhar com isso , até hoje eu fico meio doida , meio conturbada com isso, é mesmo a Educação Física escolar que vai me cativar?!, pode ser que ela, vou acabar agora com a monografia e eu entre ele vou trabalhar com aquilo e eu me apaixonei totalmente porque seja uma situação diferente do estágio que eu tive, mas pode ser também que eu chegue lá e eu não , o estágio tava certo , porque não vai rolar, porque eu. Principalmente o estágio lá na escola W para mim foi um choque de realidade, total, eu tava toda com a cabeça da faculdade a Educação Física Escolar e tal é maravilhoso, é tudo lindo e tal, a gente pode mudar a vida de todo mundo e a hora que eu cheguei lá na escola W eu vi a realidade da rede pública, do descaso, tanto da coordenação, tanto do professor, tanto dos alunos, mas dentro de uma situação que não era culpa deles, mas o descaso deles aumentava a proporção do problema. E aquilo para mim foi bem horrível, um choque de realidade total, mas eu avalio como positivo porque teve mostrado essa situação e eu não sai da faculdade achando tudo lindo e maravilhoso.

## ANEXOS

### Anexo A - Relatório De Estágio

#### 1. IDENTIFICAÇÃO DO ESTAGIÁRIO

Estagiário			
IES/Código			
Curso			
Docente Orientador			
Professor da Escola:			

2. **REGENCIA ESCOLAR** (obrigação carga horária de no mínimo 100 horas para homologação)

2.1 Código/Nome da(s) Escola (s):

2.2 Etapas de atuação:

2.3 Quantidade de turmas nas quais atuou:

2.4 Quantidade de alunos (somar os alunos, quando houver mais de uma turma):

Descrição da Atividade	Período da realização da atividade	Quantidade de horas	Conteúdos trabalhados	Metodologias e didáticas utilizadas

#### 3. DESCRIÇÃO/CRONOGRAMA DAS DEMAIS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA ESCOLA

Elaboração do Projeto	Período de realização		Quantidade de horas	

Ambientação e conhecimento da escola	Período de realização		Quantidade de horas	

Avaliação	Período de realização		Quantidade de horas	

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

--

## Anexo B - Parecer Aprovação Comitê De Ética E Pesquisa



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Estágios Curriculares Supervisionados no curso Educação Física: um olhar para o papel do professor colaborador.

**Pesquisador:** Dijnane Fernanda Vedovatto

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 33969620.2.0000.5504

**Instituição Proponente:** CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.278.257

#### Apresentação do Projeto:

Resumo:

O Estágio Curricular Supervisionado (ECS) pode articular diferentes saberes, sendo reconhecido como uma etapa fundamental na formação de professores. Diversos são os normativos sobre o ECS, abordando questões como carga horária, instituições responsáveis, obrigações e fiscalização. Através dos ECS os futuros professores têm a possibilidade de estarem inseridos em seu campo de atuação, os estagiários podem compreender que essa etapa proporcionará experiências no contexto da sua futura profissão. As Instituições de Ensino Superior (IES), juntamente com as escolas campo podem desenvolver um trabalho que contribua com a formação de professores. Nesse processo é fundamental que haja um trabalho articulado entre escolas e universidades visando a formação dos futuros professores. Nesse sentido, o professor que recebe o estagiário na escola é uma figura central nesse processo, entretanto, no âmbito dos ECS, consideramos escassa a atenção dada para a figura desse professor, o que nos parece estranho dada a sua importância no processo formativo dos professores. Deste modo, o objetivo desse estudo é compreender o papel dos professores colaboradores nos ECS do curso de Educação Física de uma Universidade pública do

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP **Município:** SAO CARLOS

**Telefone:** (16)3351-9685

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.278.257

interior do estado de São Paulo. A pesquisa qualitativa, estudo de caso exploratório-descritivo, tem como técnicas: análise documental dos documentos que regem o ECS e entrevistas semiestruturada com os professores colaboradores. Espera-se que ao final dessa investigação seja possível identificar e compreender alguns pontos importantes de um dos agentes do estágio, o professor colaborador.

#### Introdução

Considerando as horas destinadas a prática, o que se espera é que essas sejam então realizadas de acordo com o que é estabelecido para esse momento, prezando para que cada protagonista desenvolva a sua função na formação inicial de professores. O Estágio Curricular Supervisionado articula diferentes conhecimentos, sendo fundamental nos cursos de formação de professores, ele possibilita a inserção do futuro professor no seu ambiente de trabalho, com o objetivo de promover atividades pedagógicas que articulem teoria e prática. O estágio visto como campo de conhecimento “se produz na interação entre curso de formação inicial e o campo de trabalho no qual se desenvolvem as práticas educativas” (PIMENTA; LIMA, 2011, p 29).As diretrizes apresentam que ocorra uma formalização entre a instituição formadora e associada, a prática deve ser acompanhada por um docente da IES e um professor experiente da escola objetivando a articulação entre a teoria e a prática e entre a instituição formadora e o campo de atuação.(BRASIL 2019).Para Gatti (2019) o ECS constitui-se em um desafio para as instituições de formação e para as escolas de educação básica que recebem os estagiários. Mesmo os estágios sendo compreendidos como um espaço importante para imersão do futuro professor em seu contexto profissional, com oportunidade de vivenciar os momentos que fazem parte da formação do docente, diversas são as dificuldades para proporcionar ao estudante uma experiência significativa.Um deses dificuldades do estágios para formação dos professores está relacionada ao Professor Colaborador.O PC compreende na maioria das vezes que a sua colaboração no estágio consiste na abertura das portas de sua sala de aula para diversos estagiários, reproduzindo condutas que acreditam ser válidas para a

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP

**Município:** SAO CARLOS

**Telefone:** (16)3351-9685

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.278.257

formação profissional, pois sua prática foi exatamente assim. (VEDOVATTO IZA e SOUZA NETO, 2015). Benites et. al, (2015, p. 106) em relação a função desse PC afirma ainda: “espera-se que ele realize uma mediação entre o estagiário e os saberes da profissão docente, por meio de ação formativa pautada em uma compreensão teórico-prática da profissão docente e em saberes relativos às aprendizagens profissionais.” Qual seria então o papel do professor colaborador na formação de professores de Educação Física no âmbito ECS.

**Hipótese:**

Com os resultados obtidos e através dos instrumentos da pesquisa utilizados , espera-se que através dos ECS alguns pontos importantes de um dos agentes do estágio, o professor colaborador sejam identificados e compreendidos. Como comprometimento em receber estagiários, como alguém que busque formação e ferramentas que o auxiliem no desenvolvimento das competências dos estagiários e o seu processo reflexivo profissional e que tenha um bom vínculo com as IES. (BENITES col., 2015). Possibilitando assim que IES e escolas caminhem juntas fortalecendo a formação inicial e a valorização de professores.

**Metodologia Proposta:**

Considerando as horas destinadas a prática, o que se espera é que essas sejam então realizadas de acordo com o que é estabelecido para esse momento, prezando para que cada protagonista desenvolva a sua função na formação inicial de professores. O Estágio Curricular Supervisionado articula diferentes conhecimentos, sendo fundamental nos cursos de formação de professores, ele possibilita a inserção do futuro professor no seu ambiente de trabalho, com o objetivo de promover atividades pedagógicas que articulem teoria e prática. O estágio visto como campo de conhecimento “se produz na interação entre curso de formação inicial e o campo de trabalho no qual se desenvolvem as práticas educativas” (PIMENTA; LIMA, 2011, p 29).As diretrizes apresentam que ocorra uma formalização entre a instituição formadora e associada, a prática deve ser acompanhada por um docente da IES e um professor experiente da escola objetivando a articulação entre a teoria e a prática e entre a instituição

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP

**Município:** SAO CARLOS

**Telefone:** (16)3351-9685

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.278.257

formadora e o campo de atuação.(BRASIL 2019).Para Gatti (2019) o ECS constitui-se em um desafio para as instituições de formação e para as escolas de educação básica que recebem os estagiários. Mesmo os estágios sendo compreendidos como um espaço importante para imersão do futuro professor em seu contexto profissional, com oportunidade de vivenciar os momentos que fazem parte da formação do docente, diversas são as dificuldades para proporcionar ao estudante uma experiência significativa.Um deses dificuldades do estágios para formação dos professores está relacionada ao Professor Colaborador.O PC compreende na maioria das vezes que a sua colaboração no estágio consiste na abertura das portas de sua sala de aula para diversos estagiários, reproduzindo condutas que acreditam ser válidas para a formação profissional, pois sua prática foi exatamente assim. (VEDOVATTO IZA e SOUZA NETO, 2015). Benites et. al, (2015, p. 106) em relação a função desse PC afirma ainda: "espera-se que ele realize uma mediação entre o estagiário e os saberes da profissão docente, por meio de ação formativa pautada em uma compreensão teórico-prática da profissão docente e em saberes relativos às aprendizagens profissionais." Qual seria então o papel do professor colaborador na formação de professores de Educação Física no âmbito ECS.

Tamanho da Amostra no Brasil: 10

#### Metodologia

O tipo de pesquisa proposta é qualitativa.A pesquisa está no campo educacional e se insere no contexto da formação de professores. Essa será do tipo estudo de caso exploratório descritivo, segundo Gil (2002) é um estudo aprofundado sobre objetos que podem ser um indivíduo, uma organização, um grupo ou fenômeno, o pesquisador se envolve de maneira rigorosa e exaustiva. Através desse método é possível investigar situações da vida real, preservar o caráter único do objeto, explorando, descrevendo, explicando, avaliando e/ou transformando.A opção por esse tipo de pesquisa se deu devido a investigação ocorrer dentro do Estágio Curricular Supervisionado - Educação Física de uma Universidade Pública

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP

**Município:** SAO CARLOS

**Telefone:** (16)3351-9685

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.278.257

do interior de São Paulo, com o fim de se aprofundar na figura do professor colaborador. As técnicas de coleta de dados serão: análise documental e entrevistas semiestruturadas com professores colaboradores e alunos do curso de Educação Física. Os participantes da pesquisa são professores de Educação Física que estão em exercício profissional e que recebem estagiários nas escolas, e estagiários do curso de Educação Física que tenham disponibilidade e aceitem participar da pesquisa assinando um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas serão realizadas individualmente em local e horários estabelecidos pelo entrevistado, deverá ser gravada em áudio e transcrita para análise das informações.

**Critério de Inclusão:**

Os participantes da pesquisa serão professores de Educação Física que estão em exercício profissional e que recebem estagiários nas escolas, e estagiários do curso de Educação Física.

**Metodologia de Análise de Dados:**

Para análise será utilizado a técnica de análise de conteúdo temático. Esse tipo de análise se constitui através de categorias temáticas, que são emergentes dos dados (FRANCO, 2008). Essas surgirão do que foi encontrado das fontes documentais, das entrevistas semiestruturadas e dos grupos focais. Segundo Minayo (1998), a análise de conteúdo do tipo categorial temática busca "descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado" (p.209). A análise categorial temática funciona em etapas, por operações de desmembramento do texto em unidades e em categorias para reagrupamento analítico posterior. Se efetiva-se em três fases: pré-análise, exploração do material, tratamento e tratamento de inferências

**Desfecho Primário:**

Compreender o papel do professor colaborador na formação de professores de Educação Física em uma Universidade pública do interior de São Paulo, no âmbito ECS.

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP

**Município:** SAO CARLOS

**Telefone:** (16)3351-9685

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.278.257

**Desfecho Secundário:**

Investigar as percepções que os (as) professores (as) colaboradores (as) e estagiários tem em relação aos saberes desenvolvidos pelo professor (a) colaborador (a) nos ECS. Levantar e analisar as percepções dos professores colaboradores sobre o trabalho que desenvolvem nos ECS; Analisar a relação que tem se estabelecido entre Universidade e escola nos âmbitos dos ECS.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

O objetivo do estudo é compreender o papel do professor colaborador na formação de professores de Educação Física em uma Universidade pública do interior de São Paulo, no âmbito ECS.

**Objetivo Secundário:**

Os objetivos específicos desse estudo é :1) Investigar as percepções que os (as) professores (as) colaboradores (as) e estagiários tem em relação aos saberes desenvolvidos pelo professor (a) colaborador (a) nos ECS.2) Levantar e analisar as percepções dos professores colaboradores sobre o trabalho que desenvolvem nos ECS;3) Analisar a relação que tem se estabelecido entre Universidade e escola nos âmbitos dos ECS.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Estresse e desconforto resultado da exposição de opiniões pessoais em responder perguntas que envolvem as próprias ações.

**Benefícios:**

A pesquisa poderá trazer benefícios em relação a reflexão do tema fornecendo subsídios as discussões na área de formação de professores. A obtenção de dados será utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão resultar em construção de novos conhecimentos na área de Educação e Educação Física. Os participantes ainda tem a possibilidade de refletirem sua prática.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

vide campo conclusões.

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP

**Município:** SAO CARLOS

**Telefone:** (16)3351-9685

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.278.257

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

vide campo conclusões.

**Recomendações:**

vide campo conclusões.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

As adequações solicitadas no parecer 4.196.394 de 22/09/2020 foram atendidas.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1534252.pdf	10/08/2020 12:56:41		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	_PROJETO_JULIANA_APARECIDA_PEREIRA.pdf	10/08/2020 12:53:16	JULIANA APARECIDA PEREIRA	Aceito
Outros	_CARTA_PARECERISTA.pdf	10/08/2020 12:41:55	JULIANA APARECIDA PEREIRA	Aceito
Cronograma	_CRONOGRAMA_DA_PESQUISA.pdf	10/08/2020 12:38:22	JULIANA APARECIDA PEREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	_TCLE_PARTICIPANTES.pdf	10/08/2020 12:38:08	JULIANA APARECIDA PEREIRA	Aceito
Outros	_ROTEIRO_ENTREVISTA_PROFESSOR_COLABORADOR.pdf	10/08/2020 11:20:55	JULIANA APARECIDA PEREIRA	Aceito
Folha de Rosto	_FOLHA_DE_ROSTO.pdf	23/06/2020 10:18:36	JULIANA APARECIDA PEREIRA	Aceito
Solicitação registrada pelo CEP	Troca_de_Pesquisador_Responsavel_Juliana_Aparecida_Pereira.pdf	16/06/2020 14:29:10	FERNANDA CARNEIRO RODRIGUES ESTRELLA	Aceito
Declaração de concordância	declaracao_concordancia_juliana_pereira.pdf	16/06/2020 14:29:10	FERNANDA CARNEIRO RODRIGUES ESTRELLA	Aceito

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP

**Município:** SAO CARLOS

**Telefone:** (16)3351-9685

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.278.257

Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	REQUERIMENTO_PESQUISADOR_RESPONSAVEL.pdf	23/04/2020 21:28:54	JULIANA APARECIDA PEREIRA	Aceito
Outros	_ROTEIRO_ENTREVISTA_ESTAGIARIO.pdf	03/04/2020 19:15:04	JULIANA APARECIDA PEREIRA	Aceito
Orçamento	_ORCAMENTO_DA_PESQUISA.pdf	03/04/2020 18:08:19	JULIANA APARECIDA PEREIRA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO CARLOS, 15 de Setembro de 2020

---

**Assinado por:**  
**ADRIANA SANCHES GARCIA DE ARAUJO**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP

**Município:** SAO CARLOS

**Telefone:** (16)3351-9685

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br